

COLÉGIO PEDRO II

Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura
Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica

Katiany Khristiny Coutinho Silva de Souza

RECONECTAR CRIANÇAS E NATUREZA:
possibilidades para a Educação Infantil

Rio de Janeiro
2022



Katiany Khristiny Coutinho Silva de Souza

RECONNECTAR CRIANÇAS E NATUREZA: possibilidades para a Educação Infantil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Orientadora Professora Dra. Aline Viégas

Rio de Janeiro
2022

COLÉGIO PEDRO II

PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA, EXTENSÃO E CULTURA

BIBLIOTECA PROFESSORA SILVIA BECHER

CATALOGAÇÃO NA FONTE

S729 Souza, Katiany Khristiny Coutinho Silva de

Reconectar crianças e natureza: possibilidades para a Educação Infantil / Katiany Khristiny Coutinho Silva de Souza. - Rio de Janeiro, 2022.

150 f.

Dissertação (Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura.

Orientador: Aline Viégas.

1. Educação infantil - Estudo e ensino. 2. Meio ambiente. 3. Meio ambiente e crianças. I. Viégas, Aline. II. Colégio Pedro II. III Título.

CDD 372.21

Katiany Khristiny Coutinho Silva de Souza

RECONECTAR CRIANÇAS E NATUREZA: possibilidades para a Educação Infantil

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Práticas de Educação Básica.

Aprovado em: ____/____/____.

Banca Examinadora:

Profª Drª Aline Viégas - CPII (Orientadora)

Profª Drª Maria Cristina Ferreira dos Santos - UERJ

Prof. Dr. Marco Antônio Santoro Salvador – CPII

Prof. Dr. Marcelo Borges Rocha – CEFET (Suplente)

Prof. Dr. Eduardo Capossoli - CPII (Suplente)

Rio de Janeiro
2022

Às minhas filhas Ágatha e Any, minhas maiores motivações.

A todas as crianças das creches e pré-escolas, potências, fontes das inspirações que deram sentido a esta jornada.

Aos educadores que se dedicam com amor, todos os dias, para fazer a diferença na educação.

À minha família que sempre me apoiou e acreditou em mim.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, a Deus, por me permitir viver momentos incríveis, por me capacitar, me sustentar, por ter me dado condições para chegar até aqui, por realizar os meus sonhos e fazer muito mais do que imaginei. Porque Dele e por Ele são todas as coisas. Tudo vem de Ti. Obrigada Senhor!

Aos meus pais, Kátia e Waldyr, por todo investimento que fizeram, por sempre me incentivarem, pela dedicação e amor incondicional. Por me darem força e me mostrarem que sou capaz. Por terem cuidado da minha filha com tanto carinho nos momentos da minha ausência. Por terem me dado todo apoio e suporte sempre que precisei. Sem vocês eu não conseguiria. Muito obrigada por tudo!

À minha orientadora, Dra. Aline Viégas, por ser humano incrível com um coração lindo, pelo exemplo de mestre. Por toda paciência e dedicação que teve comigo, por toda parceria, disponibilidade e ajuda, por estar sempre por perto me auxiliando e ensinando. Obrigada por acreditar nesse projeto e ter contribuído para que ele fosse realizado.

Ao meu marido Rodrigo, que sempre me incentivou e acreditou em mim. Pela paciência, companheirismo e parceria. Por estar sempre por perto acompanhando todos os momentos de luta e angústia e me agraciar com palavras de conforto e ânimo.

Ao meu irmão Raphael, pelo exemplo de dedicação, persistência e disciplina, você me inspira. Obrigada pelo incentivo e sempre me ajudar quando preciso.

À minha tia Priscila por ter ajudado meus pais na missão de cuidar da minha filha nos meus momentos de estudo e escrita. Obrigada por todo amor e carinho.

Às minhas filhas, Ágatha por ter sido minha companheira de escrita desde a gestação, mamãe passava horas escrevendo e sentindo você mexer dentro da minha barriga, me desculpe por ter passado muito tempo na mesma posição, isso pode ter te incomodado. Obrigada por lidar com meus momentos de ausência e ter se comportado muito bem com os vovós, a titia e o papai. Any, ainda tão pequenina está crescendo no meu ventre, mas se tornou a minha companheira no finalzinho da dissertação, obrigada por ter se comportado bem aqui dentro e permitido que a mamãe concluísse o mestrado. Filhas, vocês despertaram o melhor de mim, foram o combustível para que eu chegasse até o final. Vocês são os melhores presentes que eu poderia ganhar, minhas heranças e recompensas. Obrigada por existirem!

A todos os profissionais e colegas de trabalho da Creche Ana Maria da Cruz Silva, equipe maravilhosa que tenho orgulho em fazer parte. Em especial a direção Carla, Sylvia, Sônia, Sheila e as minhas queridas parceiras de sala de aula Catarina e Beth, obrigada por toda compreensão, por terem suprido as minhas ausências, por todo suporte, incentivo, amizade e carinho. Não tenho palavras para agradecer. Vocês foram incríveis e fundamentais para que a realização desse mestrado fosse possível.

Às minhas queridas amigas Erika, Elaine, Zuleide e Carlinha, que estiveram comigo acompanhando de perto toda trajetória. Obrigada pela amizade, pelo ombro amigo nos momentos de desabafos, pelas conversas e orações.

À professora e amiga Zuleide por me presentear com seus dons artísticos e ter feito o desenho da árvore de categorias e às suas crianças com os desenhos que ilustraram e tornaram esse trabalho muito mais bonito.

A todos os professores do MPPEB, por compartilharem seus conhecimentos e experiências, vocês contribuíram significativamente para a minha formação enquanto professora e pesquisadora.

A todos os alunos da turma 2019 do MPPEB, obrigada por todas as trocas, pelas palavras de apoio e pela parceria mesmo com o distanciamento da pandemia e por todos os momentos maravilhosos que tivemos no Colégio Pedro II, que deixarão saudade. Admiro muito o trabalho de cada um. Em especial Ruth, Simone e Viviane, minhas parceiras de Educação Infantil, obrigada pela amizade, pelas trocas de experiências e pelo companheirismo. À amiga Laís por ter compartilhado comigo além da rotina acadêmica, por ter dividido toda ansiedade e desafios da gestação que passamos juntas durante o período do mestrado, construímos uma linda amizade para a vida. Obrigada por tudo!

A todos os professores que participaram do curso online, pelos nossos riquíssimos encontros, pela troca de experiências e reflexões. Vocês contribuíram de forma significativa e enriqueceram essa pesquisa. Em especial às queridas Val e Ruth pela amizade, apoio, força e elogios. Obrigada por toda motivação durante o curso.

A todas as crianças que passaram pela minha trajetória, vocês foram as minhas inspirações diárias para realizar esse projeto. Obrigada por me ensinarem tanto!

Por fim, reitero, a todos que ajudaram diretamente ou indiretamente nessa conquista: meu muito obrigada!



“O que a criança nos ensina: a estar presente nas próprias ações. Caso contrário ela não sobreviveria! Nós não teríamos sobrevivido. É só na própria experiência que podemos estar presentes, criar procedimentos para nos situar, resolver situações problema, gerar outros modos de olhar e compreender o mundo”

(Deheinzelin14, 2016)

RESUMO

COUTINHO, Katiany Khristiny. **RECONECTAR CRIANÇAS E NATUREZA: possibilidades para a educação infantil.** 2022. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2022.

Em uma sociedade capitalista que visa o consumo demasiado, o homem tem se distanciado cada vez mais da natureza e tem se colocado no papel de dominador e não como pertencente a ela. O resultado disso são os impactos ambientais colocando em risco a nossa própria existência. As instituições de Educação Infantil, por sua vez, têm oferecido às crianças momentos cada vez mais distantes da natureza, pois elas ficam a maior parte do tempo em lugares fechados, emparedadas. Como amar e cuidar de algo que não se tem contato? Percebe-se a urgência de que é preciso reconectar as crianças com a natureza. Além do mais, a Educação Infantil deve ser um espaço que possibilite a exploração da curiosidade e dos desejos das crianças, evidenciando as suas potencialidades, por isso o brincar é tão importante nessa faixa etária. Acreditamos que oportunizar momentos das crianças ao ar livre e a interação com os elementos naturais pode trazer muitas possibilidades para a Educação Infantil, inclusive promovendo a sensibilização das crianças para com as questões ambientais, ao mesmo tempo em que amplia as suas experiências com o mundo. Esta pesquisa busca compreender como as práticas pedagógicas que envolvem o contato com os elementos naturais e o ambiente externo podem reconectar a criança da natureza e criar novas possibilidades para a Educação Infantil; cujos objetivos específicos são: investigar se as práticas pedagógicas que preconizam a interação da criança com os elementos da natureza, de forma livre e espontânea, mobilizam o cuidado com o meio ambiente, propiciam experiências prazerosas e criam possibilidades para a Educação Infantil; analisar propostas pedagógicas que são realizadas em ambiente externo, no âmbito da Educação Infantil, a partir de um curso de formação continuada de curta duração; construir um produto educacional contendo propostas de atividades que reconectem as crianças com a natureza, como orientações pedagógicas para professores. Como procedimento metodológico, opta-se pela pesquisa qualitativa, utilizando-se da pesquisa-ação de cunho exploratório. Os sujeitos da pesquisa são professores e agentes educacionais que atuam na Educação Infantil que participaram de um curso ministrado pela pesquisadora. No curso, os participantes conheceram as práticas pedagógicas propostas no produto educacional vinculado a essa pesquisa, bem como tiveram a possibilidade de estabelecer relações entre o referencial teórico desse estudo e essas práticas apresentadas no curso e contribuir para a construção do produto educacional final, possibilitando-os uma reflexão sobre as suas práticas pedagógicas. A coleta de dados foi realizada junto aos participantes do curso, principalmente por meio de um questionário aplicado no primeiro encontro do curso e de uma entrevista semiestruturada realizada no último encontro; além disso, todas as aulas do curso foram gravadas em vídeo, a fim de que os debates e as interações entre os participantes pudessem, também, gerar dados para essa pesquisa. Os dados passaram pela análise de conteúdo, aplicando-se a técnica de Bardin (2016). Junto desse processo de pesquisa, foi elaborado um produto educacional: um caderno com diversas propostas de atividades que promovem a interação da criança com a natureza, com observações e reflexões para orientar os professores e auxiliá-los em suas práticas pedagógicas, apontando contribuições para inovações que contemplem a questão ambiental, de forma lúdica e prazerosa, na Educação Infantil. Espera-se que a presente pesquisa possa contribuir para práticas mais libertadoras, que respeitem os desejos da criança e propiciem uma maior interação da criança com a natureza.

Palavras-chave: Educação Infantil; Crianças e Natureza; Meio Ambiente.

ABSTRACT

COUTINHO, Katiany Khristiny. **RECONNECT CHILDREN AND NATURE: possibilities for early childhood education.** 2022. 149 f. Dissertação (Mestrado) – Colégio Pedro II, Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura, Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, Rio de Janeiro, 2022.

In a capitalist society that aims to consume too much, man has increasingly distanced himself from nature and has placed himself in the role of dominator and not as belonging to it. The result of this is the environmental impacts putting our very existence at risk. The Early Childhood Education institutions, in turn, have offered children moments that are increasingly distant from nature, as they spend most of their time in closed, walled-in places. How to love and take care of something you don't have contact with? There is an urgent need to reconnect children with nature. In addition, Early Childhood Education should be a space that allows the exploration of children's curiosity and desires, highlighting their potential, which is why playing is so important in this age group. We believe that creating opportunities for children to spend outdoors and interacting with natural elements can bring many possibilities to Early Childhood Education, including promoting children's awareness of environmental issues, while expanding their experiences with the world. This research seeks to understand how pedagogical practices that involve contact with natural elements and the external environment can reconnect the child with nature and create new possibilities for Early Childhood Education; whose specific objectives are: to investigate whether the pedagogical practices that advocate the child's interaction with the elements of nature, in a free and spontaneous way, mobilize care for the environment, provide pleasant experiences and create possibilities for Early Childhood Education; to analyze pedagogical proposals that are carried out in an external environment, within the scope of Early Childhood Education, from a short-term continuing education course; to build an educational product containing proposals for activities that reconnect children with nature, such as pedagogical guidelines for teachers. As a methodological procedure, qualitative research is chosen, using exploratory action research. The research subjects are teachers and educational agents who work in Early Childhood Education who participated in a course given by the researcher. In the course, the participants got to know the pedagogical practices proposed in the educational product linked to this research, as well as having the possibility of establishing relationships between the theoretical framework of this study and these practices presented in the course and contributing to the construction of the final educational product, enabling a reflection on their pedagogical practices. Data collection was carried out with the course participants, mainly through a questionnaire applied at the first meeting of the course and a semi-structured interview carried out at the last meeting; in addition, all the classes of the course were recorded on video, so that the debates and interactions between the participants could also generate data for this research. The data underwent content analysis, applying the technique of Bardin (2016). Along with this research process, an educational product was created: a notebook with several proposals for activities that promote the child's interaction with nature, with observations and reflections to guide teachers and help them in their pedagogical practices, pointing out contributions to innovations. that address the environmental issue, in a playful and pleasant way, in Early Childhood Education. It is hoped that the present research can contribute to more liberating practices that respect the child's wishes and provide a greater interaction between the child and nature.

Keywords: Early Childhood Education; Children and Nature; Environment.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Desenvolvimento da Análise do Conteúdo.....	59
Figura 2 – Árvore das categorias e subcategorias.....	62
Figura 3: Esquema categoria “por que”.....	64
Figura 4: Esquema categoria “para que”.....	65
Figura 5: Esquema categoria “como”.....	66
Figura 6: Ilustração categoria por que.....	67
Figura 7– Desenho sobre a natureza - Professora R.....	75
Figura 8 – Desenho sobre a natureza – Professora V.....	76
Figura 9: ilustração categoria para que.....	80
Figura 10: Relato de experiência de práticas na natureza.....	89
Figura 11: Nuvem de palavras definição de criança.....	92
Figura 12: ilustração categoria como.....	99
Figura 13 - Brincadeira livre no espaço verde, denominado pelas crianças de “Florestinha”.....	128
Figura 14- Brincando com elementos da natureza.....	128
Figura 15- Descobertas na natureza.....	128
Figura 16 - Sentindo as diferentes texturas.....	129
Figura 17 - Brincando de comidinha.....	129
Figura 18: Modelando com o barro.....	130
Figura 19: A arte da natureza.....	130

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Linha do tempo Educação Infantil.....	25
Quadro 2 – Roteiro e conteúdos que serão .abordados no curso.....	55,56
Quadro 3 – Tabela com as categorias e subcategorias da pesquisa	63

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CFN	Ciências Físicas Naturais
DCNEI	Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil
MEC	Ministério da Educação
RCNEI	Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil
EDI	Espaço de Desenvolvimento Infantil
TDAH	Transtorno do Déficit de Atenção com Hiperatividade

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	16
<hr/>	
1.1.Motivação da Pesquisa.....	16
1.2 Problema de pesquisa.....	18
1.3 Justificativa.....	20
<hr/>	
2 OBJETIVOS	22
<hr/>	
2.1 Objetivo Geral.....	22
2.2 Objetivos Específicos.....	22
3 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL.....	23
3.1 Educação Infantil	23
3.1.1 Breve histórico da Educação Infantil.....	23
3.1.2 reflexões sobre as transformações curriculares na história da educação infantil.....	26
3.1.3 Como os documentos oficiais orientam as práticas pedagógicas na Educação Infantil, na perspectiva da relação criança e natureza.....	32
3.2 Criança e Natureza	35
3.2.1 Quem são as crianças da Educação Infantil?.....	35
3.2.2 Como aproveitar a curiosidade natural das crianças para favorecer a construção do conhecimento na Educação Infantil?.....	37
3.2.3 Reflexões sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil.....	40
3.3 O meio ambiente como fonte de possibilidades para a Educação Infantil.....	42
3.3.1Desemparedar: possibilidades para descobertas além da sala de aula.....	42
3.3.2 Resistência à natureza: vista como espaço de sujeira e que traz perigo.	46

3.3.3 É preciso reconectar crianças e natureza.....	51
4 METODOLOGIA	53
4.1 Tipo de Pesquisa	53
4.2 Contexto da Pesquisa.....	54
4.2.1 Desenvolvimento do curso e contexto da proposta.....	54
4.3 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso em campo.....	57
4.3.1 Processo de consentimento livre e esclarecido.....	57
4.4 População e Amostra.....	57
4.5 Instrumentos de Coleta de Dados.....	58
4.6 Metodologia de Análise de Dados.....	59
5. ANÁLISE DOS DADOS.....	62
<hr/>	
6. POR QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?.....	67
<hr/>	
7. PARA QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?.....	80
7.1 Para formar cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente.....	81
7.2 Para contribuir com o desenvolvimento integral da criança	91
7.3 Para criar novas oportunidades de aprendizado para crianças com necessidades específicas.....	97
8.0. COMO REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?.....	99
8.1 Superando os impedimentos que aparecem.....	100
8.1.1 Rotina engessada	100
8.1.2. Desvalorização das famílias	102
8.1.3 Problemas com a infraestrutura.....	105

8.1.4 Como lidar com os riscos e os desafios que as pessoas impõem sobre as propostas junto à natureza?.....	106
8.2 Investindo na formação docente	108
8.3 Permitindo o brincar livre	110
8.4 Utilizando elementos da natureza	117
8.5 Desemparedando	119
8.5.1 Proporcionar mais tempo fora de sala	120
8.5.2 Valorizar os espaços da natureza ao redor da creche	123
9. PRODUTO EDUCACIONAL	127
10. CONSIDERAÇÕES FINAIS	131
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	138
APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES	142
APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA	143
APÊNDICE C- ATIVIDADES DO CURSO	144
ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO	147
ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DA PLATAFORMA BRASIL	150

1 INTRODUÇÃO

1.1 Motivação da Pesquisa

Atualmente, estou lecionando como professora de Educação Infantil, mas sou formada também em ciências biológicas. Sendo assim, sempre procuro contribuir para o segmento da Educação infantil, introduzindo também os conhecimentos da minha formação em ciências. Dentro desse campo de minha formação na graduação, os temas que tenho mais afinidade são educação ambiental e experimentação. Por isso, tenho buscado obter mais conhecimentos sobre essas temáticas através de estudos, tentando sempre estabelecer relações entre eles e a Educação Infantil. A minha caminhada de formação inicial e as minhas vivências como professora da Educação Infantil me levaram a definir o tema de pesquisa apresentado nesse projeto, por isso acho pertinente compartilhar um pouco dessa história e o que me motivou.

Desde o início de minha formação, tive um apreço pelas aulas práticas no ensino de ciências. Tudo começou quando cursei o Curso Normal, no Instituto de Educação Clélia Nanci; eu me identificava muito com a disciplina de CFN, Ciências Físicas Naturais. O professor tinha um projeto de ciências que ia além da sala de aula, realizava práticas para compartilhar com toda a escola e a comunidade. Resolvi participar como monitora do projeto e foi nesse momento que descobri a importância de experimentar e descobrir o mundo em que vivemos. Trabalhamos conceitos de meio ambiente, cidadania e sustentabilidade. Duas atividades que mais me envolvi e me marcaram foram as de reciclagem e cultivo. Coletamos papéis usados e os reciclamos, depois distribuímos para a escola utilizá-los. Cultivamos mudas de plantas, plantamos pela cidade e conscientizamos a comunidade para reproduzir essa prática, mostrando a importância de ter vegetação por perto e os benefícios que ela traz.

Esse despertar para a educação ambiental me fez escolher ser professora de ciências e cursei graduação de licenciatura em Ciências Biológicas. Trabalhei no Ensino Fundamental do primeiro segmento como professora de laboratório de ciências e no segundo segmento como professora de ciências. Conduzi um projeto de ciências chamado 'Clube de Ciências Chico Mendes' com alunos desde a Educação Infantil até o 9º ano do Ensino Fundamental. Prestei concurso para PEI (professora de educação infantil) no município do Rio de Janeiro e hoje atuo somente como professora desse segmento. Muitas pessoas me perguntaram se desisti de ser professora de ciências, pelo fato de eu ter me formado em ciências e ter

escolhido trabalhar com Educação Infantil. Percebi que elas ainda têm a concepção da Educação Infantil como espaço apenas de brincar, sem intenção de ensino e aprendizagem. Essas questões me fizeram refletir sobre o fato de muitas pessoas avaliarem que, na Educação Infantil, não se trabalha com ciências. A partir dessa reflexão, uma questão ficou evidente: é possível ensinar ciências às crianças pequenas da Educação Infantil de forma interessante e participativa, através de atividades práticas? Em um primeiro momento, resolvi pesquisar sobre os currículos da Educação Infantil a fim de entender de que forma esses documentos abordam esse assunto para, depois, tentar compreender como eles são explorados nas práticas da sala de aula.

Por coincidência, em 2016 o projeto pedagógico desenvolvido na creche em que trabalhava envolvia a experimentação e os 4 elementos da natureza. Foi uma experiência incrível poder fazer esse trabalho com as crianças. Muitos professores demonstravam dificuldades em executar o projeto, por ser algo diferente do comum e por falta de formação na área de ciências. Com dedicação, os professores conseguiram colocar em prática o projeto e o resultado foi incrível; e como culminância fizemos uma feira de ciências. Fiquei admirada e surpreendida com o retorno que o projeto nos deu, o quanto as crianças se desenvolveram e o quanto gostaram das atividades realizadas. As crianças aprenderam brincando e experimentando, isso possibilitou novas descobertas. Compreendi que não só era possível trabalhar com ciências com as crianças pequenas, mas o quanto essas atividades poderiam enriquecer o currículo da Educação Infantil. Percebi também que os professores careciam de uma formação continuada nesta área e que eu poderia contribuir nesse aspecto.

A partir dessa vivência decidi fazer uma pesquisa direcionada para atividades de ciências que envolviam experimentações, na Educação Infantil. Após algumas pesquisas bibliográficas, percebi que existem poucas produções com essa temática. Fui direcionando a pesquisa para a temática 'criança e natureza' e encontrei ótimas leituras, apesar de também serem poucas. Essas leituras me incentivaram a introduzir e a sempre tentar desenvolver o contato com a natureza e seus elementos, em minhas práticas na Educação Infantil. Comecei a incentivar o olhar das crianças para os animais, vegetações, céu, vento, água e elementos da natureza que encontramos no dia a dia, na visita diária ao parque da escola. Ao redor da creche também tem um espaço com muitos elementos naturais (árvores, gramas, pássaros, borboletas, etc) e que praticamente não era frequentado. Comecei a levar as crianças com frequência ao local e deixá-las brincarem livremente. Observei o quanto as crianças demonstravam felicidade e curiosidade em saber o porquê das coisas a sua volta, o quanto

interagiam com a paisagem e os animais. Gostavam de brincar com a terra, folhas, gravetos e pedras. Era um local com muitas borboletas e lagartas. E surgiram as curiosidades “De onde vêm as borboletas?” e “O que é este bichinho colorido no chão, que parece uma minhoca?” Essas vivências deram origem a várias descobertas e aprendizados, como por exemplo, a metamorfose da lagarta para borboleta. Percebi o quanto essas práticas eram encantadoras e poderiam ser proveitosas para a Educação Infantil.

Reconhecendo a potência dessas práticas que envolvem criança e natureza, que possibilitam o brincar livre com elementos naturais e que estimulam o zelo e o cuidado pelo meio ambiente. Então, defini que a minha pesquisa, antes voltada para atividades de ciências na educação infantil de forma ampla, teria como foco as práticas pedagógicas que estimulam a interação de crianças e natureza.

1.2 Problema de pesquisa

Estas questões, apresentadas na seção anterior, contribuíram para uma reflexão acerca das práticas na Educação Infantil, ou seja, fizeram despertar alguns questionamentos sobre as atividades e as práticas pedagógicas realizadas nas instituições desse segmento do ensino, tais como: as crianças têm o contato direto com a natureza, têm liberdade para brincar no espaço ao ar livre, têm oportunidades de observar e explorar os elementos naturais? A maior parte do tempo as crianças ficam em espaços fechados ou abertos na escola? As suas curiosidades e questões são respondidas com os modelos de atividades que são propostas em sala de aula? O que os documentos da Educação Infantil orientam sobre as práticas pedagógicas nesse segmento de ensino? Podemos observar que as questões apresentadas acima estão diretamente relacionadas ao planejamento docente e, portanto, abordam aspectos da formação dos docentes que lecionam nesta etapa do ensino.

Em uma pesquisa sobre a prática docente realizada por Véra (2017, p.86), a autora afirma que:

As fontes que os professores utilizam para subsidiarem seus planejamentos são variadas. Hoje em dia com o avanço tecnológico, a internet se tornou grande aliada. Identificamos que algumas professoras se apoiam nos documentos norteadores como as DCNEI, RCNEIs, entre outros, mas em sua maioria acabam utilizando diretamente a internet.”

Se o professor buscar na internet, em um site de pesquisa como o google, por exemplo, por atividades de Ciências na Educação Infantil terá como resposta muitas atividades digitalizadas com figuras de elementos da natureza que não demonstram exatamente como

são esses elementos na realidade. Um desenho de árvore, por exemplo, muitas vezes é representado por um tronco e uma copa. As crianças não conseguem perceber a dimensão das características e partes que compõem uma árvore real. Atividades como estas limitam a capacidade da criança conhecer e explorar o mundo ao seu redor. As atividades de ciências em muitas instituições de Educação Infantil estão inseridas no currículo em datas comemorativas, tais como: ‘Dia da Árvore’, ‘Dia da Água’, ‘Dia do Meio Ambiente’, entre outros. Muitas vezes, apenas nestes momentos são apresentadas às crianças o tema ‘natureza e meio ambiente’ em aulas da Educação Infantil. Por que não proporcionar atividades em que a criança entre em contato direto com a natureza? Sair de sala de aula e deixá-las se expressarem livremente em um espaço ao ar livre, com brincadeiras na terra, água, plantas e animais. Visto que o ambiente natural é um lugar com diversidade e rico em elementos que irão estimular as crianças a explorarem, aguçarem seus sentidos, fazer novas descobertas e aprendizagem. Segundo Vera (2017, p.84):

As Ciências da Natureza na Educação Infantil é uma área muito rica pois possibilita em suas práticas experiências tanto para professoras como para as crianças, momentos de vivências, experimentos, contato com o novo, ampliação de vocabulário, início do conhecimento científico sobre a temática trabalhada. Possibilita práticas em espaços internos e externos, destacando que geralmente nos externos as vivências podem ser mais diferenciadas, pois esses espaços quase sempre têm elementos naturais os compondo.

Segundo as DCNEI, a proposta curricular da Educação Infantil deve garantir experiências que: “Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais.” (BRASIL, 2010, p.26). Os documentos da Educação Infantil orientam práticas pedagógicas que assumem o papel de comprometimento com o mundo natural. Para o cumprimento desse artigo e para que ele faça sentido para as crianças, é necessário proporcionar momentos de interação da criança com a natureza. Pelo contrário, as instituições têm oferecido às crianças momentos cada vez mais distantes da natureza, elas ficam a maior parte do tempo em lugares fechados, que Tiriba (2018) nomeia como “emparedamento”. Como as crianças vão ter zelo e cuidado pelo meio ambiente se não têm contato com o mesmo, não o conhecem?

Esses apontamentos aliados à reflexão desenvolvida anteriormente, contribuiram para que se delineasse a seguinte questão norteadora deste estudo: Como as práticas pedagógicas que propiciam a interação da criança com a natureza podem criar novas possibilidades para a Educação Infantil?

1.3 Justificativa

Esta pesquisa buscou aprofundar os conhecimentos no segmento da Educação Infantil e compreender como as práticas pedagógicas que envolvem atividades em contato com a natureza, a interação da criança com os elementos da natureza, vegetações e animais, podem contribuir para a Educação Infantil. Segundo Richard Louv (2016), a relação das crianças com a natureza está diferente em relação há algumas décadas atrás. Atualmente elas têm mais acesso as informações e aos problemas ambientais, mas o contato físico com esse ambiente está diminuindo. Essa falta do contato com a natureza, pode causar diversos malefícios para as crianças. Visto isso, nota-se a importância de resgatar o contato das crianças com a natureza e os seus elementos. Além disso, essas práticas podem contribuir para criar novas possibilidades de brincadeiras e experiências na Educação Infantil, incentivando o desempenho, proporcionando liberdade para as crianças se expressarem, aguçarem a sua criatividade e curiosidade, de modo que vivenciem o prazer nas experiências dentro do contexto escolar da Educação Infantil e desenvolvam o sentimento de respeito e o cuidado para com o meio ambiente.

Para este estudo pode-se destacar as seguintes relevâncias:

Acadêmica – O tema criança e natureza ainda têm sido pouco explorado em trabalhos científicos realizados no Brasil. Acredita-se que esta pesquisa irá contribuir para pesquisadores que buscam trabalhos nesta área de ensino.

Profissional- Esta pesquisa foi de grande contribuição para a minha formação profissional e atuação em sala de aula. Enriquecedora para as minhas práticas pedagógicas e para os demais docentes da Educação Infantil. Auxiliará, também, aos professores que buscam mais informações sobre essa temática, como apoio e base de pesquisa. Auxiliará os professores da Educação Infantil em propor práticas pedagógicas mais libertadoras para as crianças, propostas que envolvam o contato com a natureza e os seus elementos. Além disso, o referencial teórico desse estudo traz uma reflexão sobre a história da Educação Infantil, sobre quem é a criança da Educação Infantil, sobre as práticas em sala de aula e a relação da criança e a natureza, de modo a contribuir para que os docentes reflitam sobre as suas práticas e suas concepções sobre criança, natureza e Educação Infantil. Por isso, em nosso produto educacional, que acompanha esta pesquisa, tentamos abordar todos esses aspectos da relevância profissional deste trabalho que são passíveis de replicabilidade.

Social- As práticas pedagógicas que proporcionam o contato da criança com a natureza precisam ser valorizadas, pois essa interação pode despertar nas crianças o sentimento de zelo e o cuidado para com o meio ambiente. É importante que sentimentos e valores para com o meio ambiente sejam trabalhados com crianças bem pequenas, desde a Educação Infantil, formando cidadãos críticos, preocupados com o mundo em que vivem. Nessa perspectiva, esse estudo contribui para a construção de uma sociedade mais sustentável, acreditando que esse deve ser um investimento realizado desde a mais tenra idade.

2 OBJETIVOS

2.1 Objetivo Geral

Compreender como as práticas pedagógicas que envolvem o contato com os elementos naturais e o ambiente externo podem reconectar crianças e natureza e criar novas possibilidades para a Educação Infantil

2.2 Objetivos Específicos

Investigar se as práticas pedagógicas que preconizam a interação da criança com os elementos da natureza, de forma livre e espontânea, mobilizam o cuidado com o meio ambiente, propiciam experiências prazerosas e criam possibilidades para a Educação Infantil.

Analisar propostas pedagógicas que são realizadas em ambiente externo, no âmbito da Educação Infantil, a partir de um curso de formação continuada de curta duração.

Construir um produto educacional contendo propostas de atividades que reconectem as crianças com a natureza, como orientações pedagógicas para professores.

3 REFERENCIAL TEÓRICO E CONCEITUAL

3.1 Educação Infantil

3.1.1 Breve histórico da Educação Infantil

Para abordarmos o assunto sobre a Educação Infantil é importante repassar um breve histórico, pois esse segmento de ensino passou por diversas transformações significativas até os dias atuais. Atualmente a Educação Infantil é a primeira etapa da Educação Básica, tem como finalidade o desenvolvimento integral da criança na faixa etária de 0 a 5 anos de idade. Embora seja dever do Estado e direito de toda criança, a Educação Infantil só é obrigatória para crianças de 4 e 5 anos, portanto nessa faixa etária as crianças devem ser matriculadas impreterivelmente. Mas nem sempre foi assim.

A partir dos registros históricos podemos constatar que durante séculos a família era responsável por toda educação da criança, desde o seu desenvolvimento até a aquisição de regras e tradições culturais, por meio de convívio dos adultos e de outras crianças. Tudo começou a mudar na revolução industrial com a transição do feudalismo para o capitalismo. O modelo de trabalho passou de doméstico para de fábricas, substituição do trabalho manual para o manuseio de máquinas. Esse acontecimento transformou o padrão de família e a forma tradicional de cuidar e educar a criança, pois possibilitou um grande aumento de mulheres no mercado de trabalho.

A maquinaria estabeleceu um meio de diversificar os assalariados, colocando, nas fábricas, todos os membros da família do trabalhador, independentemente do sexo e da idade de cada um. Se, até então, o trabalhador vendia somente sua própria força de trabalho, passou a vender a força da mulher e dos filhos. (PASCHOAL, MACHADO, 2009 p.80)

Algumas mulheres que optavam por não trabalharem nas fábricas, vendiam o seu trabalho para tomarem conta das crianças. As operárias não tinham com quem deixar seus filhos e deixavam com essas mulheres para cuidarem das crianças. Rizzo (2003) relata que:

Criou-se uma nova oferta de emprego para as mulheres, mas aumentaram os riscos de maus tratos às crianças, reunidas em maior número, aos cuidados de uma única, pobre e despreparada mulher. Tudo isso, aliado a pouca comida e higiene, gerou um quadro caótico de confusão, que terminou no aumento de castigos e muita pancadaria, a fim de tornar as crianças mais sossegadas e passivas.

Mais violência e mortalidade infantil. Rizzo (2003 *apud* PASCHOAL, MACHADO, 2009, p.80)

Logo depois, começou a surgir creches e pré-escolas, a princípio tinham a função apenas de assistencialismo. O objetivo era cuidar das crianças, alimentação, higiene, proteção e cuidados físicos. Algumas instituições da Europa, além do cuidar se preocupavam também com a educação, faziam atividades que buscavam a aprendizagem das crianças, para adquirirem hábitos e habilidades. No Brasil foi diferente as instituições se mantiveram com a função de assistencialismo por um longo tempo.

Diferentemente dos países europeus, no Brasil, as primeiras tentativas de organização de creches, asilos e orfanatos surgiram com um caráter assistencialista, com o intuito de auxiliar as mulheres que trabalhavam fora de casa e as viúvas desamparadas. Outro elemento que contribuiu para o surgimento dessas instituições foram as iniciativas de acolhimento aos órfãos abandonados. (PASCHOAL, MACHADO, 2009 p.82)

Percebe-se que as creches e pré-escolas surgiram a partir das mudanças políticas, econômicas e sociais que aconteceram durante a história. Porém, a oferta dessas instituições pelo Estado, como direito de todas as crianças demorou muito tempo para acontecer. Foi preciso muito esforço de movimentos sociais de operários que reivindicaram melhores condições de trabalho e assistência para os seus filhos. Como consequência, os donos de fábricas começaram a oferecer creches para atender aos filhos das operárias. Com o avanço da industrialização e aumento das mulheres na classe média no mercado de trabalho, cresceu também a procura pelas instituições de atendimento à criança. O que deu início aos movimentos feministas que contribuíram para o crescimento de instituições oferecidas pelo poder público. A desigualdade social era evidente, enquanto algumas crianças eram atendidas por instituições públicas com objetivo de compensar as carências de saúde e nutrição, pois eram consideradas inferiores aos padrões, a assistência em cuidar prevalecia, sem um foco pedagógico; em contrapartida, as crianças de classe superior eram atendidas por instituições particulares com o caráter pedagógico, cujo objetivo era socializar e preparar as crianças para o ensino regular. Com a finalidade de que esses atendimentos fossem equiparados, deu-se origem a legislação para regulamentar e garantir a educação como direito de todas as crianças de 0 a 6 anos independente das classes sociais.

Verifica-se que, até meados do final dos anos setenta, pouco se fez em termos de legislação que garantisse a oferta desse nível de ensino. Já na década de oitenta, diferentes setores da sociedade, como organizações não-governamentais, pesquisadores na área da infância, comunidade acadêmica, população civil e outros, uniram forças com o objetivo de sensibilizar a sociedade sobre o direito da criança a uma educação de qualidade desde o nascimento. Do ponto de vista

histórico, foi preciso quase um século para que a criança tivesse garantido seu direito à educação na legislação, foi somente com a Carta Constitucional de 1988 que esse direito foi efetivamente reconhecido. (PASCHOAL, MACHADO, 2009, p.85)

Na década de 90, finalmente o Brasil reconheceu a criança como um sujeito social (OLIVEIRA, 2002), que possui direitos enquanto cidadão e esses direitos foram amparados em base legal. Foi elaborado pelo Ministério da Educação (MEC) o RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, com o foco no desenvolvimento integral da criança e aborda assuntos sobre a Formação Pessoal e Social da criança e o Conhecimento de Mundo.

Desde então a Educação Infantil passou por diversas mudanças e obteve algumas conquistas na sociedade e na comunidade escolar. Segue abaixo uma linha do tempo, com o resumo dos principais avanços da Educação Infantil até os dias de hoje:

Quadro 1: Linha do Tempo Educação Infantil

Em 1988, a Constituição Federal estabelece o atendimento em creche e pré-escola é um dever do Estado e um direito da criança de 0 a 6 anos de idade.
Em 1996, a Lei de Diretrizes e Bases (LDB) reconhece a Educação Infantil como um segmento que promove a aprendizagem e parte integrante da educação básica.
Em 1998, o Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI) é publicado, como parte dos documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais. Ele reúne objetivos, conteúdos e orientações didáticas.
Em 2006, o acesso ao Ensino Fundamental é antecipado para os seis anos de idade, por causa de uma alteração na LDB.
Em 2009, a partir da publicação da Emenda Constitucional nº59, de 11 de novembro de 2009, a Educação Infantil passa a ser obrigatória para crianças de 4 a 5 anos. Por isso, surgem as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), com a finalidade de orientar o planejamento curricular das escolas. Propõem a organização por eixos de interações e brincadeira. Além disso, traz como marco conceitual a indissociabilidade entre o cuidar e educar.
Em 2017, a Base Nacional Comum Curricular (BNCC) institui e orienta a implementação de um planejamento curricular ao longo de todas as etapas da Educação Básica. Na Educação Infantil, ela dialoga com a DCNEI, mas traz um detalhamento maior ao listar os objetivos de aprendizagem.

Fonte: Quadro elaborado pela autora da pesquisa.

A Educação Infantil passou a ter uma grande responsabilidade no desenvolvimento global da criança, o papel de cuidar e educar deixaram de ser apenas da família, mas tornaram-se também dever da instituição escolar. Atualmente a educação infantil exerce uma

função fundamental na formação da criança desde o seu desenvolvimento até a construção do ser humano como cidadão, nos aspectos físicos, psicológicos intelectuais e sociais.

3.1.2 Reflexões sobre as transformações curriculares na história da Educação Infantil.

Após tecermos um breve histórico da Educação Infantil, vamos debater sobre algumas transformações curriculares ocorridas nesse segmento da Educação Básica. Por isso é importante rever os documentos orientadores que existem sobre a Educação Infantil, como os RCNEI, DCNEI e BNCC, pontuar os grandes avanços e conquistas que tivemos na construção do currículo para a Educação Infantil ao longo da história e analisar dentre o amplo acervo de teorias sobre currículo as que mais possibilitam uma compreensão da realidade vivida no cotidiano desse segmento do ensino.

Segundo Gomes (2015), o currículo geralmente é formulado para atender a demandas sociais e econômicas da sociedade e se insere no centro das reformas e contextos educacionais. A produção dos textos curriculares sofre influências de partidos políticos, agências multilaterais e comunidades disciplinares, entre outras, que lutam por legitimar seus interesses. Até pouco tempo, as crianças pequenas de zero a seis anos de idade não tinham prioridades nas políticas educacionais brasileiras. A educação formal para essa faixa etária foi conquistada ao longo de uma trajetória de lutas e reivindicações. Essas reformas educacionais resultaram em alguns documentos legais que orientam o trabalho na Educação Infantil. Um dos marcos legais mais significativos no Brasil foi a Constituição de 1988, a partir dessa conquista a Educação Infantil passou a ser um direito da criança de zero a cinco anos de idade (art.208, IV) e dever do Estado e responsabilidade dos municípios garantir esse atendimento à primeira infância em creches e pré-escolas. Além disso, a Educação Infantil deixou de ter um atendimento apenas assistencialista e passou a ter um caráter também educacional, englobando o cuidado de acordo com as necessidades específicas de cada faixa etária, em busca do desenvolvimento integral da criança. A próxima conquista para a Educação Infantil foi ela ser considerada a primeira etapa da educação básica, a partir da nova Lei de Diretrizes e Bases da Educação entrou em vigor LDB 9394/1996. A Educação Infantil foi organizada em duas categorias: creche que contempla as crianças de zero a três anos de idade e pré-escola para crianças de quatro a seis anos. A oferta já era obrigatória, direito de todas as crianças, porém ainda facultativa, a família poderia optar por matricular os seus filhos. Outro marco importante foi em 2006, a lei nº 11.274/2006, que ampliou o Ensino Fundamental para nove anos e a Educação Infantil passou a atender as crianças de zero a cinco anos de idade. A Educação Infantil passou a ser obrigatória para crianças a partir dos

quatro anos de idade, através da lei nº 12.796 de 04 de abril de 2013. Favorecendo um diálogo entre a Educação Infantil e o Ensino Fundamental. Apesar de a legislação garantir as vagas nas creches e pré-escolas existe uma grande desigualdade social e econômica que difere o atendimento às crianças entre os municípios e regiões brasileiras.

Enquanto para as crianças das classes mais favorecidas há a oferta de um trabalho focado em seu desenvolvimento global, para as crianças das classes menos favorecidas, há a oferta de um trabalho mais voltado para os cuidados básicos de higiene e alimentação. Nesta comparação, podemos observar, também, os aspectos relacionados à formação dos profissionais que atendem as crianças: de um lado, crianças atendidas por profissionais com formação mínima para a função e, por outro lado, crianças atendidas por profissionais sem essa qualificação. (GOMES, 2015, p.32)

Podemos observar o quão recente a Educação Infantil passou a ser obrigatória e foi introduzida no sistema de ensino; essa rápida ampliação de ofertas demanda uma melhor elaboração das propostas pedagógicas, a organização de espaços adequados e a formação de professores. É notório o quanto esse segmento carece de atenção e cuidados, pois apesar de estar em uma contínua construção acelerada, ainda carece de profissionais qualificados, contata-se que há uma desigualdade de atendimento às crianças de acordo com a sua classe social e observa-se que algumas instituições permanecem com a prática apenas do cuidar e não desenvolvem propostas para estimular o desenvolvimento global da criança. Dessa forma, a Educação Infantil ainda necessita enfrentar vários desafios para avançar na consolidação de suas bases curriculares.

Ao longo dessas conquistas, foram criados alguns documentos estruturantes para direcionar a jornada na Educação Infantil: RCNEI (1998), DCNEI (2009) e BNCC (2017).

Atendendo às determinações da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (Lei 9.394/96), o Ministério de Educação elaborou em 1998 o Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, que integra a série de documentos dos Parâmetros Curriculares Nacionais, com o objetivo de auxiliar o professor de Educação Infantil no trabalho educativo diário junto às crianças pequenas, servindo de base para as discussões entre profissionais da área em todo o país. Esse documento representou um avanço para a época, pois estabeleceu o que deveria ser ensinado nessa etapa da Educação Básica com o foco em conteúdos e objetivos de aprendizagem. Foi organizado em eixos: movimento, identidade e autonomia, conhecimento de mundo, artes visuais, música, linguagem oral e escrita, natureza e sociedade e matemática, que devem ser trabalhados de forma integrada não se restringindo a um único eixo, ou seja, sem fragmentar o conhecimento. No RCNEI, apesar do objetivo ser o desenvolvimento integral da criança, ela ainda é vista como um ser passivo que responde aos

estímulos dados pelos professores. “Considerando as características particulares de cada grupo e suas necessidades, cabe ao professor selecioná-los e adequá-los de forma que sejam significativos para as crianças.” (BRASIL, 1998, p.53). Mesmo o foco sendo ainda nos conteúdos aplicados pelo professor, o documento já aponta um cuidado para adequá-los as necessidades de cada criança; além de citar o protagonismo infantil no seu texto e propor a apresentação dos conteúdos de modo em que as crianças possam vivenciar experiências significativas para elas.

As diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, e este processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais. (BRASIL, 1998, p.48)

Em 2009, as orientações tiveram uma reforma e foi criado um novo documento para a Educação Infantil, as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI), que abordam princípios, fundamentos e procedimentos para a Educação Infantil que orientam as escolas na organização, articulação, desenvolvimento e avaliação de suas propostas pedagógicas; embasando a elaboração dos currículos, dando autonomia para as instituições. Nesse novo documento, o trabalho na Educação Infantil não deve ser direcionado por conteúdos, o que norteia a produção do conhecimento são as interações e as brincadeiras, eixos estruturantes do currículo, e são considerados os princípios éticos, políticos e estéticos. Outra questão importante é a relação do cuidar e educar, que devem estar interligados a todo o momento na Educação Infantil. Esse documento demonstra um avanço na direção de tirar o foco do professor e direcioná-lo para a criança. A criança é vista como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p.12)

O documento reforça a importância de a criança ser o centro do trabalho pedagógico e a garantia do seu direito à aprendizagem, o seu acesso ao conhecimento cultural e científico, assim como incentiva o seu contato com a natureza, valorizando o modo como a criança situa-se no mundo. Nesse documento, o currículo é visto como um “conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças”. (BRASIL, 2009, p.12). A orientação das DCNEI é para o currículo ser elaborado a partir de práticas que propiciem experiências significativas para as crianças, portanto não se baseiam apenas em conteúdos fragmentados, distantes das necessidades e realidade da criança. “As creches e pré-escolas, na elaboração da

proposta curricular, de acordo com suas características, identidade institucional, escolhas coletivas e particularidades pedagógicas, estabelecerão modos de integração dessas experiências.” (*idem*)

A Educação Infantil é marcada por mais uma etapa importante na integração à Educação Básica com a sua inclusão na BNCC. O mais atual documento normativo para orientar a elaboração dos currículos escolares e propostas pedagógicas para a Educação Infantil é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), com a nova versão implementada em 2017. Esse documento reforça algumas concepções da DCNEI, como a ideia da criança como protagonista da sua aprendizagem. Outra consideração importante que essa nova orientação traz é a concepção do cuidar e educar como algo indissociável do processo educativo. Ela também traz um olhar mais sensível à relação da escola com a família, pois entende que o período da creche e pré-escola é o primeiro momento em que a criança será desvinculada da família e inserida em um espaço novo com uma socialização estruturada; essa inserção da criança ao novo mundo escolar deve ser feita com cuidado para não afetar o seu desenvolvimento, por isso a BNCC incentiva o diálogo entre instituição e família, pois acredita que essa parceria pode ajudar no acolhimento dessa criança para inseri-la na instituição e potencializar o seu desenvolvimento e suas aprendizagens. Sendo assim, os conceitos da criança como protagonista, o cuidar e o educar e a parceria da escola com a família são alguns pontos significativos que a BNCC trouxe como orientação e que devem ser considerados na construção do currículo na Educação Infantil; ou seja, antes mesmo de estruturar os conhecimentos e saberes a serem estimulados e organizar as práticas pedagógicas, deve-se pensar nessas questões.

As creches e pré-escolas, ao acolher as vivências e os conhecimentos construídos pelas crianças no ambiente da família e no contexto de sua comunidade, e articulá-los em suas propostas pedagógicas, têm o objetivo de ampliar o universo de experiências, conhecimentos e habilidades dessas crianças, diversificando e consolidando novas aprendizagens, atuando de maneira complementar à educação familiar – especialmente quando se trata da educação dos bebês e das crianças bem pequenas, que envolve aprendizagens muito próximas aos dois contextos (familiar e escolar), como a socialização, a autonomia e a comunicação. (BRASIL, 2017, p.36)

A BNCC reforça a visão da criança como protagonista, como ser ativo em todos os contextos de que faz parte; ela cria e modifica a cultura e a sociedade e não apenas interage. A partir desse significativo avanço no entendimento de como a criança aprende, a BNCC oferece referências para a construção de um currículo baseado em direitos de desenvolvimento e aprendizagem bem definidos, como: conviver, brincar, participar, explorar, expressar e conhecer-se. As diversas áreas de conhecimento e as diferentes

linguagens são organizadas e integradas por meio dos Campos de Experiência, são eles: o eu, o outro e o nós; corpo, gestos e movimentos; traços, sons, cores e formas; escuta, fala, pensamento e imaginação; espaços, tempos, quantidades, relações e transformações – não deixando de se basear nos eixos estruturantes da interação e a brincadeira. Parte-se do pressuposto de que a criança aprende por meio das experiências vividas no contexto escolar; isso não significa que as propostas não devam ter intenção, pelo contrário, as ações devem ser intencionais com o foco no desenvolvimento integral das crianças, mas com a perspectiva de que o professor não é o único detentor do saber, já que as crianças têm um vasto repertório cultural a compartilhar, produzem cultura e saberes, têm um olhar observador, são capazes de levantar hipóteses e criarem opiniões próprias, ensinam e aprendem umas com as outras através da interação.

Essa concepção de criança como ser que observa, questiona, levanta hipóteses, conclui, faz julgamentos e assimila valores e que constrói conhecimentos e se apropria do conhecimento sistematizado por meio da ação e nas interações com o mundo físico e social não deve resultar no confinamento dessas aprendizagens a um processo de desenvolvimento natural ou espontâneo. Ao contrário, impõe a necessidade de imprimir **intencionalidade educativa** às práticas pedagógicas na Educação Infantil, tanto na creche quanto na pré-escola. (BRASIL, 2017, p.34)

Por isso, o educador deve organizar práticas com intencionalidade de propor experiências que permitam às crianças conhecer a si e ao outro e de conhecer e compreender as relações com a natureza, com a cultura e com a produção científica. Além disso, os registros dessa observação são muito importantes e eles podem ser feitos pelo professor e/ou pelas próprias crianças.

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. Ainda, é preciso acompanhar tanto essas práticas quanto as aprendizagens das crianças, realizando a observação da trajetória de *cada criança* e de *todo o grupo* – suas conquistas, avanços, possibilidades e aprendizagens. (BRASIL, 2017, p.35)

A avaliação na Educação Infantil deve ser feita através da observação dessas brincadeiras e interações. Os registros dessas vivências irão apoiar a construção dessa avaliação, ela deve apontar os avanços das crianças, registrar as suas conquistas e dificuldades, a fim de reorganizar as práticas para garantir os direitos de aprendizagem para todos e não com a intenção de classificar as crianças como aprovadas ou não.

Por meio de diversos registros, feitos em diferentes momentos tanto pelos professores quanto pelas crianças (como relatórios, portfólios, fotografias, desenhos e textos), é possível evidenciar a progressão ocorrida durante o período observado,

sem intenção de seleção, promoção ou classificação de crianças em “aptas” e “não aptas”, “prontas” ou “não prontas”, “maduras” ou “imaturas”. Trata-se de reunir elementos para reorganizar tempos, espaços e situações que garantam os direitos de aprendizagem de todas as crianças. (BRASIL, 2017, p.39)

Outro ponto importante a destacar na BNCC sobre a Educação Infantil é que seu currículo deve ser único para atender as especificidades da faixa etária das crianças de 0 a 5 anos, sem a intenção de antecipar os conteúdos que serão trabalhados no segmento seguinte ou preparar a criança para o Ensino Fundamental, pois esse documento entende a Educação Infantil como um espaço-tempo educativo.

Essa síntese deve ser compreendida como elemento balizador e indicativo de objetivos a ser explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental. (BRASIL, 2017, p.53)

Com base nos documentos explanados acima podemos concluir que é importante que o educador enxergue a criança da Educação Infantil como um ser ativo, potente, que produz cultura, que interage e constrói a sua própria identidade, que observa, aprende, questiona e cria novos sentidos. Que promova experiências nas quais as crianças tenham liberdade para falar e ouvir, potencializando a sua participação e se constituindo ativamente como sujeito único e que pertence a uma sociedade. Sendo assim, os documentos apresentados valorizam a Educação Infantil como uma etapa importantíssima para o desenvolvimento integral da criança e a coloca com o papel de possibilitar uma infância significativa, garantindo o direito de brincar, contemplando as brincadeiras e as interações como eixos norteadores do currículo. Podemos observar concepções que buscam romper com duas formas de atendimento marcadas na história da Educação Infantil: o assistencialismo, que ignora a especificidade educativa das crianças dessa faixa etária, e também a escolarização, que se baseia por práticas como preparatório para o Ensino Fundamental. A Educação Infantil em nosso país, nas últimas décadas, vem construindo um novo olhar para as crianças de zero a cinco anos de idade e uma nova concepção sobre como educar e cuidar, reformulando os currículos nas instituições educacionais.

Analisar as bases curriculares a partir dos documentos oficiais para a Educação Infantil foi extremamente importante para compreender como o currículo prescrito deste segmento orienta as práticas pedagógicas e se essas orientações são condizentes com a proposta dessa pesquisa, que busca analisar práticas pedagógicas libertadoras, que propiciem o contato da criança com o ambiente externo e com os elementos da natureza, que enxerga a criança como um ser ativo na sua aprendizagem, que tem curiosidade em aprender, que

interage com o meio e com o outro; ou seja, queremos investigar como essas práticas libertadoras podem contribuir para o currículo da Educação Infantil e se elas estão respaldadas nos documentos oficiais: RCNEI, DCNEI e BNCC. Portanto, ao explorar essas orientações pudemos perceber o quanto elas incentivam as práticas pedagógicas que buscamos investigar nessa pesquisa; o que nos motiva a dar continuidade ao estudo sobre currículo, em busca de conceitos e teorias que dialoguem com as bases curriculares da Educação Infantil. Nessa perspectiva iremos discutir na próxima seção sobre as teorias do currículo prescrito e o currículo em ação, como elas podem se relacionar e o quanto essas teorias se enquadram com as orientações para a Educação Infantil.

3.1.3 Como os documentos oficiais orientam as práticas pedagógicas na Educação Infantil, na perspectiva da relação criança e natureza.

O RCNEI, Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil, é um documento de referências e orientações pedagógicas que contribui para a realização de práticas educativas em prol de uma educação de qualidade. Propõe estratégias, planos e objetivos que possibilitam condições necessárias para o desenvolvimento das crianças na Educação Infantil de todo Brasil.

O RCNEI apresenta como um dos eixos de conhecimento: NATUREZA E SOCIEDADE. Conforme os RCNEI (BRASIL, 1998, p.166), “o trabalho de Natureza e Sociedade deve estar voltado para a ampliação das experiências das crianças e para a construção de conhecimentos diversificados sobre o meio social e natural”. Sendo assim, o docente deve propiciar momentos de interação da criança com o meio, em que ela tenha oportunidade de explorar e ampliar suas experiências e o contato com o meio natural e social. Além disso, destaca-se nos documentos algumas competências e habilidades:

Explorar o ambiente, para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, manifestando curiosidade e interesse; interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural, formulando perguntas, imaginando soluções, manifestando opiniões próprias e confrontando ideias; estabelecer algumas relações entre o modo de vida característico de seu grupo social e de outros grupos; estabelecer algumas relações entre o meio ambiente e as formas de vida que ali se estabelecem, valorizando sua importância para a preservação das espécies e para a qualidade da vida humana. (BRASIL, 1998, p.166)

A Educação Infantil deve estimular a criança a relacionar-se com o meio em que vive, dando assim oportunidade de conhecer seu entorno, utilizando como ferramentas a exploração, a observação e a investigação, descobrindo novos desafios.

A RCNEI estabelece como um dos objetivos gerais para Educação Infantil:

observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação. (BRASIL,1998, p.63)

Desse modo, a prática da Educação Infantil deve se organizar para que as crianças desenvolvam algumas capacidades a partir do contato com o meio ambiente e sua exploração. Elas devem perceber que pertencem ao meio ambiente e que fazem parte dele, por isso devem valorizá-lo e cuidar da sua conservação. Elas só terão essa percepção se vivenciarem momentos de interação com a natureza e despertarem o sentimento de zelo e admiração, compreendendo que precisam do meio ambiente para sobreviver.

Outro documento que norteia as práticas pedagógicas da Educação Infantil são as DCNEI (2009), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil, que é composto por uma proposta curricular que tem como um dos eixos norteadores as interações e a brincadeira, com o objetivo de garantir experiências que:

Promovam o conhecimento de si e do mundo por meio da ampliação de experiências sensoriais, expressivas, corporais que possibilitem movimentação ampla, expressão da individualidade e respeito pelos ritmos e desejos da criança; Possibilitem situações de aprendizagem mediadas para a elaboração da autonomia das crianças nas ações de cuidado pessoal, auto-organização, saúde e bem-estar; Incentivem a curiosidade, a exploração, o encantamento, o questionamento, a indagação e o conhecimento das crianças em relação ao mundo físico e social, ao tempo e à natureza; Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais. (BRASIL, 2009, p.21-22).

Como podemos destacar na citação acima, a Educação Infantil deve proporcionar ambientes que propiciem interações e experiências para a criança conhecer a si mesmo, conhecer o outro e o mundo em que ela vive, respondendo suas curiosidades sobre o mundo de modo que respeite os desejos da criança e suas individualidades. Podemos destacar também o estímulo para a autonomia, com ações que possibilitem o cuidado pessoal e a saúde. Além disso, deve-se incentivar a preservação e a sustentabilidade da vida na Terra.

O documento mais atual que orienta os docentes é a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), que regulamenta quais são as aprendizagens essenciais a serem trabalhadas nas escolas brasileiras de todos os segmentos da Educação Básica, com o objetivo de garantir o direito à aprendizagem e o desenvolvimento pleno de todos os alunos. A BNCC garante como um dos direitos das aprendizagens da criança ‘o explorar’:

Explorar movimentos, gestos, sons, formas, texturas, cores, palavras, emoções, transformações, relacionamentos, histórias, objetos, elementos da natureza, na escola e fora dela, ampliando seus saberes sobre a cultura, em suas diversas modalidades: as artes, a escrita, a ciência e a tecnologia. (BRASIL,2017, p.36)

A BNCC se organiza em campos de experiência e destaca-se o campo ‘Espaços, tempos, quantidades, relações e transformações’ que retrata a importância de aproveitar o interesse das crianças pelo mundo que as cerca:

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) (BRASIL,2017, p.40)

A BNCC também enfatiza o papel da Educação Infantil como um espaço de oportunidade para a criança ter experiências e vivenciar o contato com o mundo físico. Não apenas conhecer, mas ter liberdade para observar, descobrir, explorar, sentir, manusear, criar hipóteses e buscar respostas para as suas curiosidades:

A Educação Infantil precisa promover experiências nas quais as crianças possam fazer observações, manipular objetos, investigar e explorar seu entorno, levantar hipóteses e consultar fontes de informação para buscar respostas às suas curiosidades e indagações. Assim, a instituição escolar está criando oportunidades para que as crianças ampliem seus conhecimentos do mundo físico e sociocultural e possam utilizá-los em seu cotidiano. (BRASIL, 2017, p.41)

As citações expostas acima, para o debate neste capítulo, são alguns recortes em que o tema natureza aparece nos documentos de orientações curriculares para Educação Infantil. E por mais que dialoguem com as práticas na natureza, não são capazes de responder às questões socioambientais demandadas na atualidade. Nesse contexto percebe-se que os três documentos de orientações para as práticas pedagógicas, garantem o contato das crianças com o meio físico e natural e seus conteúdos dialogam e complementam-se entre si, propondo práticas para o desenvolvimento da criança em diversos aspectos. Porém, “o mundo físico

aparece como cenário onde as crianças atuam, ignorando-a como ser da natureza. Essa omissão alimenta os pressupostos da cultura antropocêntrica desatenta aos efeitos dos atos humanos sobre o ambiente em que todos vivemos.” (TIRIBA, 2018, pp.132 e 133).

No percorrer da pesquisa percebemos que os conteúdos dos documentos de orientação para a educação infantil não são suficientes para orientar as práticas pedagógicas junto à natureza, pois o assunto é abordado de forma superficial, o conceito de natureza é transmitido como um lugar de recursos e apenas por isso, devemos preservá-la. “Ao longo do documento, a natureza é reduzida a objeto de curiosidade e exploração das crianças, fonte de ampliação de conhecimentos do mundo, com vistas ao uso que se possa fazer dela.” (TIRIBA, 2018, p. 132)

As orientações curriculares para a Educação Infantil não estimulam uma aproximação profunda com a natureza, a ponto das crianças adquirirem sentimento de pertencimento, carinho e zelo pelo meio ambiente. Não contemplam instruções sobre o brincar livre na natureza, a utilização de elementos naturais, materiais de largo alcance, o desemparedar, a valorização das propostas no ambiente externo e as vivências e experiências em contato direto com a natureza. Para Tiriba (2018), os documentos da educação infantil oficializam o emparedamento, pois eles não valorizam as vivências com a natureza.

Ainda que o documento afirme as interações e brincadeiras como eixos estruturadores das práticas pedagógicas que compõem a proposta curricular da Educação Infantil, não há referências à importância de oferecer vivências com a natureza, com seus elementos, embora as crianças demonstrem grande atração por elas. (TIRIBA, 2018, p.129)

Por isso, a maioria dos espaços físicos das instituições de Educação Infantil não são preparados com ambientes externos e espaços verdes ao ar livre, esses ambientes pouco fazem parte da rotina e das práticas pedagógicas da escola, pois os próprios documentos que norteiam o fazer na educação infantil não priorizam essas vivências.

3.2 CRIANÇA E NATUREZA

3.2.1 Quem são as crianças da Educação Infantil?

Inicialmente é importante compreender quem é essa criança que será assistida na Educação Infantil. Podemos refletir sobre o desenvolvimento do ser humano e suas experiências desde o princípio da vida. Segundo Ana Carol Thomé, em seu curso “Ser Criança é Natural”, o bebê é formado no ventre da mãe e se desenvolve em um lugar escuro,

molhado, pequeno e quente. Ao nascer surge um novo mundo e junto com ele novas sensações. Começa a perceber a luz, as diferentes temperaturas, cheiros, o ar, o vento e diversos estímulos externos. Passa a alimenta-se com a própria boca, sentir o paladar, respirar, sentir o toque da pele, olhar diversas cores, formas e movimentos. São muitas experiências que o ajudam a se desenvolver e a conhecer o novo mundo que foi inserido. As crianças aprendem a partir das suas vivências, que são intermediadas pelos adultos. Sua visão de mundo será construída de acordo com a cultura e o local em que está inserida, os ensinamentos, valores e costumes que os adultos irão compartilhar com essa criança. Com isso, percebemos o quanto o adulto é responsável por apresentar e intermediar as relações das crianças com o mundo. Que mundo queremos que as crianças conheçam? Quais experiências que vamos oferecê-las?

Segundo Pearce (1987), as condições que garantem o desenvolvimento da inteligência são: um ambiente seguro, energia e possibilidades.

Uma inteligência madura deveria ser capaz de interagir em três níveis, que se originam de estágios do desenvolvimento biológico. Em primeiro lugar, a capacidade de interagir com a Terra viva, de acordo com os princípios e leis naturais dela; em segundo lugar, a capacidade de interagir com a Terra segundo os princípios da lógica criativa circunstanciada no sistema mente-cérebro, e, em terceiro lugar, a capacidade de interagir com os processos e produtos do próprio sistema mente-cérebro, o que significa com os pensamentos e criações da nossa própria mente, da mente dos outros e com todo o sistema de pensamentos subjacente a nossa realidade. (PEARCE, 1987, p.43)

A criança estabelece um conhecimento das experiências que tem sobre o mundo; das suas possibilidades e relações criativas sobre este mundo e depois de um conhecimento das suas próprias relações e possibilidades. O que precisamos sempre ter em mente é que somos nós, adultos, que apresentamos o mundo para as crianças. Diferente dos outros animais, o ser humano nasce extremamente vulnerável e dependente do adulto. O que elas vão conhecer, os lugares que vão visitar, as experiências que vão ter, tudo isso passa por nós, as oportunidades que ela terá para interagir nesse mundo que ela está a desbravar. Ser adulto diante de uma criança pequena é ter uma grande responsabilidade quanto a essa versão de mundo que ela está formando. As práticas pedagógicas devem ser pensadas de modo que as crianças tenham contato com toda beleza que encontramos a nossa volta, essas experiências permitem a construção do desenvolvimento integral da criança.

Sendo a principal função da educação infantil o desenvolvimento integral das crianças, são necessárias experiências que as conectem com o sentido de estética, com a infinidade de belezas que estão à sua volta, para que, gradualmente, possam exercitar a consciência reflexiva e sensível sobre as belezas que compõem a vida e assim conectar-se com a sua grandeza. (LIMA, 2020, p. 84)

A Educação Infantil é composta por crianças de 0 a 5 anos de idade e abrange da creche a pré-escola. Por isso, não apenas as famílias, mas também os professores fazem parte das primeiras experiências da criança e sua inserção no mundo exterior. O professor tem um papel significativo nessa formação de ser humano, no seu desenvolvimento e em proporcionar vivências de mundo para essas crianças.

3.2.2 Como aproveitar a curiosidade natural das crianças para favorecer a construção do conhecimento na Educação Infantil?

As crianças da Educação Infantil demonstram muita curiosidade em descobrir o mundo, estão sempre perguntando sobre tudo, a sua volta, têm interesse em explorar, observar a natureza e os seus elementos. Arce e Varotto (2011) confirmam que como os cientistas, as crianças também buscam compreender o mundo ao seu redor, desde muito pequenas e já possuem um sentimento de encantamento e admiração pelo mundo. Por isso esses desejos de exploração e conhecimento do mundo devem ser nutridos pelos professores para conservar esses sentimentos nos alunos.

Para Zuquieri (2007), o fato das crianças serem muito observadoras e pesquisadoras natas facilita muito o aprendizado em ciências. Hoje em dia, estamos vivenciando uma preocupação global com os problemas mundiais como o aquecimento global, a poluição das águas, solo e ar. As crianças atualmente têm acesso a todas essas informações sobre assunto da vida em sociedade. As tecnologias transmitem as notícias diariamente, através da televisão, internet e jornal. Mas a escola é o lugar que essas informações irão se transformar em aprendizagem. Por isso o professor deve promover um trabalho a partir dos conhecimentos prévios dos alunos e os seus reais interesses.

Crianças pequenas têm muitos interesses em experimentações, sem, contudo ter critérios para realizá-las. Então cabe ao professor trazer para a sala de aula ou levar a turma até elementos materiais e conceituais que estimulem essa curiosidade natural; assim a própria criança passará a ditar caminhos a serem trilhados, quando um assunto levará a outro, de forma espontânea e interessante: ampliando sua visão de mundo. (SILVA, 2003, p 41).

As crianças na Educação infantil têm interesse em experimentar, tocar, sentir e conhecer os objetos a sua volta. O professor deve favorecer esse contato e propor questionamentos e possibilidades que agucem ainda mais a curiosidade das crianças. A partir de uma simples curiosidade, podem ser trabalhados diversos conceitos e saberes pertinentes ao currículo da Educação Infantil, se o professor aproveitar as oportunidades e tiver a

sensibilidade de considerar o interesse dos alunos. O aprendizado será muito mais significativo para as crianças quando as suas perguntas são respondidas ou quando as propostas das atividades partem das suas próprias curiosidades.

O trabalho a ser desenvolvido com crianças de **zero a três anos**, deve ser iniciado pela observação e exploração do meio em que ela está inserida. (BRASIL, 1998). As crianças nessa faixa etária são observadoras e estão atentas ao olhar a sua volta, desde os elementos mais chamativos e atraentes aos mais simples e pequenos, imperceptível muitas vezes pelo adulto.

Ao levarmos em conta que crianças pequenas possuem uma relação muito próxima com o ambiente e que sua linguagem visual é muito ativa na Educação Infantil é que as práticas educativas nesta fase devem privilegiar o visual e o oral. Os conteúdos relacionados ao Ensino de Ciências propiciam às crianças uma visão de mundo necessária ao seu desenvolvimento. Segundo Hawkins (1993, p 24), “ as ciências é um meio de se conhecer o mundo”. (ZUQUIERI, 2007, p. 64)

Os pequenos também demonstram muito interesse pelos pequenos animais e plantas e querem ter contato. Essa curiosidade deve se relacionar com a valorização da vida. Segundo o RCNEI, o professor pode planejar essas práticas, buscando proporcionar à criança noções básicas sobre os cuidados necessários ao cuidado com animais e plantas; identificar os possíveis perigos, acompanhamentos de transformações, é importante salientar o quão prazeroso essas situações podem ser para as crianças (BRASIL, 1998).

Para a faixa etária de **quatro a cinco anos**, o RCNEI organiza o eixo de Natureza e Sociedade em alguns temas: “Organização dos grupos e seu modo de ser, viver e trabalhar”; “Os lugares e suas paisagens”; “Objetos e processos de transformação”; “Os seres vivos” e “Fenômenos da Natureza”. Esses temas devem ser trabalhados interligados e não separadamente de forma fragmentada. (BRASIL, 1998). Os assuntos como: chuva, solo, animais, meio ambiente e outros tantos, são bem aceitos pelas crianças que, curiosas, são ávidas por informações.

É numa faixa etária entre 4 a 6 anos que começam a se formar muitas das atitudes e habilidades que são importantes para o estudo escolar e o trabalho intelectual. Durante essa fase do desenvolvimento, e em fases subsequentes, a escola e a família podem tanto incentivar como reprimir a curiosidade espontânea que as crianças possuem pelos objetos e eventos da natureza, bem como reafirmar ou negar a percepção de que os adultos, as aulas escolares, os livros, etc. podem ser importantes pontos de referência para esse esforço da criança em dar sentido às coisas do mundo natural. (CALDEIRA e BASTOS, 2002, p. 209)

As propostas para a Educação Infantil em todas as faixas etárias devem se organizar a fim de que o conteúdo apresente importância social, grau de significado para o aluno, possibilidade de construir uma visão de mundo de modo incorporado, assim como a

ampliação de repertório para conhecimentos que condizem com o mundo social e natural (BRASIL, 1998).

A criança pequena em busca por respostas, recorre as suas famílias, professores e amigos, pergunta o que são as coisas e como elas funcionam. As experiências com a natureza e contato direto com o mundo ao seu redor pode ajudar a responder essas questões. É necessário oportunizar as crianças momentos que compreendam as maneiras de explicar o mundo. Por isso, tem profissionais que defendem o trabalho com ciências da natureza na Educação Infantil:

Defender o estudo de Ciências para a Educação Infantil é algo encampado por vários autores nacionais e internacionais. Estes profissionais, na maioria das vezes oriundos dessa área, afirmam que o ensino de Ciências para crianças pequenas em seus diferentes níveis nada mais seria que a exploração do mundo real. Ao conhecer, cada vez mais, o mundo em que está inserida, a criança não só compreende melhor, mas ganha ao desenvolver habilidades de raciocínio. (ARCE, 2011, p.61).

Oferecer práticas que envolvam ciências da natureza pode desenvolver aspectos que vão além de conceitos. Segundo Véra (2017, p. 40): “O trabalho com a área de Ciências da Natureza na Educação Infantil pode possibilitar para as crianças o desenvolvimento cognitivo, psíquico, relacional e emocional, favorecendo suas aprendizagens.”

Precisamos valorizar a fala das crianças e estimulá-las, pois expressam os seus pensamentos. Elas têm o direito de serem ouvidas e têm sempre algo importante para compartilhar. Através do diálogo, as crianças podem contribuir e serem parceiros dos professores em busca de respostas e estar ativamente envolvidas no processo da aprendizagem.

A criança observa o mundo ativamente: capta com os olhos, sente no corpo e pensa sobre tudo isso. Ela nota suas regularidades, se impressiona com os fatos e procura compreendê-los. Deseja saber, por exemplo, o que significa “iceberg”, “partículas”, “pré-histórico”, “aquecimento global” entre outras palavras estranhas ao vocabulário cotidiano (OLIVEIRA, 2012, p. 280).

Aproveitar a curiosidade natural das crianças irá enriquecer as práticas pedagógicas e favorecer a construção do conhecimento e dos conceitos citados acima, tornando a aprendizagem significativa e prazerosa para as crianças pequenas.

3.2.3 Reflexões sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil

A partir das observações dos documentos de orientações para a Educação Infantil, Referencial Curricular Nacional para Educação Infantil (RCNEI), Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (DCNEI) e Base Nacional Comum Curricular (BNCC), despertaram-me alguns questionamentos acerca da prática docente em Ciências Naturais na Educação Infantil. As atividades e práticas pedagógicas da maioria das instituições de Educação infantil dão conta dos direitos de aprendizagem que as orientações garantem? Os alunos têm o contato direto com a natureza, liberdade para brincar no espaço ao ar livre? Oportunidades de observar e explorar os elementos naturais? A maior parte do tempo as crianças ficam em espaços fechados ou abertos na escola? As curiosidades das crianças são valorizadas? Seus questionamentos são respondidos através das atividades que são propostas em sala de aula?

Em uma pesquisa sobre a prática docente realizada por Véra (2017), a autora afirma que os professores utilizam variadas fontes para subsidiarem seus planejamentos. A internet atualmente se tornou grande aliada nessa pesquisa. Ela identificou que poucas professoras se apoiam nos documentos norteadores como as DCNEI, RCNEIs, entre outros, a maioria acaba utilizando diretamente a internet. Com o avanço da tecnologia, o docente tem baseado suas atividades na pesquisa da internet. Se o professor buscar na internet em sites de pesquisas por atividades de Ciências na Educação Infantil terá como resposta muitas atividades digitalizadas com figuras de elementos da natureza que não demonstram exatamente como são esses elementos na realidade. Um desenho de árvore, por exemplo, muitas vezes é representado por um tronco e uma copa. As crianças não conseguem perceber a dimensão das características e partes que compõem uma árvore real. Uma gravura pode ilustrar, mas basear as práticas de ciências apenas em atividades digitalizadas limitam a capacidade de a criança conhecer e explorar o mundo ao seu redor.

No imaginário dos profissionais, a criança não teria direito de conhecer a realidade natural e social que a cerca? Se essa é uma das funções da Educação Infantil, como as profissionais conceberiam o acesso a essas realidades: por meio do discurso pedagógico, das gravuras, das histórias, de práticas que falam da realidade, mas dela não se aproximam? Isso confirmaria uma concepção em que o conhecimento não está relacionado à vida concreta. (TIRIBA, 2018, p.81)

Por que não proporcionar às crianças atividades com contato direto com a natureza? Visto que a natureza é um lugar com diversidade e rico em elementos que irão estimular as crianças a explorarem, aguçarem seus sentidos, fazer novas descobertas e aprendizagem. Para

Véra (2017), as Ciências da Natureza na Educação Infantil é uma área muito rica em suas práticas e experiências, tanto para professoras como para as crianças, pois possibilita momentos de vivências, experimentos, contato com o novo, ampliação de vocabulário e início do conhecimento científico. Essa área do conhecimento na Educação Infantil possibilita a realização de práticas em espaços internos e externos, a diferença é que geralmente nos externos as vivências podem ser mais diferenciadas, pois esses espaços quase sempre são compostos por elementos naturais.

Infelizmente muitas instituições não se apropriam dessas práticas e experiências na rotina diária. Abordam esses temas apenas em datas comemorativas, como: dia da árvore, dia da água, dia do meio ambiente, entre outros. Não exploram os temas de ciências de maneira ampla e contextualizada. Conforme os questionamentos de Saviani, 1992:

Não é demais lembrar que esse fenômeno pode ser facilmente observado no dia a dia das escolas. Dou apenas um exemplo: o ano letivo começa na segunda quinzena de fevereiro e já em março temos a semana da revolução: em seguida ,a semana santa, depois a semana das mães , as festas juninas, a semana do soldado, semana do folclore , semana da pátria,, jogos da primavera , semana da criança ... O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola: encontrou-se, tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. (op. cit., p24).

Apresentar conteúdos fragmentados em data específica sem explorar os temas em todos os aspectos, pode limitar a capacidade de compreensão da criança pequena ou não fazer significado para ela. Quando é ensinado de forma mecânica e periódica limita o objetivo de transformar a criança em um cidadão crítico, questionador e consciente. Para ZUQUIERI (2007), as metodologias não são realizadas de maneira satisfatória, ou seja, não possibilitam a criança uma postura investigativa coerente e necessária para sua aprendizagem. Isso significa que o acesso das crianças ao conhecimento elaborado pelas ciências é mediado pelo mundo social e cultural. A aprendizagem de fatos, conceitos, procedimentos, atitudes e valores não se dão de forma descontextualizada (BRASIL, 1998).

Os projetos desenvolvidos na educação infantil, muitas vezes, são estabelecidos por motivos que fogem da real necessidade dos alunos, não se tem a preocupação em verificar o que é essencial e o que é secundário no trabalho educativo, pois não se articula alunos, professores, escolas e comunidade, para uma transformação social efetiva. (ZUQUIERI , 2007, p.62)

Outra questão para refletir é sobre os professores basearem as suas atividades com foco em preparar o aluno para a próxima turma ou até mesmo para o ensino fundamental,

desrespeitando o tempo da criança e seus interesses. Segundo o RCNEI, os conteúdos vinculados às áreas das Ciências Humanas e Naturais, sempre estiveram ligados na organização do currículo da Educação Infantil, no entanto, atuando com práticas distintas. Em algumas instituições, os conteúdos são colocados como preparo para os anos seguintes, como por exemplo, exercícios mecânicos, como forma de desenvolver o movimento, hábitos e atitudes:

Diante desse contexto, outras práticas e conteúdos são citados como desenvolvidos de forma descontextualizada, em que, pouco favorecem para a construção de conhecimentos que envolvam a diversidade de realidades sociais, culturais geográficas e históricas. Os conteúdos organizados, muitas vezes, desconsideram a capacidade e o interesse da criança para com o mesmo e, sendo assim, a busca do material para trabalho, se limita ao que o aluno possui de concreto, diminuindo sua capacidade de imaginação (BRASIL, 1998, p.172.).

Geralmente no planejamento das aulas da Educação Infantil é priorizado atividades com conteúdos de linguagem escrita e matemática, a fim de preparar o aluno para o próximo segmento de ensino. Como se esses conteúdos fossem significativos para a criança, deixando como secundários e menos importantes as outras áreas de conhecimento. Zuquieri (2007) afirma que as possibilidades de ensino ficam concentradas entre matemática e linguagem escrita, muitas vezes, não permitindo que a criança explore o ambiente, observe as situações ao seu redor. Oferecer atividades limitadas apenas a algumas áreas do conhecimento desfavorecem a exploração e descoberta do mundo físico e social. Segundo Kramer:

As atividades e situações propostas têm, portanto, o objetivo último de favorecer a exploração, a descoberta e a construção de noções, ou seja, o desenvolvimento e o maior conhecimento do mundo físico e social (da língua, da matemática, das ciências naturais e das ciências sociais), eixos básicos da função pedagógica da pré-escola.(KRAMER, 2002 , p 21).

3.3 O meio ambiente como fonte de possibilidades para a Educação Infantil

3.3.1 Desemparedar: possibilidades para descobertas além da sala de aula

Em sua pesquisa, Tiriba (2018), percebe que as crianças estão cada vez mais distantes da natureza. E que a maioria das instituições de Educação Infantil também está contribuindo para esse distanciamento, pois não propicia momentos de liberdade em ambientes ao ar livre e a interação com os elementos naturais. Diferente das lembranças de infância das gerações antigas, que envolviam um contato mais próximo à natureza, as brincadeiras eram compostas de gravetos, folhas, argilas, pétalas de flores, terra, água, lama. As crianças tinham liberdade para correr ao ar livre, subir em árvores, plantar e colher frutos direto do pé de plantações,

brincar e interagir com os animais. Esse modelo de infância está muito diferente da infância atual, com o avanço da tecnologia, urbanização e interesse pelo consumo. As escolas também sofreram mudanças, adaptando-se ao mundo atual, com o propósito de preparar os alunos para a demanda da sociedade moderna e o mercado de trabalho. Com isso, aproximar as crianças da natureza e perceber a importância dessa interação está muito distante dos interesses dos currículos pedagógicos atuais. Todavia, alguns estudos estão alertando sobre os danos que esse distanciamento da natureza pode causar e a importância de repensar e resgatar esse contato com a natureza.

Desde muito tempo, já se defendia a ideia de tirar as crianças do isolamento de uma sala de aula e propor aulas mais livres ao redor da escola. Em 1920 um educador francês chamado Célestin Freinet desenvolveu uma técnica metodológica denominada como aula-passeio. Ele questionava a definição de materiais, de locais e de condições especiais para a realização do trabalho pedagógico.

O autor tece alguns questionamentos sobre a sala de aula, apontando que muitas vezes acaba sendo espaço de mero confinamento, e incentiva sair das quatro paredes e ir à busca do concreto e real do lado de fora, através da saída na aula-passeio. Essa prática possibilita ao aluno um maior contato com a realidade do meio em que vive, tendo um aprendizado natural e agradável, tem a oportunidade de: ampliar a vivência, experimentar, confirmar, ampliar sua interação com outro.

(...) é a necessidade imperiosa, experimentada física e psicologicamente, de sair da sala de aula em busca da vida existente no entorno mais próximo, o campo, e em contato com a prática artesanal que ainda se encontra neste meio. (...) a aula-passeio, com a finalidade de observar o ambiente natural e humano. De volta à sala de aula, recolhem-se dessa observação os reflexos orais, tendo em vista a criação de textos, que serão corrigidos, enriquecidos e constituirão a base para a aprendizagem das habilidades básicas tradicionais necessárias ao aperfeiçoamento da comunicação (LEGRAND, 2010, pp. 15-16).

Freinet nutria profunda admiração pela sabedoria natural das crianças do campo, que chegavam à escola carregadas de pequenos insetos, flores e animais do bosque.

Freinet quer que as observações concretas sejam feitas no ambiente vivo. Assim, o estudo do meio continua a ser o ponto de partida, mas o essencial, para Freinet, não é a observação apenas. Há também, e sobretudo, a necessidade de compreender e a necessidade de agir. A ciência não é, para ele, um corpo de doutrina acabado, a ser transmitido dogmaticamente, mas um movimento em busca do conhecimento objetivo que é preciso organizar. (LEGRAND, 2010, p. 23)

A autora e pesquisadora Lea Tiriba também com a perspectiva de propiciar às crianças vivências fora de sala de aula, em busca de pedagogias ecológicas e libertárias criou um novo conceito que denominou de “desemparedar”. Para a autora, é “fundamental investir no propósito de desemparedar e conquistar os espaços que estão para além dos muros escolares, pois não apenas as salas de aula, mas todos os lugares são propícios às aprendizagens” (TIRIBA, 2010, p.7). Defende que se as crianças são seres da natureza, e por isso é preciso repensar e transformar uma rotina de trabalho que supervaloriza os espaços fechados e propiciar contato cotidiano com o mundo que está para além das salas de atividades (TIRIBA,2012). As instituições de Educação Infantil não devem se limitar apenas ao espaço de sala de aula, mas planejar rotinas, tempos e espaços que possibilitem às crianças acesso ao ambiente natural.

As crianças demonstram necessidades de estar em um espaço aberto. Elas expressam felicidade e sensação de liberdade. Querem correr e se expressar livremente.

Na Educação Infantil é importante ter sensibilidade, atenção para a criança, pois ela tem curiosidade pelo mundo natural. Por isso, pensar e conviver na natureza para a criança é essencial, principalmente na Educação Infantil, e a área de Ciências da Natureza pode oportunizar aos professores o planejamento e desenvolvimento de práticas que favoreçam as crianças esse contato com o meio ambiente. (VÉRA, 2017, p.28)

Atividades que possibilitem o contato com a natureza para crianças pequenas favorecem o seu desenvolvimento e contribuem para suas aprendizagens. Segundo Louv (2016, p.128), “Mais tempo na natureza, combinado a menos televisão e mais brincadeiras estimulantes e ambientes educativos, pode ter grande efeito para reduzir o déficit de atenção nas crianças e ser igualmente importante para aumentar sua alegria de viver”.

Esse autor (*op. cit.*, p. 203) também destaca a importância da imersão em ambiente natural e afirma que o modo “ideal é que a criança aprenda a lidar com a cidade e com o campo. Entender cada ambiente aguça os sentidos e o bom senso. Existe algo especial sobre a experiência na natureza”. Segundo ele, as escolas devem procurar parcerias e planejar atividades que acrescentem às práticas pedagógicas, ampliando o conhecimento e a relação das crianças com o mundo.

As escolas poderiam construir vínculos mais fortes e mais significativos com associações de agricultura, centros de natureza, organizações ambientais e refúgios de aves, em vez de usá-los para visitas pontuais. [...] essas organizações poderiam se unir para contratar educadores ambientais para trabalhar nas salas de aula, organizar atividades com os pais, professores e alunos e ajudar os professores a aprenderem a integrar ao currículo básico o território da escola,

parques, florestas, campos, cânions próximos. Em última instância, esses esforços levam a uma educação mais eficaz. (LOUV, 2016, p. 237).

Diferente dos tempos antigos, em que as crianças brincavam na terra, pulavam na lama, colhiam os frutos das árvores e interagiam diretamente com a natureza, atualmente, a maioria das crianças não tem mais esse contato com a natureza, passam mais tempo trancadas em espaços fechados, por não ter a oportunidade ou por medo de se machucar ou até mesmo por condições de segurança. Temos que ficar atentos às consequências dessas mudanças.

Se um espaço geográfico muda tão rapidamente a ponto de degradar sua integridade natural, o vínculo das crianças com a terra está em risco. Se as crianças não se apegam a terra, elas não conhecem os benefícios psicológicos e espirituais possíveis, tampouco vão sentir um comprometimento de longo prazo com o meio ambiente. Essa ausência de vínculo vai exacerbar as condições que criaram a sensação de ruptura – alimentando uma espiral trágica, em que nossas crianças e o mundo natural estão cada vez mais distantes. (*op. cit.*, p.177)

As crianças costumam demonstrar interesses em estar ao ar livre, brincar com elementos do mundo natural, se sujar, se lambuzar, brincar na chuva e na terra. Manter as crianças emparedadas e não proporcionar esses momentos é privá-las dos seus desejos, limitar a sua liberdade e até o potencial do seu desenvolvimento. “A natureza é o local onde historicamente os seres humanos interagem e brincam. Tomando a escola como lugar fundamental na organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção de cada professora, mas um direito.” (TIRIBA 2018, p.198).

A autora Lima (2015) também compartilha desse pensamento, ela acredita que a natureza é um ambiente que permite muitas possibilidades de brincadeiras e experiências que favorecem a aprendizagem e o desenvolvimento infantil:

Como espaço primeiro das brincadeiras, lugar onde nossa raça aprendeu a brincar e a inventar brinquedos, a natureza nos remete aos modos ancestrais de brincar. As brincadeiras mais orgânicas, nas quais as coisas da natureza se transformam em brinquedos diversos, e as condições de espaços e demais elementos naturais possibilitam experiências com uma ampla diversidade de formas, cores, texturas, odores, que em muito enriquecem os caminhos de aprendizagem infantil e favorecem a proteção da saúde (LIMA, 2015, p. 39).

É um direito da criança expressar-se livremente e lhe ser ofertada diversos ambientes, ricos em possibilidades para se desenvolverem. Todavia autora Tiriba (2005) alega que os

direitos das crianças são desrespeitados, pois na maioria das instituições de Educação Infantil, até mesmo nas públicas, elas não têm acesso nem a visão das janelas e não conseguem ver o mundo exterior durante do dia. Isso é um direito que ministério da educação (MEC), em 1998, garante em seus critérios de credenciamento e funcionamento. A DCNEI em 2009 também garante como direito da criança o espaço externo, pois é visto como um espaço educativo e cheio de possibilidades.

O tempo entre paredes é o que predomina, que o cotidiano das crianças e adultos das creches está descolado do mundo natural. Os seres humanos muito cedo, são dela separados. E mesmo ao ar livre, o chão em que pisam é prioritariamente de cimento e brita, a terra e a areia não são elementos de sua intimidade, a água não está ao alcance, nem o mundo à vista. (TIRIBA, 2005, p.147)

Para Tiriba (*op. cit.*), se as crianças tivessem mais tempo ao ar livre, sua vida nos espaços da creche seria bem diferente. Devemos aproximar os seres humanos da natureza, conectados aos desejos das crianças, investir no movimento brincante e aproximar aos elementos do mundo natural, interesse que as crianças constantemente manifestam.

O movimento de desemparedar pressupõe novas concepções de natureza, de ser humano, de conhecimento, de educação e de escola; aponta, portanto, para um novo paradigma civilizatório e implica desafio para a elaboração e implementação de políticas públicas, (...) em que a educação não se concentre em processos racionais, seja movimento de corpo inteiro; em que as aprendizagens não se restrinjam aos espaços entre paredes; em que a escola seja lugar de viver o que potencializa a existência. (TIRIBA, 2018, p.198)

As instituições de Educação Infantil devem ser um lugar de liberdade, que respeita os interesses das crianças. Não se deve limitar ao espaço fechado, mas proporcionar momentos em ambientes externos com a interação de ambientes naturais que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento.

3.3.2 Resistência à natureza: vista como espaço de sujeira e que traz perigo.

Percebemos o quanto as crianças na Educação Infantil ficam a maior parte do tempo em lugares fechados e realizam as atividades e tarefas nesse espaço limitado, que chamamos de emparedados. Agora, vamos tentar compreender quais as razões pelos quais os espaços e o tempo das creches são organizados que contrariam o desejo da criança. Mesmo que as crianças demonstrem um grande interesse em brincarem em ambientes externos e com elementos naturais, ao invés de serem oferecidas condições favoráveis para proporcionar

momentos que atendam a vontade das crianças, esse contato tem sido a cada dia mais dificultado. Pelas famílias, pelos professores, pelos funcionários das instituições e pela sociedade em geral que veem a natureza como um lugar que traz doença, sujeira, perigo e incertezas. Há poucos anos, a natureza fazia parte das brincadeiras das infâncias e sua lembrança ainda traz uma sensação de paz e apreciação. Mas essa mesma geração que venerava essas vivências, está criando os seus filhos longe dessa realidade. Mas por que essa concepção de natureza mudou tanto nos últimos tempos?

A natureza tem sido vista como um lugar de doença, algumas justificativas como: a criança ao ar livre pode adquirir uma gripe, brincar com terra e areia pode trazer micoses. Se ela ficar doente vai ter que ficar em casa. Há uma preocupação muito grande com a proteção da criança. Mas não consideram o fato das doenças que podem causar um lugar fechado com muitas crianças aglomeradas. Por que só pensar o espaço ao ar livre como um lugar de perigo? Será mesmo que o espaço ao ar livre traz tanta doença assim? O que remete toda essa preocupação e cuidado excessivo?

O que dizem as professoras é que o cotidiano de crianças e adultos é balizado pelo objetivo de proteção a tudo que possa ameaçar a saúde das crianças, o que faria todo o sentido, se não implicasse limitação exagerada aos seus movimentos ao ar livre. Entretanto, ignorando que a propagação de micro-organismos é favorecida em ambientes abafados. (TIRIBA, 2018, pág. 85)

As crianças das creches ficam a maior parte do tempo nas instituições e nesse tempo as suas famílias estão trabalhando e não têm com quem deixar as crianças caso venham a adoecer. Por isso o medo de doença interfere muito na organização da rotina das creches.

As crianças atrapalham, numa sociedade em que o valor maior está na produção de riquezas; e, ainda mais, em que os pais trabalhadores são submetidos a baixos salários. Em vez da tranquilidade necessária à recuperação dos filhos, em vez de aconchego, de proximidade sensível, o que a situação produz é estresse, pois a vida da família, o tempo dedicado aos filhos, tudo está organizado em torno de um eixo central: o trabalho remunerado. (TIRIBA, 2018, pág. 87)

Além do medo da doença, outro motivo que impede o contato da criança com a natureza é a sujeira. “As crianças gostam de se sujar, de se lambuzar, de se misturar com aquilo com o que brincam, no caso, os elementos do mundo natural. Entretanto, na contramão dessa atração, elas permanecem emparedadas na maior parte do tempo.” (TIRIBA, 2018, p.70) Em sua pesquisa, Tiriba aponta relatos de professores que usam argumentos para justificar a falta de momentos no espaço em contato com a natureza, ao cuidado com a higiene da

criança, a necessidade de manter suas roupas limpas e secas, o fato da areia levantar poeira e o lugar interno ser mais higiênico.

O medo de doença, a reação dos pais, a dinâmica de funcionamento institucional, especialmente as rotinas de limpeza: tudo parece concorrer para que o contato com a água seja rarefeito. Assim, banhos de mangueira, brincadeiras de fazer comidinha, dar banho em boneca, fazer barquinho para colocar na correnteza das valas quando chove... nada disso é corriqueiro, ao contrário, é exceção! A água vale pela utilidade que tem: essa é a mensagem para as crianças! (TIRIBA, 2018, p.79)

Os professores reconhecem os interesses das crianças e o quanto o brincar com natureza pode ser proveitoso, mas é uma proposta que dá muito trabalho e faz muita sujeira. É mais cômodo estar em uma sala fechada com papéis e lápis, o trabalho para limpar será muito menor do que proporcionar brincadeiras com água, terra, barro, lama, folhas e gravetos. “As mães e as auxiliares de limpeza não querem que as crianças se sujeem porque elas querem reduzir as tarefas que, tradicionalmente, são de sua responsabilidade.” (TIRIBA, 2018, p.90) E realmente, essas são práticas educacionais que dão mais trabalho para a limpeza e requerem mais cuidados. Porém, o que deveria ser mais valorizado é aquilo que de fato é mais relevante: o quanto esse tipo de atividade (sujar-se, lambuzar-se, molhar-se, sentir, criar, experimentar) pode trazer bem estar e prazer para a criança. A prioridade é respeitar o desejo da criança, dar condições favoráveis para o seu aprendizado e desenvolvimento ou priorizar condições favoráveis para o trabalho do adulto? A criança quando é vista como o centro do planejamento, a sujeira deve ser um dos menores empecilhos. Impedir que a criança tenha essa interação com os elementos da natureza por causa da sujeira é um argumento inconsistente que pode limitar a potencialidade da criança e as importantes vivências que o espaço livre da Educação Infantil pode proporcionar.

O autor Piorski (2016) reforça essa ideia e considera o excesso de segurança e o impedimento da liberdade de brincar como uma forma de abandono, pois impossibilita que a criança se expresse:

Quando ao corpo é imposta a impossibilidade, esta também é uma forma de abandono. E, todos os dias, os gestos de abandono, a imposição do silêncio sobre o corpo das crianças verificam-se em muitos cenários do brincar – na escola, em casa, no parque, na rua. As reprimendas ao fazer livre são muitas – dos pais aos higienismos pedagógicos e às regulações de segurança - e amputam a possibilidade do fazer real, especialmente o artesanal, com uso de ferramentas. Ocorre quando o anseio estrutural, ontogênico, recebe recalques profundos. A criança, obrigatoriamente, terá que readequar-se à percepção imposta. Aquilo que percebeu, inicialmente, por uma intuição da imaginação, será substituído por uma imposição. (PIORSKI, 2016, p.117)

Tiriba (2018) traz uma reflexão sobre o surgimento dessa preocupação com a sujeira a enfermidade relacionando com o processo de urbanização no Brasil que teve influencia do pensamento médico na organização das cidades: a ideologia higienista que foram as bases científicas para essa nova ordem de sociedade. Essa ideologia influenciou as escolas, principalmente na forma de atendimento as crianças pequenas, vistas como mais frágeis. Essa hipótese de que essa ideia está vinculada até hoje na organização dos modelos de instituições de Educação Infantil, priorizando os espaços internos e afastando os tempos ao ar livre e o contato com o mundo natural.

O distanciamento da natureza também está vinculado ao perigo. Estar em ambientes abertos traz mais probabilidade de perigos na visão dos professores e das famílias. Uma grande preocupação é o trajeto, um terreno com diferentes níveis, pode-se encontrar buracos, pedras, gravetos, animais e insetos. As crianças podem cair e se machucar. Manter o controle de várias crianças em um lugar mais amplo também é mais difícil. Todos esses medos estão relacionados à insegurança do que imaginam que pode acontecer.

As falas das educadoras sobre o que contribui para o emparedamento revelam também o “medo de acidente”. E, como a função das instituições é manter as crianças íntegras para devolvê-las aos pais, não importa que essa integridade se restrinja aos aspectos corporais, elas procuram evitar tudo o que, em sua maneira de entender, possa favorecer acidentes. (TIRIBA, 2018, p. 93)

O ambiente externo pode ser um lugar de muitas incertezas, pois está sujeito a encontrar diferentes situações que podem influenciar na proposta e no passeio. Nem sempre o professor está preparado para lidar com as situações que podem aparecer e sair do seu controle, essas incertezas do que encontrar pode trazer insegurança e ser um empecilho para as atividades ao ar livre. Para Morin, a incerteza sempre estará presente no nosso dia a dia, não deve ser considerada apenas como um impedimento, mas devemos reconhecer as incertezas e pensar nelas, enfrentando-as. “o pensamento deve, então, armar-se e aguerrir-se para enfrentar a incerteza” (MORIN, 2000b, p. 91).

Outro fator de risco que as pessoas geralmente enxergam na natureza são as condições climáticas. Muitos professores apontam como empecilho para atividades ao ar livre, um dia muito ensolarado ou um dia chuva. Não podem estar do lado externo porque está muito calor ou muito frio. E mais uma vez se dá ênfase ao “emparedamento”, a sala de aula fechada é considerada o lugar mais seguro. Lea Tiriba (2018) em sua pesquisa aponta diversos relatos de professores que afirmam basear seus planejamentos e momentos ao ar livre de acordo com

o tempo, “se o tempo estiver bom”. Assim, os poucos momentos destinados a estar ao ar livre podem ser ainda menores.

As condições climáticas são sempre um pressuposto a ser considerado, a questão não está no clima, na temperatura em si, mas nas relações que estabelecemos com essa invariável. Assim, numa creche de uma região chuvosa, podemos nos predispor a apanhar um pouco de chuva ou nos comportarmos como se fossemos todos de papel. Se é tão quente, por que os banhos, as brincadeiras com água não são mais frequente? Por que não se plantam mais árvores nas creches e pré-escolas? (TIRIBA, 2018, p. 71)

Ao invés de ser um impedimento, o clima e a temperatura podem ser usados como incentivadores de novas propostas pedagógicas para aproveitar melhor o dia e a estação do ano. Aproveitar os dias mais quentes, para divertidas atividades com água, tomar um banho de sol em horários determinados, se abrigar nas sombras das árvores e sentir a brisa. Nos dias de chuva, observar a chuva e de onde ela vem, sentir o cheiro de terra molhada, brincar com guarda-chuvas e capas de chuvas, se não estiver frio, quem sabe até tomar um banho de chuva, nas chuvas de verão. Observar, vivenciar e sentir as características e diferenças do clima e das estações do ano é poder desfrutar com intensidade as maravilhosas sensações que a natureza pode nos proporcionar. As crianças podem adquirir muitas aprendizagens com os fenômenos da natureza. Essas vivências também podem contribuir para a construção de conhecimento do mundo em que elas vivem.

As incertezas, os medos e inseguranças são enfrentados quando o professor tem convicção das suas ações e acredita no trabalho que está exercendo. Reconhece a importância das atividades no espaço externo e a necessidade de respeitar os interesses da criança. De acordo com Morin (2009, p. 85), “é necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são as raízes e causas” O educador deve transmitir segurança para a família e estabelecer uma relação de confiança, mostrar a potência dessas propostas libertadoras e os benefícios que proporcionam para as crianças. A família passará a ser uma incentivadora, pois irá acreditar na mesma concepção que o educador. Por isso, é importante conversar abertamente sobre as atividades que vão realizar também com as crianças, sem subestimar o seu entendimento. Estabelecer regras e acordos antes de ir às atividades ao ar livre. Estabelecer uma parceria com as famílias e as crianças é fundamental para diminuir os riscos e a resistência à natureza.

3.3.3 É preciso reconectar crianças e natureza

Compreendemos que o ensino de ciências na Educação Infantil deve contribuir para a construção de concepção de mundo da criança, nos aspectos natural e social. Formando cidadãos conscientes e preocupados com os problemas ambientais e sociais. Desde pequenas as crianças já podem apresentar cuidados com o lugar em que habitam, valorizar o meio ambiente e ter atitudes simples visando a preservação do mundo. Os professores devem propor atividades que permitam a exploração desses temas e estimular essa sensibilidade com o meio ambiente nas crianças. “A nossa responsabilidade maior no ensinar Ciências é procurar que nossos alunos e alunas se transformem, com o ensino que fazemos, em homens e mulheres mais críticos.” (CHASSOT, 2003, p 31). Desde a Educação Infantil as crianças podem ser incentivadas a se tornarem seres humanos mais críticos, com a finalidade de uma possível transformação da futura geração.

Segundo uma pesquisa histórica sobre o surgimento e desenvolvimento da Educação Ambiental realizada por Oliveira, Toniosso (2014), eles citaram a presença de escritores e poetas que encontram espaço social para o destaque de suas obras, voltadas para retratar as maravilhas do mundo natural, de forma a transportar em suas leituras, a preservação e apreciação das mesmas, no final do século XVIII. O escritor e filósofo Thoreau foi responsável pelo movimento ambientalista, direcionado ao amor à natureza e a busca por uma vida harmônica. Esses primeiros relatos demonstraram os primeiros apontamentos para um olhar diferenciado para o meio ambiente. O que me fez refletir sobre a importância do sentimento de apreciação pela natureza. Resgatar o início da Educação Ambiental talvez seja um caminho para a conscientização. A ciência em sua transformação perdeu esse sentimento de zelo e valor que o meio ambiente tem na vida do ser humano. A ideia de pertencimento a natureza foi substituída pela apropriação, o valor do meio ambiente está na matéria-prima que ele pode produzir para a indústria. A ciência passou a considerar apenas razão e o fato, e deixou de valorizar a subjetivação.

A partir destas reflexões, pretende-se resgatar o início da Educação Ambiental, por meio do amor à natureza. Propor práticas que incentivem a Educação Ambiental na Educação Infantil através da sensibilização das crianças pequenas, aproveitar o seu interesse natural pela natureza, animais e plantas e conscientizá-las de maneira a permitir que sejam disseminados valores, claramente compreendidos e praticados por elas.

Através dessa perspectiva, podemos considerar que é mais propício o ser humano cuidar e zelar por algo que tenha admiração e amor. Mas como alguém pode amar e cuidar de algo que não conhece e não convive? Por isso, na Educação Infantil devemos proporcionar aos nossos alunos momentos de interação com a natureza e o meio ambiente, fazer dele um lugar de aconchego, liberdade e alegria. Segundo Tiriba (2018, pp.199-200):

Abrir-se-iam os caminhos para uma pedagogia da vida, respeitadora e alimentadora da atração que as crianças têm pela vida ao ar livre. Pois ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isso, precisamos realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-se como chão e como pano de fundo ou como matéria-prima para a maior parte das atividades escolares.

Para a autora, os ambientes naturais nos espaços de Educação Infantil estão presentes na maioria das instituições apenas como decoração. As crianças ficam a maior parte do tempo em lugares fechados, o que ela denomina de emparedados. Muitas vezes as crianças não têm liberdade de brincar em espaços naturais e ter o contato direto com a natureza e os seus elementos. O que dificulta a aproximação da criança com a natureza.

A retomada de relações estreitas nos leva à proposição de reintegração ao universo do qual somos parte através de um movimento de desemparedamento. Este movimento precisa ser realizado, não apenas por consideração às demais espécies, pela necessidade de preservá-las, mas também pela necessidade de preservação da própria espécie humano. A interação com a natureza é um direito humano. (TIRIBA, 2014, p.82)

A intenção de investigar a presença da natureza nas escolas de Educação Infantil evidencia-se por considerar o contato com o ambiente fundamental, sendo o mesmo na primeira infância (ELALI, 2003). Um caminho para estimular a sensibilidade das crianças à natureza é ensiná-las que nós, seres humanos somos a natureza, fazemos parte dela. Quando cuidamos da natureza, estamos preservando a nossa própria espécie humana. Segundo Tiriba (2018) a desatenção à paixão das crianças pelos espaços ao ar livre, pela natureza pode estar relacionado à degradação ambiental, visto que seria uma afirmação cultural dessa tendência à proximidade que assegura uma relação estreita entre sentir-se parte do mundo natural e protegê-lo.

O movimento de dizer não à destruição da vida na Terra implica práticas pedagógicas que assumam a educação como prática da liberdade (FREIRE, 1976). Por isso, as práticas da Educação Infantil devem possibilitar o contato com a natureza, mobilizando o desenvolvimento da admiração, do zelo e do respeito das crianças pelo meio ambiente.

4 METODOLOGIA

Essa seção apresenta os procedimentos metodológicos que foram utilizados na realização da pesquisa **RECONECTAR CRIANÇAS E NATUREZA**: possibilidades para a educação infantil. Para isso, apresenta-se o delineamento da pesquisa, seleção dos participantes da pesquisa, procedimentos de coleta dos dados e de análise dos dados.

4.1 Tipo de Pesquisa

Esta pesquisa foi desenvolvida por meio de um estudo de natureza qualitativa, cujo delineamento constitui-se de uma pesquisa-ação de cunho exploratório. De acordo com Asinelli-Luz (2000, p. 118), a pesquisa qualitativa “é formativa e permite compreender melhor as atitudes, crenças, motivos e comportamentos da população investigada, interpretando os aspectos emocionais e contextuais do comportamento humano, procurando responder ao porquê de determinado problema”. Por isso, o pesquisador deve levar em consideração os contextos que acontecem e analisar cada caso. Acredita-se na interpretação da observação e investigação dos elementos envolvidos, na busca de significados.

Quanto aos procedimentos técnicos constitui-se de uma pesquisa-ação de cunho exploratório. Visto que o pesquisador esteve inserido no campo de pesquisa, participando das propostas analisadas e, simultaneamente, fazendo suas observações e coletando dados.

A pesquisa – ação é um tipo de pesquisa com base empírica que é concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo. (THIOLLENT, 1986, p.14).

Com essa abordagem, o presente estudo buscou compreender como as práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza podem contribuir para novas experiências na Educação Infantil. A pesquisadora procurou respostas juntamente a um grupo de professores que fez parte da pesquisa, analisando essas práticas pedagógicas. “A pesquisa-ação tem características situacionais, já que procura diagnosticar um problema específico numa situação específica, com vistas a alcançar algum resultado prático.” (GIL, 2010, p. 42). A pesquisa-ação tem sido muito utilizada para pesquisas de ensino, com foco em novas práticas pedagógicas, por isso, consideramos o método apropriado para a realização dessa

pesquisa, pois parte-se da hipótese de que as práticas pedagógicas que envolvem o contato da criança com a natureza podem contribuir para novas experiências na Educação Infantil, proporcionam momentos de liberdade e aprendizagem prazerosa, de modo que valorizem os interesses das crianças. Nesse sentido essa pesquisa pretende contribuir para que os professores realizem propostas pedagógicas que contemplem as especificidades da Educação Infantil e entende que o desenvolvimento dessas práticas pedagógicas pode favorecer a busca para soluções de problemas ambientais, pois reconectar as crianças com a natureza, pode colaborar para a formação de cidadãos conscientes que tem zelo e respeito pelo meio ambiente.

Segundo Gil (2010), o planejamento das etapas da pesquisa-ação é flexível, pois envolve a ação do pesquisador e do grupo envolvido na pesquisa, é difícil estabelecer fases ordenadas temporalmente bem definidas, já que essas fases são determinadas de acordo com a interação e o relacionamento entre o pesquisador e os participantes, mas podemos considerar algumas ações que permearam o estudo e que podem ser consideradas como etapas da pesquisa-ação, são elas: fase exploratória, formulação do problema, construção de hipóteses, realização do seminário, seleção da amostra, coleta de dados, análise e interpretação dos dados, elaboração do plano de ação e divulgação dos resultados. Sendo assim, abordaremos a seguir a descrição de algumas etapas dessa pesquisa.

4.2 Contexto da Pesquisa

4.2.1 Desenvolvimento do curso e contexto da proposta

A proposta inicial para essa pesquisa era desenvolver atividades diretamente com as crianças da Educação Infantil do município do Rio de Janeiro. Propor práticas pedagógicas que as crianças interagissem com a natureza e a partir dessas atividades a pesquisadora faria as suas observações, geração de dados e análises. Porém, esse modelo de pesquisa não foi possível, pois estamos passando por uma pandemia; a sociedade está enfrentando a COVID-19, causada pelo novo coronavírus (SARS-CoV-2), as aulas presenciais ficaram suspensas por longo tempo e foram realizadas apenas de forma remota em algumas instituições. Esse modelo emergencial de ensino dificultou a interação com os alunos da Educação Infantil, que estão em creches e pré-escolas e têm de 0 a 5 anos, visto que são crianças muito pequenas e as ferramentas tecnológicas não contemplam as suas especificidades; esse fato tornou inviável a

aplicação das atividades com as crianças, necessitando de uma nova proposta e reformulação da aplicação desse estudo.

Sendo assim, fizemos uma adaptação da pesquisa, ao invés de aplicá-la com as crianças, ela foi direcionada para os professores no formato remoto; não com a intenção de formação profissional, apesar de ser inevitável essa formação com as etapas da pesquisa e seus estudos; a finalidade da pesquisa permaneceu: o de analisar as práticas pedagógicas que envolvem o contato da criança com a natureza e levantar as contribuições dessas práticas para a Educação Infantil.

Os professores participaram de um curso e contribuíram com a avaliação dessas práticas pedagógicas que colocam a criança junto à natureza e as contribuições dos participantes foram muito importantes para o desenvolvimento dessa pesquisa e para construção/validação do produto educacional. No curso, os professores que fizeram parte da pesquisa tiveram acesso ao referencial teórico, às considerações das literaturas sobre o tema abordado; após esse estudo abordamos o tema sobre as práticas pedagógicas, eles conheceram as propostas e puderam experimentá-las e reproduzi-las. O curso foi oferecido para os professores de forma remota, em plataforma online (Plataforma Moodle), no formato de vídeo conferência e foi dividido em cinco encontros síncronos (com 2h de duração cada, totalizando 10h) e cinco encontros assíncronos (também totalizando 10h) , onde ocorreram momentos de interações e estudos. O curso foi organizado da seguinte forma:

Quadro 2 – Roteiro e conteúdos que foram abordados no curso

1º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Apresentação da pesquisadora e dos professores participantes; • Questionário diagnóstico, com a intenção de ressaltar os conhecimentos prévios dos participantes sobre os temas abordados e suas opiniões sobre a proposta da pesquisa, antes dos estudos. • Estudo sobre a história da Educação Infantil e suas transformações.
2º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Estudo sobre as perspectivas teóricas que debatem a relação ‘Criança e Natureza’ • Quem são as crianças da educação infantil? • Brincadeiras do chão, o brincar com elementos naturais. • Apresentação e discussão de uma prática pedagógica que dialogue com os temas discutidos no dia do encontro.

3º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Como aproveitar a curiosidade natural das crianças para favorecer a construção do conhecimento na Educação Infantil? • Reflexão sobre as práticas pedagógicas na Educação Infantil. • Apresentação e discussão de uma prática pedagógica que dialogue com os temas discutidos no dia do encontro.
4º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Resistência da natureza: vista como espaço de sujeira e que traz perigo. • É preciso reconectar crianças e natureza. • Apresentação e discussão de uma prática pedagógica que dialogue com os temas discutidos no dia do encontro.
5º encontro	<ul style="list-style-type: none"> • Debate sobre as práticas pedagógicas e os temas abordados. • Contribuições do curso para as práticas pedagógicas dos professores. • Autoavaliação escrita.

Fonte: Elaborado pela autora da pesquisa.

O primeiro encontro do curso foi de apresentação dos participantes, da pesquisadora e da pesquisa; iniciamos também o estudo de alguns temas do referencial teórico da pesquisa. Do 2º ao 4º encontro, o curso abordou, temas do referencial teórico da pesquisa vinculados às práticas pedagógicas que contemplem os assuntos discutidos.

E no 5º e último encontro, finalizamos com uma autoavaliação escrita e um debate sobre os temas abordados e as perspectivas dos participantes sobre as práticas apresentadas e realizadas durante o curso.

Os participantes realizaram as atividades apresentadas nos encontros e retornaram, no encontro seguinte, com o registro de como foi a experiência para compartilhar com a pesquisadora e os demais integrantes do curso. A partir do envolvimento dos participantes com o curso e do desenvolvimento das propostas das atividades, a pesquisadora selecionou alguns participantes para fazer a entrevista semiestruturada, por via remota, para construir mais alguns dados da pesquisa. Todo material produzido e as contribuições dos participantes da pesquisa, durante o curso, foram utilizados como dados para a pesquisa e colaboraram na construção do produto final, um caderno de práticas pedagógicas com propostas de atividades e com orientações para professores interessados em trabalhar com uma perspectiva de interação da criança com a natureza na Educação Infantil.

4.3 Caracterização do campo de estudo e forma de ingresso em campo

A pesquisa foi realizada através de um curso online, por uma plataforma virtual de vídeo conferência. O curso foi oferecido para os professores e agentes de educação da Educação Infantil. Foi um curso de extensão vinculado ao Colégio Pedro II.

4.3.1 Processo de consentimento livre e esclarecido

Após a aprovação do projeto na Plataforma Brasil (Anexo B), a pesquisadora submeteu o curso à Diretoria de Extensão do Colégio Pedro II. Após a sua aprovação, por essa Diretoria, a inscrição para o curso foi divulgada no Portal do Colégio Pedro II, convidando professores para participarem do curso online. Os professores interessados preencheram o formulário de inscrição, se matricularam no curso e foram inseridos, como alunos, na Plataforma Moodle. No primeiro dia do curso foram apresentados a proposta da pesquisa, os objetivos do estudo, seus possíveis riscos e formas para amenizá-los, os benefícios, as etapas e procedimentos de coleta de dados, de que maneira eles iriam atuar como participantes da pesquisa e esclarecimentos de possíveis dúvidas. Foi disponibilizado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Anexo A), para os professores que além de participarem do curso também quiseram contribuir e fazer parte da pesquisa.

4.4 População e Amostra

A população foi composta por profissionais da Educação Infantil, professores e agentes de educação que atuam em creches e pré-escolas. Foram oferecidas 40 vagas para inscrição no curso. Tivemos um número bem maior de interessados e por isso aceitamos todas as inscrições, por volta de 70 inscritos. Porém, nem todos os inscritos no curso foram alunos ativos.

Para fins de coleta de dados, tivemos a participação de 11 professores da educação infantil, entre eles 10 professoras e 1 professor, que atuam em instituições da rede pública e privada, sendo que 2 professoras não estavam atuando no momento em nenhuma instituição. Esses professores concordaram em participar da pesquisa, assinaram o TCLE, compartilharam as suas experiências com as práticas pedagógicas na educação infantil, interagiram nos debates durante o curso, participaram da entrevista e responderam ao questionário, contribuindo assim para o levantamento de dados para essa pesquisa.

4.5 Instrumentos de Coleta de Dados

Utilizamos como coleta de dados as gravações em áudio das aulas durante o curso, consideramos as falas dos professores nos debates, comentários, observações e considerações ao longo das aulas, bem como os registros de algumas atividades que os professores aplicaram em suas turmas. Além disso, realizamos um questionário inicial (Apêndice A) para compreender quem eram os sujeitos de pesquisa e qual a sua relação com as práticas pedagógicas que envolvem a natureza e ao final do curso realizamos uma entrevista semiestruturada (Apêndice B) com as considerações dos professores, após a realização das atividades do curso (Apêndice C).

Escolhemos seguir esse percurso metodológico, pois entendemos que:

Diversas técnicas são adotadas para a coleta de dados na pesquisa-ação. A mais usual é a entrevista aplicada coletiva ou individualmente. Também se utiliza o questionário, sobretudo quando o universo a ser pesquisado é constituído por grande número de elementos. (GIL, 2010, pp. 153, 154).

A nossa ideia inicial era construir, como dado principal da pesquisa, o registro da aplicação das práticas pedagógicas que os participantes do curso realizariam com as crianças em suas turmas, porém nem todos os participantes conseguiram aplicar as propostas por conta do momento da pandemia que estávamos/estamos vivendo; muitos ainda estavam em atividades remotas. Além disso, o curso foi realizado no mês de dezembro, quando a maior parte das turmas já estava encerrando o período letivo. Por essas razões, levantamos dados a partir das práticas aplicadas por alguns professores, mas essa não foi a nossa coleta de dados principal. Obtivemos mais dados através das trocas de experiências durante as aulas do curso, onde os participantes fizeram considerações significativas sobre as propostas apresentadas pela pesquisadora, e também pelo compartilhamento das vivências dos cursistas, com as suas turmas, em relação às propostas pedagógicas junto à natureza que já tinham realizado na Educação Infantil.

As atividades propostas no curso e o retorno dos participantes sobre as atividades também fizeram parte da construção do produto educacional, composto de práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza e de conteúdos que podem auxiliar professores que tenham interesse em trabalhar com essa perspectiva na Educação Infantil.

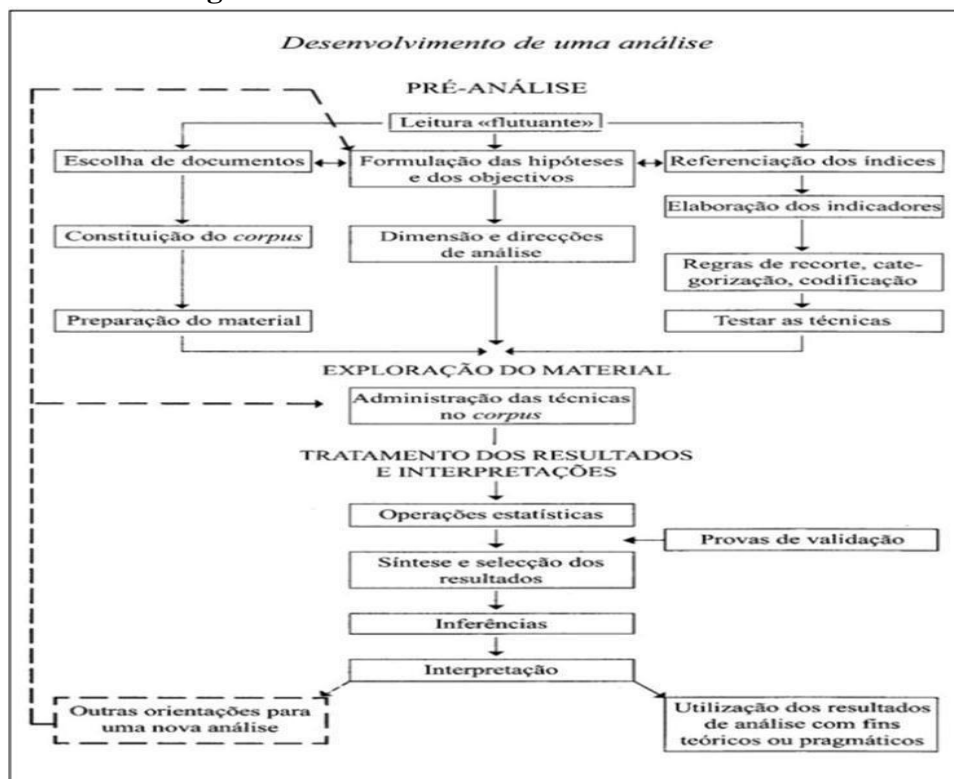
4.6 Metodologia de Análise de Dados

Os dados coletados citados anteriormente – gravações do curso, questionário e entrevista semiestruturada – foram transcritos e analisados a partir das técnicas de Bardin (2016), com a abordagem qualitativa. A análise de conteúdo é uma técnica de análise das comunicações, que traça orientações para tratarmos e analisarmos os dados gerados a partir das entrevistas com os professores, das audiogravações realizadas durante as aulas do curso e das observações feitas pela pesquisadora. A autora define o método como:

um conjunto de técnicas de análise das comunicações visando obter procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens indicadores (quantitativos ou não) que permitam a inferência de conhecimentos relativos às condições de produção/recepção (variáveis inferidas) dessas mensagens (BARDIN, 2016, p. 48).

A análise dos dados foi realizada a partir de três etapas da técnica de análise de conteúdo, são elas: pré-análise; exploração do material; tratamentos de resultados e interpretações. A figura abaixo apresenta as etapas da análise do conteúdo proposta por Bardin:

Figura 1 - Desenvolvimento da Análise do Conteúdo



Fonte: Bardin (2016, p. 102)

Na primeira etapa foi realizada a leitura dos dados que, segundo Bardin (2016) envolve a “leitura flutuante”, ou seja, um primeiro contato com os documentos que foram submetidos

à análise, a escolha deles, a formulação das hipóteses e objetivos, a elaboração dos indicadores que orientaram a interpretação e a preparação formal do material. Nesta etapa, foram transcritas as informações coletadas durante a pesquisa: gravações do curso, questionários e entrevistas semi-estruturada. Após a leitura flutuante desse material, selecionamos os conteúdos mais relevantes a fim de atingir os objetivos propostos na pesquisa, com caráter qualitativo. “Na análise qualitativa é a presença ou ausência de uma característica de conteúdo ou de um conjunto de características num determinado fragmento de mensagem que é tomada em consideração” (BARDIN, 2016, p. 27). Foram levadas em consideração as falas e colocações dos participantes em busca de mensagens que pudessem contribuir como ‘conteúdos de fala’ que dessem respostas às questões da pesquisa.

A segunda etapa foi a exploração do material, quando buscamos ‘conteúdos de fala’ que dialogassem com os objetivos dessa pesquisa. Sendo assim, a análise de conteúdo permitiu à pesquisadora fazer descobertas e possibilitou a confirmação ou negação das hipóteses, por meio da análise e interpretação de provas. De acordo com Bardin, a:

descoberta de conteúdos e de estruturas que confirmam (ou infirmam) o que se procura demonstrar a propósito das mensagens, ou pelo esclarecimento de elementos de significações suscetíveis de conduzir a uma descrição de mecanismos de que a priori não possuíamos a compreensão (2016, p. 35).

Depois da análise do material, na terceira etapa, buscou-se organizar ‘os conteúdos de fala’ em temas ou categorias que auxiliaram na compreensão do que está por trás dos discursos. Bardin ilustra esse processo de separação e organização como a arrumação que fazemos em gavetas, elas são como uma:

espécie de gavetas ou rubricas significativas que permitem a classificação dos elementos de significação constitutivos da mensagem. É, portanto, um método taxonômico bem concebido para satisfazer os colecionadores preocupados em introduzir uma ordem, segundo certos critérios, na desordem aparente (BARDIN. 2016, p. 43).

Os conteúdos coletados e explorados foram classificados de acordo com: as semelhanças das falas de outros participantes; relação com os temas abordados na pesquisa; considerações que aprovem ou neguem a hipótese de que as práticas pedagógicas que propiciem o contato com a natureza possam contribuir para novas experiências na Educação Infantil. Também observamos nas falas se havia referências sobre de que maneira essas práticas poderiam contribuir para a Educação Infantil, se poderiam proporcionar um maior interesse, curiosidade e prazer nas crianças e se mobilizariam a admiração, o zelo e o respeito ao meio ambiente. Ao encontrarmos esses conteúdos de fala, categorizamos todas as

contribuições citadas pelos participantes da pesquisa. Essas categorizações foram organizadas e apresentadas por meio de figuras e desenhos e analisadas de forma qualitativa. De acordo com Bardin (2016, p. 147), o processo de categorização se trata de uma “operação de classificação dos elementos constitutivos de um conjunto por diferenciação e, em seguida, por reagrupamento segundo o gênero (analogia), com critérios previamente definidos”.

Pudemos vivenciar o quanto o método da análise do conteúdo de Bardin foi uma técnica bastante pertinente para analisarmos as vozes dos professores que participaram dessa pesquisa e para obtermos resultados que nos possibilitaram tecer considerações sobre como as práticas pedagógicas junto à natureza podem contribuir para Educação Infantil.

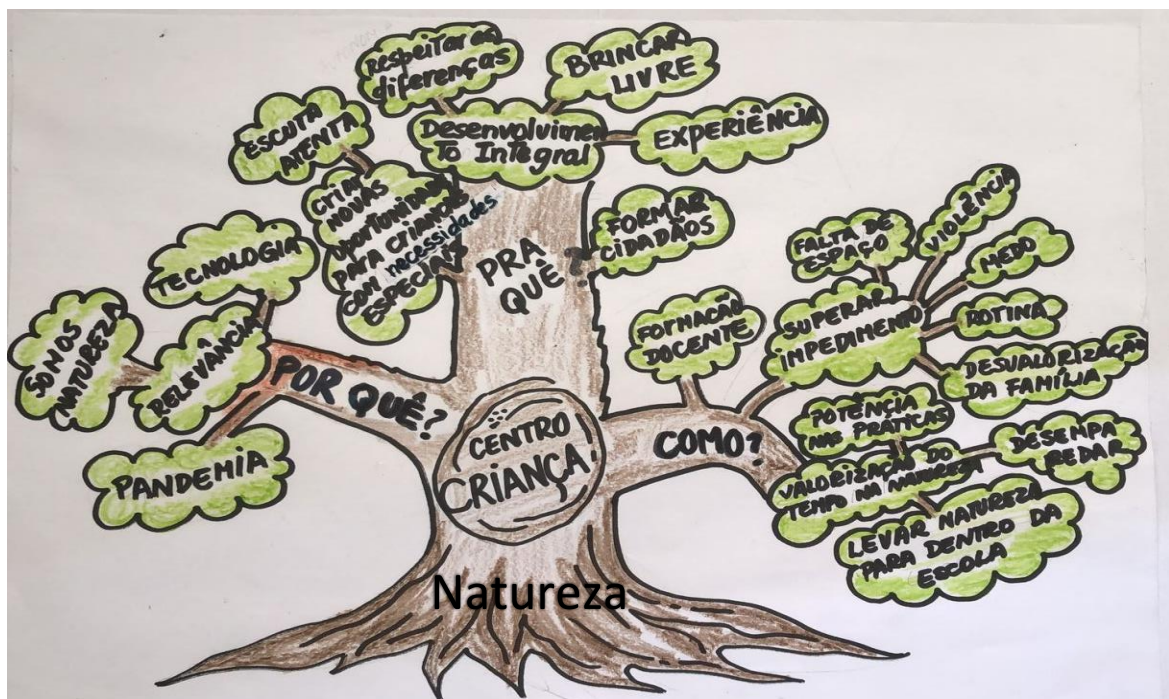
5. ANÁLISE DOS DADOS

Neste capítulo iremos apresentar a análise de dados coletados a partir de um curso ministrado pela pesquisadora para professores da Educação Infantil. Esses dados foram analisados por meio da técnica de análise de conteúdo de Bardin (2016), conforme foi detalhado na seção anterior.

A partir dos indicadores de fala levantados com base no objetivo geral da pesquisa – ‘Compreender como as práticas pedagógicas que envolvem o contato com os elementos naturais e o ambiente externo podem reconectar a criança com a natureza e criar novas possibilidades para a Educação Infantil’ – criamos as categorias relacionadas às práticas pedagógicas que reconectem as crianças com a natureza. Organizamos os conteúdos de fala em três categorias principais: por quê? (relevância); para que? (possibilidades) e como? (aplicabilidade). A partir dessas categorias foram elencadas outras subcategorias. Encontramos nos dados, principalmente a partir das falas dos participantes da pesquisa, conteúdos e indicadores que nos levaram a criar subcategorias.

Veja, a seguir, uma figura que mostra as categorias e subcategorias encontradas, de forma organizada e estruturada:

Figura 2 – Árvore das categorias e subcategorias



Fonte: Elaborado pela pesquisadora, 2022

A partir da leitura flutuante dos dados, elencamos diversas palavras-chave que nos deram suporte para refletir sobre os conteúdos de fala e estruturarmos categorias e subcategorias com possibilidades de conteúdos para a análise. Representamos essas ideias através do desenho de uma árvore em que simbolicamente cada parte tem o seu significado e relações entre si. A raiz representa a natureza, o começo de tudo, o que irá nutrir a criança e toda a prática envolvida nesse processo. O caule representa o caminho, o elo entre a natureza, a criança que é o centro das práticas e das reflexões sobre as práticas pedagógicas; este é dividido em três ramificações representando as categorias encontradas na pesquisa: Por que, Para que e Como reconectar crianças e natureza. Dessas categorias surgiram os galhos e folhas representando as subcategorias, subtemas e conteúdos para o debate na análise dos dados, respeitando a ordem dos temas e as suas relações.

Após o levantamento dessas palavras-chaves, que a leitura dos conteúdos de fala nos trouxe, estruturamos e definimos as categorias e subcategorias, organizamos de acordo com a tabela a seguir:

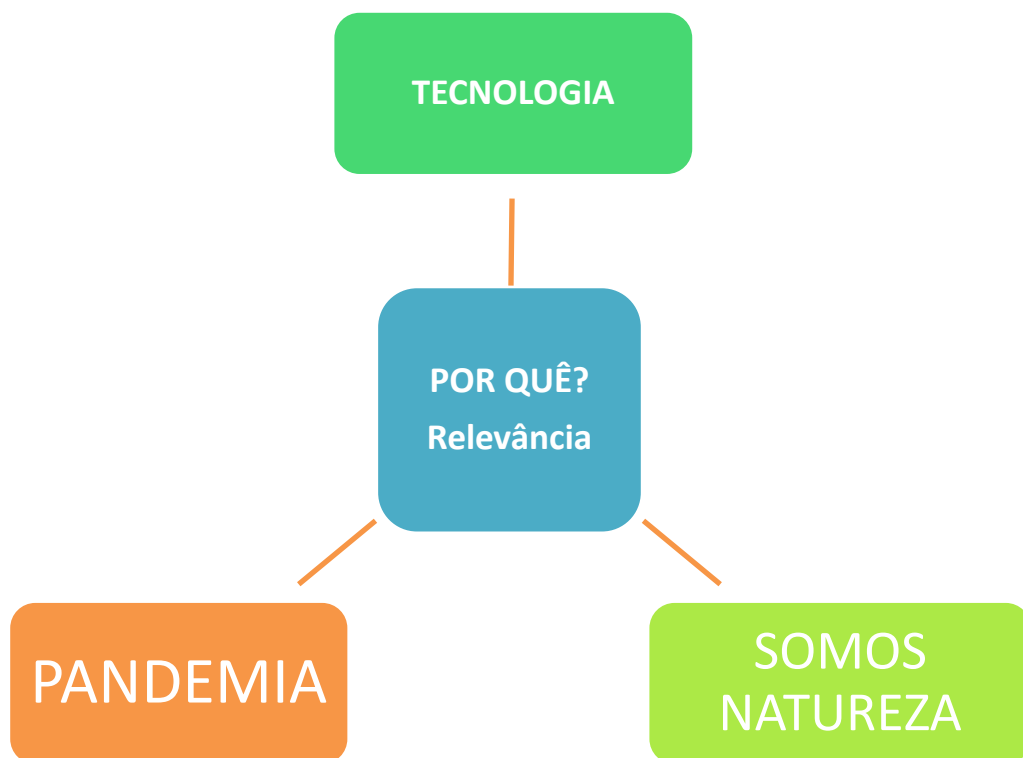
Quadro 3 – Tabela com as categorias e subcategorias da pesquisa

Práticas Pedagógicas que reconectam crianças e natureza		
POR QUÊ? Relevância	PARA QUE? Possibilidades	COMO? Aplicabilidade
Porque o uso da tecnologia está muito presente na vida das crianças desde muito cedo.	Para formar cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente.	Superando os impedimentos que aparecem
Porque vivemos um momento de pandemia, isolamento social e confinamento.	Para contribuir com o desenvolvimento integral da criança	Aprofundando conhecimentos através da formação docente
Porque somos natureza, reconectar-se com ela nos faz bem.	Criar novas oportunidades para crianças com necessidades específicas.	Valorizando o tempo na natureza

Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Nos conteúdos de fala, relativos à primeira categoria, encontramos muitos indicadores do quanto o uso da tecnologia está muito presente na vida das crianças desde muito cedo, também tivemos muitas considerações sobre o momento pandêmico que estamos vivendo, de isolamento social e confinamento; além disso, tivemos falas que os sujeitos se referiam à natureza como um lugar que traz bem-estar. Encontramos nessas reflexões conteúdos que evidenciam a relevância das práticas pedagógicas que envolvem criança e natureza na educação infantil, por isso criamos a categoria “Por que práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza?” para discutirmos sobre essas questões.

Figura 3: Esquema categoria “por que”.



Fonte: Autoria da pesquisadora

A categoria ‘Para que práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza?’ surgiu a partir dos conteúdos de fala sobre o quanto essas propostas com a natureza podem formar cidadãos conscientes (com zelo e respeito pelo meio ambiente), criar novas

oportunidades para crianças com necessidades específicas e contribuir para o desenvolvimento integral da criança. Elencamos subcategorias para essa última categoria, como: estimular a curiosidade e o prazer nas crianças - respeitar e valorizar os interesses das criança, através da escuta atenta; Desenvolver a criatividade e o olhar investigativo - permitir a experiência, brincar livre; Ampliar o repertório de conhecimentos de forma espontânea e natural- criatividade, autonomia, conhecimento de mundo e aprendizagens. Comprendemos que esses conteúdos de fala retratam sobre as possibilidades que as práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza podem trazer para a educação infantil.

Figura 4: Esquema categoria “para que”.

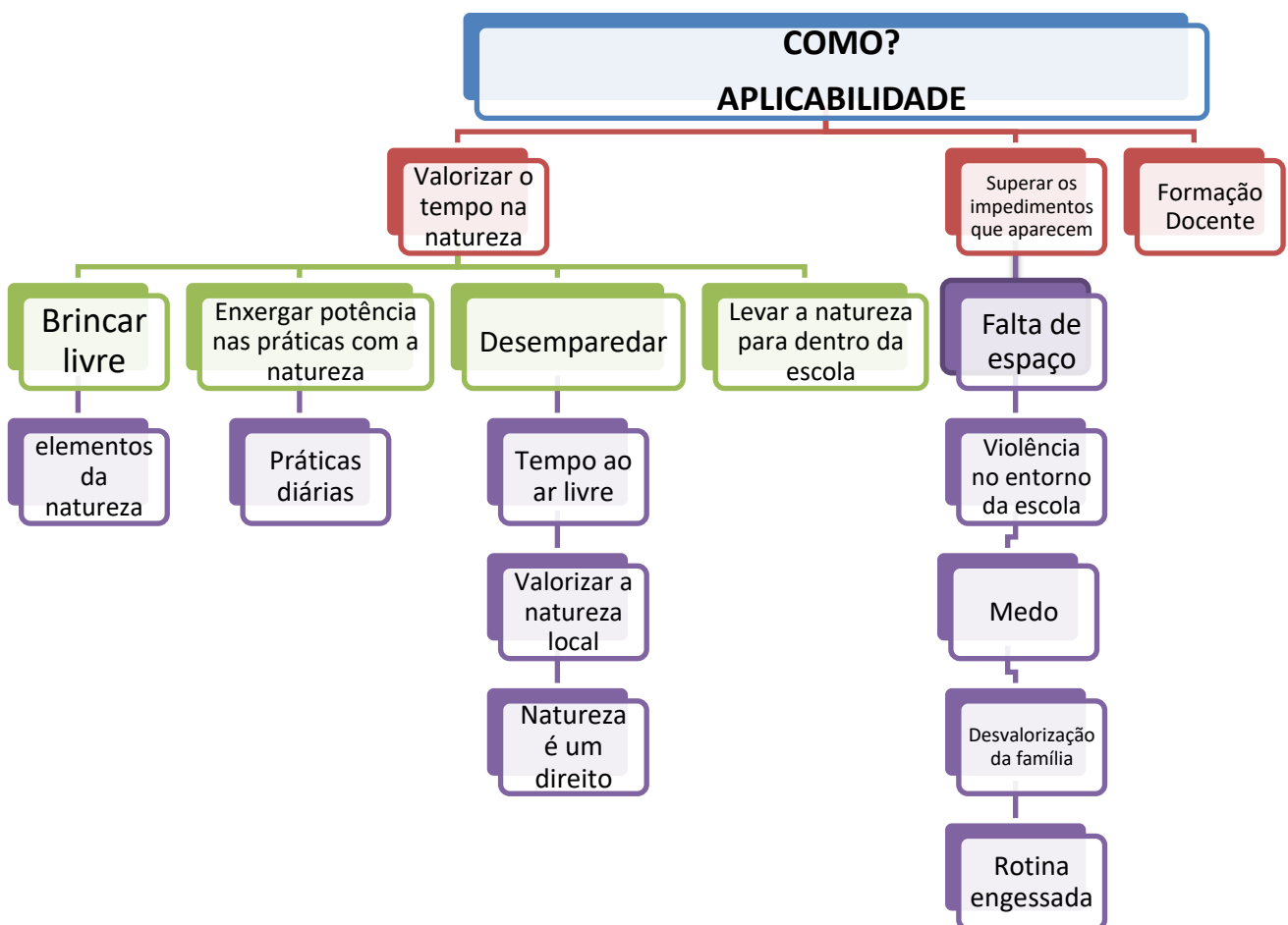


Fonte: Autoria da pesquisadora

Estabelecemos a categoria “Como práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza?” através dos conteúdos de falas que demonstraram a aplicabilidade dessas propostas, de que maneira e como fazê-las. A partir dessa categoria surgiram subcategorias:

Superar os impedimentos que aparecem: falta de espaço, violência no entorno da escola, medo de alguns animais, desvalorização da família, rotina engessada. **Valorizar o tempo na natureza:** brincar livre - utilizar elementos da natureza; desemparedar (mais tempo fora da sala, valorizar os espaços da natureza ao redor da creche, natureza é um direito; levar a natureza para dentro da escola; enxergar potência nas práticas com a natureza. **Aprofundando conhecimentos através da formação docente.**

Figura 5: Esquema categoria “como”.



Fonte: Autoria da pesquisadora

POR QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

Figura 6: ilustração categoria por que



Fonte: Anthony Lião, 5 anos

“Como eu vou saber da terra, se eu nunca me sujar?
Como eu vou saber das gentes, sem aprender a gostar?
Quero ver com os meus olhos, quero a vida até o fundo,
Quero ter barro nos pés, eu quero aprender o mundo!”

Pedro Bandeira10

6. POR QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

Encontramos muitas falas nos dados da pesquisa que nos levaram a considerar esta questão e elas estão voltadas para a preocupação sobre a tecnologia nos tempos atuais, principalmente para o quanto as crianças desde bebês já fazem uso de tecnologia, principalmente de telas. Passam a maior parte do seu tempo assistindo aos desenhos em telas. As telas de celulares, tablete e televisão tomaram o lugar de momentos de brincadeiras e interação social.

Professora R- muitas crianças perdem essa essência com a natureza a partir do momento que são expostas a telas.

Professora P: Eu acredito muito que a gente com essa vida corrida, com as famílias, mães no mercado de trabalho, as crianças elas perdem o território da infância e do brincar. Então ter essa oportunidade de ter contato com a natureza e expandir isso para as nossas crianças é de extrema importância, porque as nossas crianças, não só por conta da pandemia, acredito que a pandemia ainda tenha piorado a situação, mas elas estão cada vez mais dentro de casa, cada vez mais imersas a tecnologia. Então eu acho que é extremamente importante a gente ter conhecimento e poder proporcionar isso para eles.

O estudioso Richard Louv (2016), entrevistou mais de 3 mil famílias urbanas e rurais e constatou que a relação com a natureza estava se acabando e ponderou as consequências desse distanciamento. A partir da sua pesquisa ele criou o termo “transtorno do déficit da natureza”, abordou este assunto em seu livro “ A última criança na natureza”, ele levanta essa hipótese de que muitas doenças atuais como estresse, depressão, ansiedade, déficit de atenção, hiperatividade podem estar afetando as crianças pela falta do contato com a natureza e ao mesmo tempo o contato com a natureza pode ajudar a tratar os sintomas dessas doenças. O conceito de *déficit da natureza* não é um diagnóstico médico, mas é uma maneira de pensarmos sobre o problema presente, com foco não só nas crianças mas em toda a sociedade que tem sofrido com essa ruptura de contato com a natureza.

Segundo o autor: “O transtorno de déficit da natureza descreve os custos da alienação em relação a natureza , incluindo a diminuição no uso dos sentidos, dificuldade de atenção e índices mais altos de doenças físicas e emocionais. “ (LOUV, 2016, p.58). Em sua pesquisa

Louv (2016) entrevistou especialistas que acreditam que o cérebro humano não está preparado para receber o excesso de estímulos que as telas oferecem, algumas crianças tendem a se adaptar normalmente a esses estímulos mas tem outras que não conseguem. Por isso ele considera que essa grande mudança que passamos ao longo dos últimos quarenta anos com a transformação de uma sociedade rural para uma sociedade urbana em que a vida com a natureza deu lugar a uma vida limitada ao uso de tecnologias pode ter influenciado em muitas doenças atuais. Para o autor, crianças e adultos precisam manter uma relação com a natureza, pois é uma necessidade inata. Romper essa conexão do ser humano com a natureza não é saudável e pode acarretar em diversos problemas biológicos, físicos e espirituais.

Outro fato histórico, apontado nos dados, que reforça os dados anteriores foi a pandemia:

Professora M: Eu acredito que criança e natureza não é um privilégio e sim um direito, e eu vejo a diferença que é quando a gente acaba ficando mais presa em casa, nesse período de pandemia, lockdown, ficou muito nítido isso.

Professora R: Sou professora, mas não estou atuando pois tenho uma bebezinha de 1 ano e escolhi me dedicar durante o primeiro ano dela, por conta disso esse tema me chamou muito a atenção porque a gente que mora em apartamento e veio a pandemia, eu percebo o impacto disso da falta do contato com a natureza.

O estudo de Louv (2016) foi feito antes da pandemia, portanto, depois desse momento de isolamento que vivemos, precisamos considerar que muitas crianças ainda nem conhecem o que é a natureza, não tiveram nenhum contato com ela. Que mundo é esse que elas estão conhecendo? Um mundo virtual, com estímulos unilaterais em que a criança só visualiza uma tela, mas não consegue experimentar com todos os seus sentidos. Isso irá contribuir para uma inversão de valores em relação à natureza(?) ainda maior, provavelmente o desconhecido irá aumentar ainda mais e o medo do contato com a natureza também, pois ela poderá ser vista como um lugar inapropriado e inseguro. Nesse momento histórico, o ambiente natural tem sido substituído, com maior intensidade, pela casa com tomadas e telas, por um mundo virtual que não é real. Levanto essas hipóteses para reflexão, mas atualmente já devem existir estudos aprofundados em andamento sobre essa consequência da pandemia e como o distanciamento social afetou as crianças que nasceram durante esse período.

A pandemia que estamos vivendo nos dias atuais, por causa da covid-19 só potencializou o uso da tecnologia. Nos momentos de isolamento muitas famílias fizeram o uso das telas como recurso para manter as crianças entretidas. Além disso, as crianças ficaram mais tempo dentro de casa, sem contato com a natureza e com outras pessoas. As consequências disso só vamos conseguir ponderar ao longo do tempo, mas os participantes do curso já pontuaram as suas preocupações quanto à essa realidade e o quanto perceberam que ela já tem impactado as crianças da faixa etária da educação infantil, de 0 a 5 anos, pois muitos nasceram no momento da pandemia e ainda não tiveram nenhum contato com a natureza – tiveram pouquíssimas experiências com o mundo externo ao seu redor.

Ao mesmo tempo, durante a pandemia conseguimos perceber o quanto o ambiente interno, que era considerado seguro, pode ser um espaço alto de contaminação e risco à saúde. O vírus da covid-19 deixou claro para toda a sociedade o fato de que quanto mais aglomeração e lugares fechados, maior é o risco de propagação do vírus. E que em lugares abertos e ao ar livre, esse contágio é diminuído. Então, a natureza passou a ser entendida como um lugar mais seguro visto às condições sanitárias que vivemos. Acredito que, antes desse momento pandêmico, as pessoas não tivessem essa visão sobre lugares fechados e abertos, ainda acreditavam que uma sala de aula fechada era o ambiente mais apropriado e seguro.

A autora Lea Tiriba já trazia essa reflexão sobre o quanto esse cuidado exagerado e medo do ambiente aberto poderia ser contraditório:

O que dizem as professoras é que o cotidiano de crianças e adultos é balizado pelo objetivo de proteção a tudo que possa ameaçar a saúde das crianças, o que faria todo o sentido, se não implicasse limitação exagerada aos seus movimentos ao ar livre. Entretanto, ignorando que a propagação de micro-organismos é favorecida em ambientes abafados. (TIRIBA, 2018, p. 85)

Antes da pandemia já haviam estudos sobre o quanto a propagação de vírus fica mais acentuada em lugares fechados, mas mesmo assim as pessoas continuavam invertendo a concepção de lugar seguro, priorizando ainda os lugares fechados como os mais protegidos. Durante a pandemia com o vírus covid-19 a informação do lugar fechado trazer mais riscos passou de ser apenas uma informação mas a sociedade percebeu na prática o quanto isso era real. Com os protocolos de segurança tivemos que priorizar os lugares abertos como medida de proteção contra a propagação do vírus. Por isso, a ideia de lugar ideal mais seguro para a criança foi ressignificada a partir dessas nossas vivências atuais.

O fato de perder a liberdade de ir e vir durante a pandemia, também despertou as pessoas para o problema da falta de estar livre e suscitou o maior interesse em estar em contato com a natureza. Os professores que participaram do curso tiveram essa percepção:

Professor D: Eu achei a temática muito interessante porque as crianças dessa idade que eu atuo diretamente, o passado deles já é um passado muito ligado à tecnologia, por conta da pandemia. E nós que já temos uma visão disso antes, devemos trazer para eles que o mundo não é um mundo virtual, por isso essa temática é muito importante para mostrar a eles o que é a vida, o mundo de verdade fora da tecnologia, senão eles estarão sempre imersos vivendo em um universo paralelo.

Professora T: O que mais me chamou a atenção é a necessidade que as crianças estão passando, depois de mais de 1 ano presos em casa, ao redor de onde trabalham são crianças de conjunto habitacional, são criadas em apartamentos por metro quadrado.

Visto isso, os professores percebem o quanto é urgente propor práticas pedagógicas que reconectem criança e natureza, como forma de proporcionar mais momentos de liberdade e vivências com o mundo natural. Aumentar o repertório com o mundo em que vivemos, oportunizando experiências sensoriais por meio dos elementos da natureza.

Professor D: Quando a colega fala que a criança viu na rua uma borboleta, é interessante porque ela está prestando atenção na vida em que ela está presente. É interessante reconectá-los com a natureza para mostrar a eles que existe um mundo fora da tecnologia, que eles podem perceber, sentir, ouvir e por aí vai...

Professor D: Essa vida digital trouxe um distanciamento muito grande dessa vida real do que é a natureza de fato para as crianças, porque para eles a natureza pode estar na tela de um celular, mas quando a gente pega e coloca-os em contato com essa natureza. Eles tiveram oportunidade de mexer com a terra, de pegar em minhoca e planta e tudo mais. Essas questões fazem com que eles voltem para a sala de aula já com um olhar diferente e aí a gente vê que surte um efeito positivo, afeta de forma positiva.

Professora T: É se orgulhar de ver que o que você está propondo eles de certa forma eles curtem e valorizam, não é uma bandeira que está se levantando e está perdendo para o tecnológico.

Por isso a Lea Tiriba reforça o quanto é importante propormos práticas de liberdade e aproximação com o ambiente livre, principalmente com a natureza, aproveitarmos os elementos naturais para as vivências na educação infantil:

Abrir-se-iam os caminhos para uma pedagogia da vida, respeitadora e alimentadora da atração que as crianças têm pela vida ao ar livre. Pois ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isso, precisamos realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-se como chão e como pano de fundo ou como matéria-prima para a maior parte das atividades escolares.

Interpretamos que esses dados nos revelam a importância dessas práticas pedagógicas com a natureza na educação infantil. Os professores perceberam que após o momento de lockdown, as pessoas, inclusive as crianças estavam com um comportamento diferente, valorizando mais os momentos ao ar livre, perder o direito por um tempo de estar em liberdade fez com que eles dessem mais importância ao mundo exterior. As crianças retornaram às escolas com um olhar mais sensível ao redor.

Professora R: Também observei nesse retorno que tivemos em agosto, foram as crianças olhando o céu, as árvores, as borboletas. Passava perto, coisa que antes não faltavam muito, eu não me atentava para esse cuidado. Mas foi muito interessante a gente sair um pouco e eles observarem a natureza que tem em volta deles, isso que me chamou bastante atenção, é um caminho que a gente precisa como educadora estar aproveitando.

Professora M- A gente procurou fazer com a pandemia, mostrar para as crianças esse olhar para o espaço, ambiente nosso. Essas rotinas tem que ser vistas com o olhar de descobertas, olhar do novo, ver a natureza como novas possibilidades.

Além das crianças, os professores também perceberam essa necessidade de aguçar o olhar para a natureza, aproveitar mais os espaços ao ar livre e criar novas possibilidades para as práticas pedagógicas na educação infantil.

Professora T- Na minha infância eu subia muito em árvore, eu mexia muito com terra, eu tinha essa liberdade. As crianças estão cada vez mais ligadas a tomadas e valorizando o tecnológico em detrimento do ambiental. E não só na questão de conservar mas de olhar e perceber que somos natureza.

A fala acima é muito interessante, pois percebemos que a professora discutiu a relevância das práticas com a natureza para além da oportunidade de amenizar o uso da

tecnologia, mas como uma necessidade que o ser humano tem em se reconectar com a natureza pelo próprio bem estar, pelo simples fato de sermos seres da natureza. E nos trouxe uma reflexão do quanto às infâncias sofreram mudanças ao longo dos anos, no passado as crianças ainda tinham essa liberdade de brincar na natureza, atualmente essa oportunidade tem ficado ainda mais distante.

Esse sentimento de pertencimento a natureza pode ser explicado pelo conceito de biofilia, que significa amor pela vida: “Biofilia” vem do grego bios = vida; philia = amor, afeição ou necessidade de satisfação. O termo foi popularizado pelo ecólogo americano Edward O. Wilson em seu livro de mesmo nome publicado em 1984. Compreendendo este conceito de biofilia, conseguimos entender o porquê o ser humano sente-se bem em estar em contato com a natureza, um lugar que transmite calma e paz. O sentimento de amor pela natureza faz com que nos reconectamos conosco. Esse olhar de pertencimento nos faz refletir e gera mudança de práticas e concepções. Conseguimos perceber nas falas dos professores o quanto o olhar pela natureza mudou, a partir do momento que foi tirado esse direito de contato com meio externo por causa da pandemia, e no retorno o quanto as pessoas sentiram necessidade de estar mais próximo à natureza, tanto as crianças quanto os professores.

Encontramos outras falas que os participantes se percebem como seres da natureza:

Professora M- a gente é natureza, então, quando se olha para as crianças hoje que são o futuro de amanhã, que nós somos a natureza, que a gente não joga lixo no chão porque ele vai parar no mar, a gente precisa da natureza, então acho isso muito importante.

Professora T- E não só na questão de conservar mas de olhar e perceber que somos natureza.

Professora R- nós somos natureza. Somos parte dela. Ao reconectar crianças e natureza reafirmamos a própria identidade humana.

Pensar que somos natureza amplia a nossa visão para além de preservar algo distante de nós, confronta a ideia de olhar a natureza apenas como recurso, retirada de matéria-prima e por isso devemos preservá-la para não faltar, quando na verdade devemos cuidar porque a natureza é uma extensão de quem nós somos, preservando a nossa própria identidade. Segundo Freire (2013, p. 20) :“A hipótese de biofilia sugere que o cérebro humano está programado para se relacionar com outros seres vivos.” Para isso, temos a oportunidade na educação infantil de valorizar esse sentimento de biofilia que ainda é latente nas crianças pequenas e permitir que essa conexão com a natureza seja cada vez mais presente na vida

delas, a partir do contato direto com os elementos da natureza, propor vivências e brincar livre no ambiente natural.

Professora M- A criança tem que se sentir parte do que é natural. Brincar livremente. E reconhecer a importância do meio ambiente desde cedo.

Professor D – O PPA desse ano lá na escola, abrangeu bastante o meio ambiente e o contato com a natureza, praticamente o ano inteiro a gente teve a oportunidade de vez ou outra estar em contato com a natureza e fazer disso uma oportunidade para eles crescerem enquanto seres humanos, entendendo que nós somos frutos da natureza.

Professora V - percebi que essa prática não tem idade, tanto faz os bebês, os maiores, a gente pode estar apresentando a natureza, porque nós fazemos parte dela e a gente pode estar mostrando isso para qualquer idade. E o quão bom é para a gente também, porque eu adorava ir

Na terceira aula do curso abordamos esse tema biofilia e biofobia e antes de dialogarmos sobre o assunto, foi proposta uma dinâmica em que os participantes deveriam fazer um desenho da natureza, eles deveriam fechar os olhos pensar na natureza e depois registrar esse pensamento em forma de desenho. Cada participante desenhou a natureza de forma diferente, observamos que esses desenhos refletiam vivências de suas infâncias, foi despertada a memória afetiva deles. Eles desenharam onde brincaram na infância, o quintal da casa dos pais, dos avós, a árvore que gostava de subir, de colher fruto para comer, os animais, lago, cachoeira preferida, lugar que costuma ir para se acalmar... Enfim, registros de diferentes paisagens e elementos da natureza de acordo com as experiências que foram significativas e marcaram as suas histórias, cada um com a sua cultura e identidade. Outro ponto que podemos refletir é que todos relataram suas histórias no desenho, mas apenas uma participante se desenhou como fazendo parte da natureza, considerou-se um ser vivo que também é natureza.

Figura 7– Desenho sobre a natureza - Professora R



Autoria Professora R

Professora R: Eu desenhei elementos que eu percebo enquanto natureza: a grama, o lago, animais aquáticos, patinhos, peixinhos, fiz uma árvore, flores, um tronco de árvore, uma joaninha, o sol e a nuvem. São elementos que admiro, porque nos meus momentos de lazer eu me enfio sempre no mato, é onde eu sinto paz, me sinto bem natureza. As pessoas têm várias formas de relaxar e eu relaxo em meio a natureza. Eu amo flores, aprecio e conheço várias espécies de flores, gosto muito de plantas. Vem muito de um desenho estereotipado porque eu aprendi a desenhar assim na minha infância. Então eu trago um pouquinho dos dois, tanto do que eu acredito ser natureza quanto do que já foi consolidado como “é assim que se desenha”.

Figura 8 – Desenho sobre a natureza - Professora V



Autoria Professora V

Professora V: Fiz uma árvore porque lembrei da minha infância, eu cresci no meio do mato, no meio da terra, a minha mãe tinha uma horta, então a gente tinha de tudo nessa horta, e me remeteu um pouco a minha infância. Então fiz essa árvore que não é frutífera mas representa todas, umas florzinhas e as crianças brincando porque também fazem parte da natureza. Nós brincávamos muito, subia em árvores, pegava goiaba, banana. Então como também somos elementos da natureza . Fiz animais porque minha casa também era cercada de animais, e um laguinho, esse laguinho nós construímos para os bichinhos beberem água. Minha mãe tinha muito bicho: era galinha, porco, pato, muito bicho. Então assim, eu sou apaixonada pela natureza tanto pelos vegetais quanto pelos animais. E trazendo para o dia de hoje trabalho com uma professora que ama ficar embaixo de uma árvore na sombra com as crianças, brincamos e nos divertimos com o pouco de natureza que tem lá. Então uni os dois a minha infância e os dias no trabalho atual hoje.

Outras descrições de desenhos feitos pelos professores para representar o que significa natureza para eles:

Professora G: Eu desenhei coisas que eu gosto, eu amo ver árvores frutíferas. Se eu fosse rica iria comprar um pomar só para ficar olhando as árvores frutíferas. E desenhei formiga, porque eu amo formiga, todo desenho que faço tenho que colocar formigas, caracol, também coloquei o patinho no lago, porque isso é a natureza né? É o que Deus criou, é o que a gente vê, é o que a criança gosta e a gente se sente bem. Coloquei o sol também bem lindo, fonte de vitamina D que a gente tem que tomar, até mesmo para essa gripe. Mas destaquei mais as árvores frutíferas porque eu amo.

Professora M: Eu fiz uma cachoeira, umas pedras, a água correndo, o sol e os pássaros em cima. Eu desenhei porque é o que eu mais me identifico e é o que sinto mais falta no momento.

Professor D : Desenhei uma árvore, uma cachoeira, umas plantinhas, o sol, as nuvens e os pássaros. Eu sempre gosto de fazer esse desenho, e vi que veio a calhar com a proposta. Não tem muita relação com a natureza mas com a minha natureza interna, porque meu irmão fez esse desenho uma vez e eu achei incrível e comecei a reproduzir. Gosto muito de reproduzir esse desenho. As raízes quanto mais profundas a gente vai colocando e os troncos, é uma sensação de liberdade muito boa.

Professora RA: Desenhei montanhas, cachoeiras, porque tenho muitas lembranças de cachoeira quando eu era pequena.

Depois que todos os professores descreveram o seu desenho fizemos uma reflexão sobre o ser humano também ser representado como natureza, encontramos esse elemento em um desenho e pedimos para a professora explicar porque ela desenhou uma menina em um desenho que seria para representar os elementos da natureza e ela respondeu:

Professora V: Eu desenhei porque eu escuto muito é: “nós somos natureza”, por saber que a gente faz parte que eu desenhei porque além da minha infância, a gente pensar em uma natureza sem o ser humano, não teria o porquê né. Então o cuidar da natureza e estar da natureza, você faz parte dela, por isso achei importante desenhar porque me sinto parte da natureza, eu sou natureza.

Outros professores também contribuíram com reflexões sobre esse debate:

Professora R: Mesmo já tendo ouvido falar sobre isso que somos natureza acho que é questão que a gente precisa internalizar, porque na hora de reproduzir a gente continua colocando natureza como algo a parte e não se incluindo nela, inclusive eu fiz isso.

Professora M: Acho que quando a gente pensa com essa concepção e se compreender dentro da natureza a gente traz a nossa noção de responsabilidade ne, que é fundamental para a gente pensar na educação ambiental.

Professora R: Quando nos enxergamos como parte da natureza fica mais fácil da entender a importância de preservá-la.

Podemos refletir através desses dados que mesmo a pessoa valorizando os momentos na natureza e relembrando as suas vivências na infância, na vida adulta ela já se separa da natureza. Isso acontece porque a nossa sociedade está a cada dia mais se distanciando da natureza, a ponto de se enxergar na posição de superior à ela, na posição de dominador considera a natureza como um lugar de recursos e matéria-prima para a produção. A sociedade atual passou a enxergar a natureza como um lugar de sujeira e perigo que traz riscos a saúde. Esses sentimentos de pertencimento, conexão com a natureza e a biofilia, deram lugar ao conceito de biofobia. Segundo Freire (2013), um professor de estudos ambientais chamado David Orr, denominou biofobia, como uma “doença” que atingem as pessoas que estão distantes da natureza e crescem no meio da cidade, seu contato com a natureza se reduz apenas à plantas decorativas. As pessoas com biofobia tem medo da natureza, considera como um lugar de ameaça que traz riscos e sujeiras, elas valorizam mais os momentos com a tecnologia, consumos industrializados e objetos artificiais. Como em pouco tempo nos distanciamos tanto da natureza e revertemos o sentimento de biofilia para biofobia? Como a história da infância sofreu tanta mudança? Alguns adultos ainda têm memórias da sua infância com a natureza, mas estão criando os seus filhos distantes dela. Por que a sociedade tem rompido a cada dia mais a sua conexão com a natureza?

Segundo o autor, a biofilia comprova que o interesse pela natureza está impresso em nossas células, o cérebro humano está programado para se relacionar com outros seres vivos, uma tendência inata para dar importância ao mundo natural, porém o ser humano é controlado por sua cultura, podendo, portanto, reverter totalmente para a biofobia. Uma cultura que valorize a economia e o consumo certamente vai na contramão da biofilia. Para Louv(2018),

a natureza já é um lugar garantido e não tem incentivo comercial, como é um lugar gratuito não há grande interesse econômico envolvido. Crianças brincando com elementos naturais não favorecem ao mercado de consumo, não dão dinheiro para nenhuma empresa. Incentivar essa prática natural não irá enriquecer a economia do país, por isso a sociedade está valorizando cada vez mais a tecnologia e desvalorizando os momentos com a natureza. Estamos aprisionados em um mundo urbano, industrial e consumista.

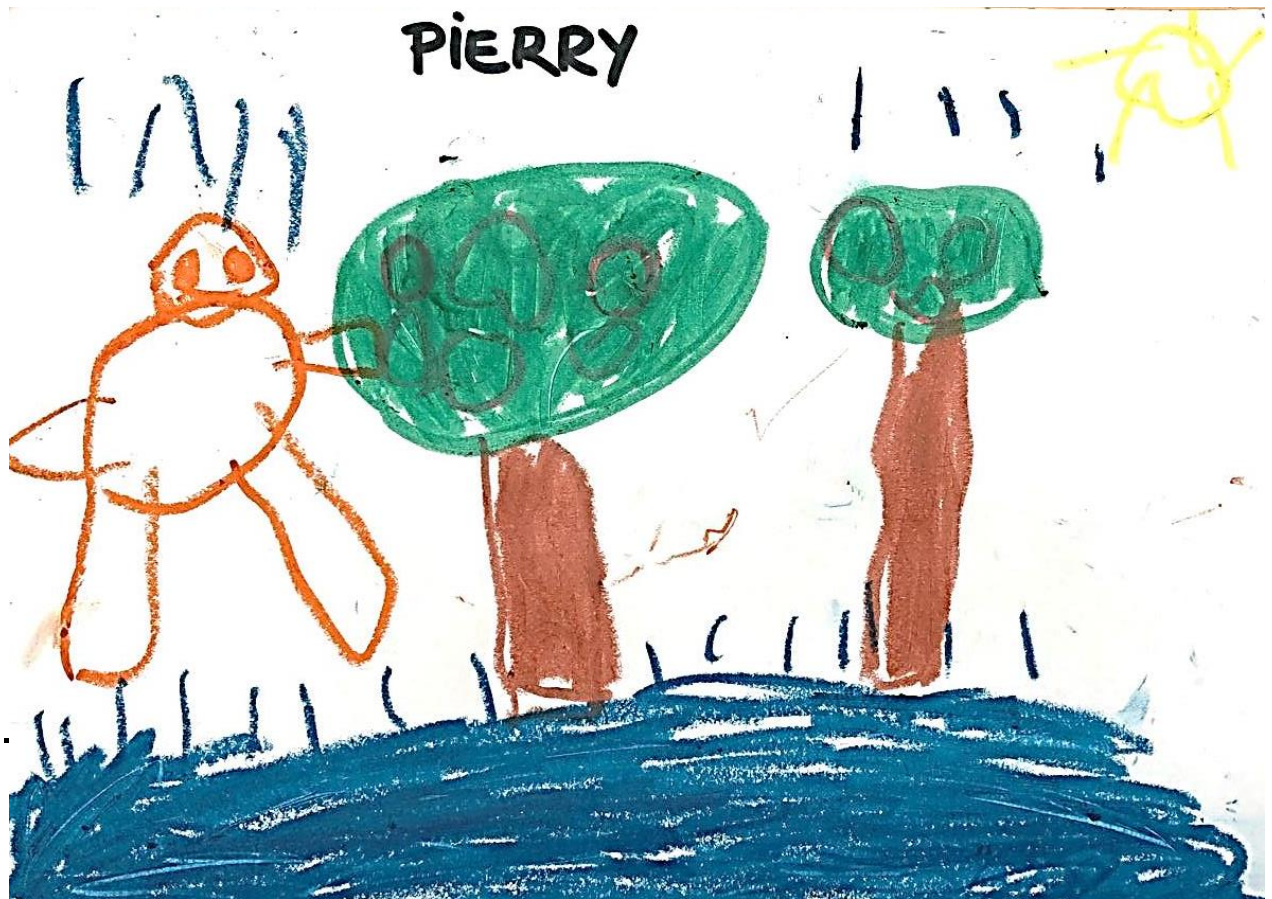
Uma fala de uma participante do curso que se identificou como parte de uma cultura biofóbica, identificou que durante a pandemia esse sentimento de medo da natureza ficou ainda mais evidente. Mas começou a refletir sobre as suas práticas e o quanto estava fazendo mal para a sua família, percebeu que deveria mudar e começou a enxergar com um novo olhar um lugar cheio de natureza próximo da sua casa. Encontrou potencia na natureza um lugar que amenizou os sentimentos do isolamento e criou novas oportunidades para a sua filha que apresenta muita sensibilidade com as diferentes texturas e sensações.

Professora R: Aqui em casa a gente viveu um pouco da biofobia né por conta de minha filha ter nascido na pandemia, foi uma situação muito difícil, ficamos muito tempo isolados, ela passou a ter contato com outras crianças agora. E a partir do curso eu comecei a conversar com o meu esposo, a gente começou a perceber que muita coisa estava errada, da nossa prática, porque a gente tem muito medo da natureza, o pai ainda mais do que eu. Quando a gente vai à rua é álcool o tempo todo, não sai de casa sem o gel que protege contra todos os vírus. A gente morando pertinho do horto foi um divisor de águas, porque como a gente estava muito isolado, aqui perto comecei a levar ela lá, e aí a gente fica brincando, mas ela tem uma questão de

Visto isso, compreendemos o quão é urgente nos reconectarmos com a natureza não só as crianças mas também os adultos. Na educação infantil temos a oportunidade de valorizar a biofilia que ainda está presente nos pequenos, percebemos o afeto neles pela natureza, podemos aproveitar esse interesse por estar em contato com o natural, nessa faixa etária de 0 a 5 anos ainda conseguimos evitar que aconteça a biofobia, as crianças não tem medo da natureza, pelo contrário elas querem explorar, conhecer, investigar e saber o porquê de tudo a sua volta, os adultos e a nossa visão inversa do que a natureza representa acaba podendo esse vínculo da criança com a natureza e gerando uma ruptura a ponto de causar muitos transtornos decorrente do déficit da natureza ao longo do tempo. Mas para haver essa mudança precisamos ir na contramão da sociedade consumista e que considera a natureza como um lugar de risco, devemos acreditar no poder das práticas com a natureza e contaminar os pais com essa concepção, causando uma mudança diária na vida dessas famílias.

PARA QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

Figura 9: ilustração categoria para que



Fonte: Pierry, 5 anos

“Como todos nós sabemos
E isso é pura certeza
Toda criancinha é
Curiosa por natureza
Tudo aquilo que ela ver
Deseja logo saber
E pra saber o que quer
Começa a perguntar
E só consegue se calar
Depois que aquilo souber”
(Curiosidade de Criança, de J. Sousa, 2014)

7. PARA QUE REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

A análise dos dados sobre “por que reconectar as crianças com a natureza” aponta para a importância e urgência de repensarmos as nossas práticas a partir das evidências sobre uma realidade atual assolada pela tecnologia, pelo consumismo e pelos problemas advindos com a pandemia e isolamento social – que trouxeram, além dos danos físicos, psicológicos e sociais. A análise dos dados também nos mostra quais as possibilidades que podemos desenvolver junto às crianças da educação infantil através das práticas que envolvam a natureza. Por isso agora vamos debater uma segunda categorização encontrada nos dados dessa pesquisa: PARA QUE reconectar crianças e natureza?

7.1 Para formar cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente

Quando pensamos em práticas pedagógicas sobre o tema natureza, geralmente pensamos em planejar atividades sobre meio ambiente, sustentabilidade, preservação, datas comemorativas, tais como: dia da água, dia da árvore, do meio ambiente.... E durante os debates realizados com os docentes no curso apontaram como grande a possibilidade de realização dessas práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza a partir da oportunidade de trabalhar o cuidado com o meio ambiente e a formação de cidadãos críticos e conscientes com o meio que os cercam. E não se restringir a abordar esses assuntos apenas em datas comemorativas, mas que a vivência com a natureza se torne experiências diárias que vão contribuir para uma reconexão significativa com a natureza favorecendo o sentimento de cuidado e zelo pelo meio ambiente.

Um dos documentos da Educação Infantil, DCNEI (2009) Diretrizes Curriculares Nacionais, orientam que na Educação Infantil deve haver propostas que “Promovam a interação, o cuidado, a preservação e o conhecimento da biodiversidade e da sustentabilidade da vida na Terra, assim como o não desperdício dos recursos naturais”. (BRASIL, 2009, p.21-22). Isso significa que as práticas na Educação Infantil devem ser planejadas e executadas com o objetivo de que as crianças percebam que pertencem ao meio ambiente e que fazem parte dele ; e por isso devem valorizá-lo e cuidar da sua conservação, pois dessa forma estarão preservando a sua própria existência.

*Professora M- é necessário essa reconexão para que as crianças não percam essa maravilhosa sensação que é **sentir** e respeitar a nossa natureza.*

*As crianças se **sentirão parte** de um ambiente que se renova a cada dia e aprenderão a cuidar e amar esse ambiente cada dia mais.*

*Professora R- geram **sentimentos** de responsabilidade, cuidado, amor e um encanto pela natureza.*

Os dados destacados acima apontam que devemos permitir que as crianças **SINTAM** a natureza de modo que esse sentimento gere pertencimento e amor em relação à natureza. Para Tiriba (2014) precisamos desemparedar as crianças para permitir que elas sintam e vivenciem a natureza, e isso não deve ser uma escolha e sim um direito das crianças:

Este movimento precisa ser realizado, não apenas por consideração às demais espécies, pela necessidade de preservá-las, mas também pela necessidade de preservação da própria espécie humano. A interação com a natureza é um direito humano. (TIRIBA, 2014, p.82)

Os professores, durante o curso, relataram que estão em busca por conhecimento de como realizar as propostas com a natureza porque ainda vivenciam, nas instituições, práticas que abordam o tema meio ambiente apenas nas datas comemorativas e com atividades em folha de papel digitalizada, o que não permite de fato que a criança conheça, experimente e sinta a natureza, limitando assim o seu conhecimento e a sua vivência de mundo.

Professora M - E agora estou procurando creches e eu achei um absurdo, achei uma única creche que contemple isso de uma forma ampla e não só no dia do meio ambiente.

Professora A – Porque a gente costuma trabalhar geralmente quando é o dia do meio ambiente, vejo pouco desse envolvimento e eu acho que esse tema deve ser trabalhado durante todo o ano letivo.

Professora T- O que me deixa inquieta também são as escolas que venham propor só a horta, não que eu desvalorize a horta dentro da escola, mas para proporcionar esse contato com a natureza só através da horta.

Infelizmente muitas instituições não se apropriam dessas práticas e experiências na rotina diária. Abordam esses temas apenas em datas comemorativas, como: dia da árvore, dia da água, dia do meio ambiente, entre outros. Não exploram os temas de ciências de maneira ampla e contextualizada. Por que não proporcionar às crianças atividades com contato direto com a natureza? Visto que a natureza é um lugar com diversidade e rico em elementos que irão estimular as crianças a explorarem, aguçarem seus sentidos, fazer novas descobertas e aprendizagem.

No imaginário dos profissionais, a criança não teria direito de conhecer a realidade natural e social que a cerca? Se essa é uma das funções da Educação Infantil, como as profissionais conceberiam o acesso a essas realidades: por meio do discurso pedagógico, das gravuras, das histórias, de práticas que falam da realidade, mas dela não se aproximam? Isso confirmaria uma concepção em que o conhecimento não está relacionado à vida concreta. (TIRIBA, 2018, p.81)

Apresentar conteúdos fragmentados em data específica sem explorar os temas em todos os aspectos, pode limitar a capacidade de compreensão da criança pequena ou não fazer significado para ela. Quando é ensinado de forma mecânica e periódica limita o objetivo de transformar a criança em um cidadão crítico, questionador e consciente.

Saviani (1992) também critica as propostas pautadas nas efemérides:

Não é demais lembrar que esse fenômeno pode ser facilmente observado no dia a dia das escolas. Dou apenas um exemplo: o ano letivo começa na segunda quinzena de fevereiro e já em março temos a semana da revolução: em seguida ,a semana santa, depois a semana das mães , as festas juninas, a semana do soldado, semana do folclore , semana da pátria., jogos da primavera , semana da criança ... O ano letivo se encerra e estamos diante da seguinte constatação: fez-se de tudo na escola: encontrou-se, tempo para toda espécie de comemoração, mas muito pouco tempo foi destinado ao processo de transmissão-assimilação de conhecimentos sistematizados. (op. cit., p24).

Esse tipo de atividade mantém uma relação superficial da criança junto à natureza que a cerca. O distanciamento da natureza não permite que a criança conheça e crie um vínculo com ela, dessa forma o objetivo de formar cidadãos conscientes com o meio ambiente não é desenvolvido e a construção de uma postura ética em relação ao meio ambiente não se efetiva, pois esse tipo de atividade não faz sentido para a criança pequena.

Tiriba (2018) nos faz refletir sobre esse tema quando questiona: “E as instituições de Educação Infantil materializam, em seu cotidiano, o distanciamento do mundo natural. Como, nessas circunstâncias, ensiná-las a amar e preservar a casa em que vivemos, a Terra?” (p. 203) Como querer cuidar de algo que não temos afeto? Como amar algo que não temos intimidade. Para gerar esse sentimento de verdade nas crianças, elas precisam estar em contato direto com a natureza, senti-la, tocá-la, admirá-la...

Abrir-se-iam os caminhos para uma pedagogia da vida, respeitadora e alimentadora da atração que as crianças têm pela vida ao ar livre. Pois ninguém será capaz de amar o que não conhece; ninguém será capaz de preservar uma natureza com a qual não convive. Por isso, precisamos realizar uma aproximação física, estabelecendo relações cotidianas com o sol, com a água, com a terra, fazendo com que sejam elementos sempre presentes, constituindo-se como chão e como pano de fundo ou como matéria-prima para a maior parte das atividades escolares. (TIRIBA, 2018, pp.199-200)

Por isso devemos fazer da Educação infantil um lugar de aconchego, liberdade e alegria através da criação e valorização de espaços para vivências junto à natureza. Se é muito mais difícil alguém amar e cuidar de algo que não convive, podemos considerar o quanto é propício desenvolver propostas junto à natureza com as crianças, desde pequenas, já que o ser humano irá cuidar e zelar por algo que tenha vínculo e aproximação.

Encontramos mais um fala que também evidencia a importância do conhecer para amar:

*Professora M: A gente percebe que a gente deve mostrar para criança esse cuidado com a natureza **porque ela só vai amar se ela conhecer, se ela realmente entender que é importante ela cuidar e valorizar.** E ela saber a importância não só para vivência dela, mas também para todos nós.*

É possível desenvolver uma reconexão com a natureza na educação infantil, desde que seja com propostas que façam sentido para as crianças. Encontramos, nas falas dos participantes do curso, uma observação sobre o fato de que não tem idade para ensinar sobre esse tema, pois quanto mais nova a criança, mais ativo estará o sentimento de biofilia o que possibilitará a nós, educadores, incentivar esse sentimento de amor, zelo e cuidado pelo meio ambiente com mais naturalidade, pois já faz parte do interesse da criança nessa faixa etária. As crianças só terão essa percepção se vivenciarem momentos de interação com a natureza e despertarem esse sentimento de admiração, compreendendo que precisam do meio ambiente para sobreviver.

*Professora R- O fato de propor essas ações que fazem com que as crianças tenham esse contato, tenham esse olhar de que ela é parte, de que ela tem que cuidar, preservar, com certeza faz com que elas tenham uma atitude de respeito admiração, sim, pela natureza. **As crianças têm zelo pelo que aprendem a cuidar. O contato com a natureza, o aprender a preservar deve ser ensinado desde a mais tenra idade.***

No relato abaixo, a professora demonstrou encantamento com os sentimentos que as crianças pequenas demonstram pelos animais e pela natureza. Compartilhou um exemplo de uma vivência em sua escola em que, no meio de uma situação de perigo para os adultos, as crianças não manifestavam nenhum sentimento de medo ou nojo em relação ao que vivenciavam, pelo contrário, o sentimento era de carinho, afeto, admiração:

Professora G- Lá também sempre tem uma égua e eles tem um sentimento tão lindo por ela, eles sempre falam “olha ela lá, vamos falar com ela tia, vamos lá!” E a gente nem podia ir lá porque estava com uma infestação de carrapatos. Ai eu ficava assim.. e falava “Vamos ficar daqui e olhar, vamos ver como ela é, olha lá como ela ela é bonita.” O outro queria ir até lá mexer nela, cantar parabéns para ela, sabe? Uma coisa muito linda de ver a inocência deles. Aí eu falo que é um ser vivo que vive na natureza. Lá também tem muito cachorro, eles falam “tia olha lá o cachorro deixa ele ir para a sala”, ai eu falava “calma gente!” é uma coisa assim que você tem que ter aquelas artimanhas e falas, porque se deixar eles colocam os cachorros lá pra cima, pegam a égua e levam para a sala de aula. É uma coisa muito linda das crianças e a gente deve inserir isso neles que devemos cuidar do cachorrinho. É muito bom trabalhar na educação infantil gente.

Mesmo a égua sendo grande, as crianças queriam levá-la para a sala, pois criaram um vínculo com ela, queriam estar cada vez mais próximos dela. Podemos considerar esses sentimentos tão aflorados nas crianças pequenas como a expressão da biofilia, essa necessidade e vontade de estar próximo à natureza sem enxergar possíveis riscos. “A biofilia é uma atração congênita pela vida, um interesse, impresso em nossas células, pela natureza em todas as suas manifestações.” (FREIRE, 2013, p.19) Por isso elas não têm medo de chegar perto, colocar as mãos, tudo muito de forma natural. “Uma tendência inata para atribuir valor e importância ao mundo natural que podem ser modelados pela cultura, chegando inclusive a inverter completamente o seu sentido (biofobia).”(FREIRE, 2013, p.19 e 20) Os adultos enxergam os riscos antes do afeto, porque a biofobia já está presente na cultura da nossa sociedade, esse adulto já foi podado ao longo da sua vida. Essa vontade de estar junto com a natureza é muito forte nas crianças, isso faz muito sentido na prática quando a gente pensa no conceito de biofilia, porque essa conexão é muito evidente nelas, esse sentimento de pertencimento sem medo dos riscos.

Segundo Tiriba (2018) os educadores devem estar atentos à paixão das crianças pelos espaços ao ar livre, pela natureza. Quando ignoram ou não valorizam esse sentimento das crianças, podem estar contribuindo para degradação ambiental, visto que estariam afirmando uma tendência cultural de distanciamento da natureza. Em contrapartida, dar liberdade para as crianças expressarem seus sentimentos de afeto sobre a natureza os aproxima dela e contribui para uma relação de sentir-se parte do mundo natural e por isso querer protegê-lo.

Os dados nos mostraram como os educadores podem realizar, na prática, propostas que incentivem uma reconexão das crianças com a natureza, na educação infantil, sem precisar elaborar grandes atividades ou tarefas em folhas. Os professores nos deram exemplos simples e práticos de vivências do dia a dia com as crianças e de como abordar esse assunto sobre o cuidado com o meio ambiente de forma natural, aproveitando as curiosidades das crianças e as situações recorrentes das práticas diárias na educação infantil.

Professora R- as crianças queriam arrancar as florzinhas, isso que a colega estava falando é muito real, elas ficam compadecidas depois que elas aprendem a ter esse zelo, elas passam a realmente ter esse senso de cuidado. Elas antes queriam arrancar a florzinha, aí eu falava “não pode, ela sente dor quando arranca. Vamos pegar a florzinha que está no chão?” E aí sempre quando a gente fazia os nossos passeios, pela manhã, a gente sempre passeava pela escola e sentava um pouquinho para pegar sol, olhar o céu e aí elas já iam lá pegar as florzinhas e falavam “só a do chão né tia, porque a que está ali no pezinho elas choram se arrancar.” Quando vinha outro mais desavisado e arrancava aí vinha outro quase chorando: “aah tia, olha lá ela está chorando agora!”.

Professora G- Como aconteceu lá na escola tem um pé de acerola e nós explicamos a eles que com a acerola podemos fazer um suco, que a gente mesmo recolhe e a gente explica se a gente não cuidar dessa árvore, e da mangueira também, a gente pode ficar sem os frutos dela. Quando eles veem a acerola no chão eles ficam com peninha “Ah tia caiu, coitadinha, esmagou!” e isso vai trabalhando até os sentimentos né? “Tia vamos pegar elas, o que podemos fazer com elas?” Aí a gente planta de novo aquela sementinha, a gente planta de novo a acerola.

Professora K- para as crianças que gostam de trazer flor para as professoras, a gente explica com carinho, mas fala para não arrancarem as florzinhas, usar sempre a que já está no chão. Lá a gente tem muita invasão de miquinhas, a gente tenta aproveitar essa invasão para trabalhar o respeito ao meio ambiente também, sem causar medo, falamos “deixa ele lá, respeita o espaço dele, ele está na árvore porque é o lugar dele”. E expandir isso para se ver uma minhoca e todos os bichinhos que a gente vai encontrando. O que a gente faz? “Aqui é o lugar dele, o quintal é a casa dele.” A gente tenta estimular as criancinhas a continuarem brincando, respeitando o bichinho que está ali, ele está e a gente também, essa questão de respeitar o espaço.

Professora M - No nosso EDI aprendemos que não devemos matar as formiguinhas que elas veem trabalhando, aprendem a parar e ouvir os cantos dos pássaros e o voos das borboletas, a não arrancarem as flores e só colherem as flores caídas no chão, a apreciarem as frutas que estão nos coqueiros, nas mangueiras dentre outras.

Muitos exemplos se repetiram como a admiração pelas flores, querer ou não arrancar as plantas, o cuidado com os animais e insetos. Conseguimos perceber que essas atitudes estão presentes nessa faixa etária das crianças da educação infantil e que, independentemente do tipo de escola e localidade, é a forma como o educador vai conduzir essas situações que vai fazer a diferença no resultado que essas vivências simples podem gerar. O educador pode alimentar o sentimento de zelo pelo meio ambiente e aguçar ainda mais a curiosidade já existente nas crianças ou ele pode podar e despertar nas crianças um sentimento de medo e nojo em relação à natureza.

Outra questão importante que podemos destacar é que podemos reconhecer a vida não apenas através dos animais, mas também através dos vegetais. Identificar vida nos animais acaba sendo mais fácil para as crianças, mas demonstrar que as flores e as vegetações também têm vida e que precisam do nosso cuidado é fundamental para que elas compreendam que a vida está na natureza e que todos os seres vivos estão conectados e precisam de respeito e cuidado. Vivenciar que colhemos os frutos que vem das árvores, que estas sofrem transformações ao longo do ano e que nos nutrem com alimento que produzem traz significado ao sentido da vida e da nossa existência; da ideia de que tudo está interligado. As crianças podem compreender que essa alimentação não vem do mercado, mas que é gerada pela natureza, fruto de um ser vivo; esse entendimento traz muito mais significado para a criança sobre a conexão humana com a natureza.

Destaquei outras falas que evidenciam a importância de aproveitarmos as oportunidades que surgem na educação infantil para abordarmos sobre esses assuntos, explicando tudo na linguagem de entendimento das crianças pequenas, utilizar as próprias perguntas que elas fazem sobre curiosidades a partir das suas vivências e aproveitando essas situações para contribuir na formação de cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente.

*Professor D: **contribui no entendimento que eles têm sobre vida.** A gente fala que as árvores são como o pulmão da terra e tudo mais, e eles **de pouquinho em pouquinho começam a criar valores que agregam a eles a natureza** de fato, esse era o nosso objetivo e eu consegui perceber isso.*


*Professora G- Acho que o cuidar, a gente pode mostrar que devemos cuidar da natureza, porque se a gente não cuidar ela pode acabar, se a gente maltratar, se a gente tirar uma florzinha ou uma plantinha que não precisar ser retirada a gente pode ficar sem o seu recurso. **Tudo isso é uma explicação na linguagem deles,** o lixinho, um canteiro maltratado, podemos começar a trabalhar aquele canteiro, limpar, a regar, isso tudo vai despertando neles o cuidar da natureza, despertar neles que eles vão precisar deles mais tarde, que se a gente não cuidar da aguinha ela vai acabar, se não cuidar da terrinha, a sementinha pode não nascer. Trabalhar isso neles é uma **possibilidade de contribuir e despertar esse cuidado neles.***

*Professora K- Então quando a gente vai molhar, eles molham tudo, molham a árvore, a planta, distinguem o que é flor ou folha, molham tudo. A gente sai muito não só para brincar, mas para “pegar sol”, **a gente explica na linguagem simples a importância de pegar um fresquinho, um solzinho para o corpo e esse desenvolvimento,** eles já falam “tia tá na hora de ir pegar sol”.*

Por isso, devemos propor, na educação infantil, práticas de liberdade, fora de sala, para permitir que as crianças tenham essas experiências com o mundo natural e os educadores consigam incentivar esse respeito com o meio ambiente. O movimento de dizer não à destruição da vida na Terra implica práticas pedagógicas que assumam a educação como prática da liberdade como instrumento de formação de um cidadão consciente com o mundo que o cerca.

Um professor participante do curso teve a sensibilidade de perceber, em suas observações através das propostas realizadas com as crianças ao longo do curso, o efeito que essas práticas causaram nas atitudes e formas de pensar das crianças. Ele percebeu que o comportamento das crianças que participaram das práticas na natureza foi diferente das outras crianças que não participaram.

Figura 10: Relato de experiência de práticas na natureza



Professor D- E em uma das propostas que foi colocada para a gente trabalhar com as crianças eu percebi na sala de aula, e de repente uma criança falou de uma formiga na sala de aula e aí eu deixei, acontecer e fiquei só observando para ver e trazer aqui para a nossa roda de conversa e duas crianças queriam matar aquela formiga, mas uma criança fez de tudo para proteger a formiga e não deixou as outras matarem. Ironicamente, essa criança que estava protegendo a formiga foi uma criança que participou de muitas atividades que a gente teve o contato com a natureza, e como já esperado as outras duas crianças chegaram já agora no final do ano, por conta da pandemia e do ensino híbrido, não tiveram tanto contato com a natureza assim e estavam querendo matar a formiga. Parece irônico, mas é verdade, eu percebi que surtiu sim um efeito de proteção à natureza por contato com a natureza. Porque geralmente o diferente o ser humano tende a botar para fora, é melhor agir no padrão do que tentar entender. Então, desde o matar a barata em casa e matar a formiga na rua e jogar um papel de bala no chão, se você parar para pensar que mexe de alguma forma no ecossistema, se eles tiverem senso crítico da proteção, já vai surgir efeito na sociedade em que eles convivem de uma forma ou de outra, criando essa amizade com a natureza. Cria-se amizade com o meio ambiente e dessa forma todo mundo sai ganhando.

Eu queria salientar também uma atividade que fizemos no começo do ano sobre contagem e a gente teve que improvisar, passar atividades para eles no remoto e com coisas que eles teriam em casa e tudo mais, então eu inventei ali uma música na hora falando da formiga amiga “a formiga amiga tinha um balanço”, tocando violão e inventando uma música lá e tal, então a imagem da formiga especificamente já tinha afetado as crianças de alguma forma positiva, as que participaram desse trabalho, e eu fiquei só observando para ver o que iria acontecer e eu lembrei da proposta da gente observar as crianças e trazer para o grupo e aí eu decidi ter um olhar mais atento a isso e ver como seria essa defesa a natureza e achei muito interessante.

As crianças que participaram das propostas na natureza realizadas durante as aulas demonstravam mais sensibilidade e cuidado para com a formiga, queriam defendê-la, em contrapartida as crianças que quase não participaram das propostas na natureza não demonstraram esse cuidado. Interessante essa diferença de percepção de natureza entre as crianças que têm o contato direto com a natureza através das propostas na escola e as crianças que não tem essa oportunidade ou tem pouca interação com a natureza. Esse relato evidencia o quanto os momentos com natureza pode despertar os sentimentos de zelo e cuidado. Como ter amor e zelo por algo que eu não conheço, como vou criar um vínculo com algo distante de mim? (TIRIBA 2018) Nesse relato, o professor expressou o vínculo que a criança estabeleceu com a natureza (formiga) a partir das oportunidades que ela teve de vivenciar e experimentar essa natureza já a outra criança que não teve essa oportunidade e não apresentou esse vínculo, pois não expressou um cuidado pela natureza. Com isso percebemos o quanto a nossa prática pode influenciar na formação de cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente, desde a mais tenra idade.

A *professora M* também acredita nesse papel do educador e na realização de práticas na natureza em prol da construção de uma sociedade mais consciente para com meio ambiente:

Professora M- A partir de simples atitudes podemos modificar o olhar e o cuidado com a natureza e essas atitudes positivas só aumentam para os nossos pequenos. A partir do momento em que as crianças aprendem que devemos preservar e cuidar do nosso meio ambiente, elas repassam esses cuidados também para seus pais ou responsáveis.

Essas práticas pedagógicas desenvolvidas junto à natureza na escola, que incentivam o cuidado com o meio ambiente, são extremamente importantes para a formação do cidadão consciente, desde bem pequenos. Como consequência, aos poucos, através da realização dessas práticas de reconexão com a natureza, os educadores podem incentivar e despertar os sentimentos de respeito, zelo e cuidado pelo meio ambiente, de forma profunda e não apenas superficial e momentânea, formando cidadãos mais conscientes das suas atitudes. Além disso, essas práticas podem influenciar e gerar mudanças também nas famílias dessas crianças, impactando uma comunidade e quem sabe, futuramente, uma sociedade. Precisamos acreditar que é possível essa transformação e que os educadores têm

um grande poder em suas mãos de contagiar as pessoas de maneira positiva, desde a educação infantil, contribuindo para a formação de cidadãos conscientes que demonstram zelo e respeito pelo meio ambiente.

7.2 Para contribuir com o desenvolvimento integral da criança

Os dados nos mostraram que os benefícios das práticas na natureza vão muito além de apenas despertar o cuidado com o meio ambiente mostraram que esse contato com a natureza pode proporcionar o desenvolvimento global da criança, que é o principal objetivo da Educação Infantil. O currículo na educação infantil de acordo com a DCNEI (2009, p.12) “é um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças(...), de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade.” O brincar na natureza e os seus elementos pode ser um grande recurso pedagógico para ajudar nesse desenvolvimento integral da criança. Segundo a BNCC (2017), o professor deve garantir experiências que promovam o desenvolvimento pleno das crianças na educação infantil:

Parte do trabalho do educador é refletir, selecionar, organizar, planejar, mediar e monitorar o conjunto das práticas e interações, garantindo a pluralidade de situações que promovam o desenvolvimento pleno das crianças. (BRASIL, 2017, p.35)

Encontramos nos conteúdos de fala que as experiências na natureza possibilitam que a criança se desenvolva integralmente, favorecendo a aprendizagem de forma prazerosa e significativa, ampliando as suas vivências e memórias afetivas.

*Professora M - Quanto mais proporcionar experiências junto à natureza, mais a criança tem um **desenvolvimento integral**, possibilitando experiências concretas descobrindo o mundo a sua volta.*

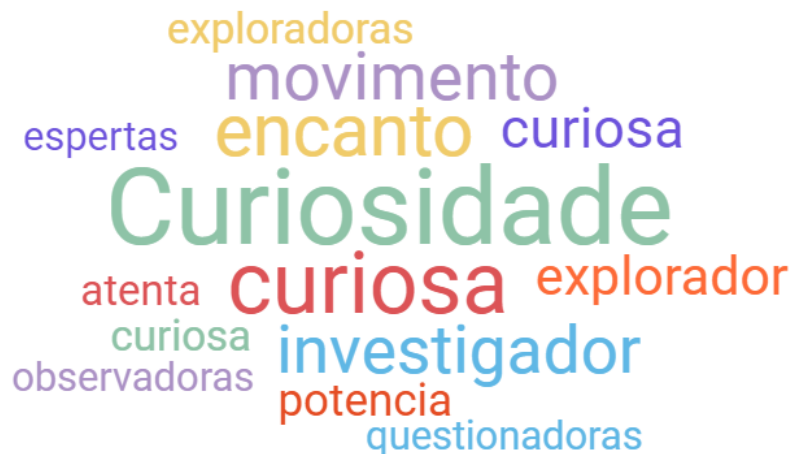
*Professora M.O - Explorar os elementos da natureza tão presentes no nosso ambiente educacional é um elemento facilitador e **prazeroso** na busca de novos aprendizados. O brincar livre **favorece o desenvolvimento e aprendizagem** das crianças e ao mesmo tempo elas **se sentem mais felizes** e compartilham experiências e vivências que ficarão guardadas para sempre em suas memórias.*

Para refletirmos de que forma as práticas na natureza podem contribuir para o desenvolvimento integral da criança, devemos considerar quem é essa criança de 0 a 5 anos, qual é o público-alvo da educação infantil. No primeiro encontro do curso abordamos esse

assunto, e antes de debatermos o referencial teórico fizemos uma dinâmica em que os professores deveriam responder a seguinte questão: defina a CRIANÇA da Educação Infantil em uma palavra. Organizamos as respostas em uma nuvem de palavras, apresentada a seguir.

Figura: 11: Nuvem de palavras definição de criança

Fonte: autoria da pesquisadora



A maioria dos professores definiram as crianças da educação infantil como curiosas. Esse conteúdo de fala se mostrou bastante importante para a pesquisa, pois encontramos vários debates dentro do referencial teórico da educação infantil que nos possibilitam uma boa reflexão em relação aos objetivos de nossa pesquisa. Da mesma forma, também foi interessante observar o quanto foi surpreendente para os professores participantes do curso verem a quantidade de vezes que a palavra ‘curiosa’ se repetiu. No último encontro do curso, uma professora lembrou dessa dinâmica e pontuou as suas considerações:

*Professor R- A criança por si só já é curiosa, e nos primeiros anos de vida ela tem essa curiosidade sobre o mundo que a cerca. E o que cerca essa criança? A natureza, a natureza que ela vive, a natureza no seu aspecto que não foi modificada, a natureza que foi modificada, então quando você trabalha com a natureza com certeza você **estimula essa curiosidade**, você **desperta sim os interesses da criança**, porque ela por si só já é curiosa. Lembra que na primeira aula você até pediu para nós definirmos a criança com uma palavra e a curiosidade foi a palavra que mais apareceu, né.*

Algo bem interessante encontrado nesse conteúdo de fala é que a professora aponta a criança como curiosa pelo mundo que a cerca e define esse mundo como a natureza que ela

vive: não modificada e modificada. Muitas vezes consideramos como natureza apenas a natureza intacta, não modificada, um ambiente fantasioso sem interferência humana, mas devemos ponderar que atualmente a maior parte da natureza já foi modificada e tem a interferência do ser humano. Além disso, é importante destacar que podemos encontrar a natureza a nossa volta, nas áreas urbanas e até mesmo dentro da nossa casa e das instituições escolares.

Também podemos destacar, no conteúdo de fala apresentado, que o trabalho com a natureza ajuda a estimular a curiosidade que já é natural nas crianças, já que estar na natureza atende a essa necessidade da criança. Com isso, despertamos o interesse das crianças em aprender, pois iremos valorizar as suas próprias curiosidades. A partir de uma simples curiosidade, o professor pode propor questionamentos e abordar diversos conceitos e saberes pertinentes ao currículo da Educação Infantil. Se o educador aproveitar as oportunidades e tiver a sensibilidade de considerar o interesse das crianças, ele irá favorecer o desenvolvimento integral da criança. O aprendizado pode ser muito mais significativo para as crianças se os seus questionamentos são respondidos ou quando as propostas das atividades partem das suas próprias curiosidades. Aproveitar a curiosidade natural das crianças irá enriquecer as práticas pedagógicas e favorecer a construção do conhecimento, tornando as vivências na educação infantil prazerosas para as crianças pequenas.

As crianças são curiosas, observadoras e buscam compreender o ambiente em que vivem, suas características, suas qualidades, os usos e a procedência de diferentes elementos da natureza e da cultura com os quais entram em contato, explorando-os e criando explicações sobre o „como“, o „quando“ e o „porquê“ das coisas (BRASIL, 2016. p. 79).

Tecemos essas considerações sobre os dados apresentados baseando-nos nas autoras Arce e Varotto (2011) quando apontam que as crianças são como os cientistas, que desde muito pequenas buscam compreender o mundo ao seu redor e já possuem um sentimento de encantamento por ele:

A criança desde a mais tenra idade, busca compreender, tal como os cientistas, o mundo ao seu redor, e já possui, como os melhores destes especialistas, um sentimento de admiração e encantamento diante do mundo. Assim, para que elas conservem seus interesses e o sentimento de admiração, nós, pedagogos, temos que nutri-las com o desejo de exploração e conhecimento do mundo ao seu redor. (ARCE, VAROTTO, 2011, p. 64)

Por isso, os professores devem incentivar esses desejos de exploração e conhecimento do mundo para manter esses sentimentos de admiração nas crianças. As orientações curriculares para a Educação Infantil também pontuam a importância de aproveitar a

curiosidade nas crianças para as práticas da Educação Infantil. Um dos objetivos gerais para Educação Infantil, segundo ao RCNEI:

observar e explorar o ambiente com atitude de curiosidade, percebendo-se cada vez mais como integrante, dependente e agente transformador do meio ambiente e valorizando atitudes que contribuam para sua conservação. (BRASIL,1998, p.63, grifos nossos)

Encontra-se também, nesse documento, competências e habilidades que as crianças precisam adquirir durante a educação infantil, em relação a esse aspecto em debate:

Explorar o ambiente, para que possa se relacionar com pessoas, estabelecer contato com pequenos animais, com plantas e com objetos diversos, **manifestando curiosidade e interesse; interessar-se e demonstrar curiosidade pelo mundo social e natural**, formulando perguntas, imaginando soluções, manifestando opiniões próprias e confrontando idéias. (BRASIL, p. 166, grifos nossos)

Em um outro documento que norteia as práticas da educação infantil, a BNCC, também encontramos indicações que as crianças são curiosas e devemos aproveitar essa curiosidade delas pelo mundo que as cercam:

As crianças vivem inseridas em espaços e tempos de diferentes dimensões, em um mundo constituído de fenômenos naturais e socioculturais. Desde muito pequenas, elas procuram se situar em diversos espaços (rua, bairro, cidade etc.) e tempos (dia e noite; hoje, ontem e amanhã etc.). **Demonstram também curiosidade sobre o mundo físico** (seu próprio corpo, os fenômenos atmosféricos, os animais, as plantas, as transformações da natureza, os diferentes tipos de materiais e as possibilidades de sua manipulação etc.) (BRASIL,2017, p.40, grifos nossos).

Além da curiosidade infantil, os conteúdos de fala apontaram para a importância de ouvir as crianças e valorizar os seus interesses:

Professora MO- Podemos despertar o interesse das crianças trazendo para as nossas práticas atividades que realmente sejam do interesse das crianças, para isso é necessário ouvirmos atentamente as falas das nossas crianças e sabermos o que realmente elas querem aprender.

Professora P- Achei interessante esse tema sobre a natureza, porque na escola onde nós estamos, a gente sempre se percebe observando os animais, observando a natureza, eles gostam muito, então eu fico ligada na escuta deles em relação as suas descobertas.

Professora T- até mesmo os pais gostam, eles falam “ah vai passear hoje ...e aí como é que foi? Viram quais animais, observaram o que?” porque criança até mesmo demonstra isso na fala dela. A gente vê muita aranha, eles adoram “aranha, aranha, aranha” (imitando a voz da criança com entusiasmo), aí começam a cantar a musiquinha “a dona aranha subiu pela parede, teve uma chuva forte”, e quando tá chovendo o que eu a gente faz então.. dá para ver a teia, a aranha grande, aranha pequena, isso é mais tranquilo.

Encontramos em comum nas falas dos professores a valorização da escuta das crianças para compreender os seus interesses, porque fala das crianças demonstra suas curiosidades, expectativas e vontades. O professor sai da posição de transmissor de conhecimento e toma o papel de ouvinte, com um olhar sensível e uma escuta atenta, busca compreender as reais necessidades das crianças. “A escuta ativa nos leva a compreender como as crianças pensam, desejam, fazem teorias ou nos introduzem em seus caminhos emocionais [...] é uma condição *sine qua non* para não destruir a cultura infantil, e sim respeitá-la.” (Hoyuelos, 2004^a, p. 131, *apud*, Hoyuelos, Riera, 2019, p. 81). Dessa forma, de acordo com os conteúdos de fala citados acima, as crianças demonstram mais prazer e alegria em aprender, os educadores conseguem perceber o que as crianças gostaram das práticas realizadas e quais as descobertas que elas fizeram. De acordo com a BNCC (2017), a criança não apenas interage, mas é um ser ativo nos contextos que faz parte; é capaz de criar e modificar uma cultura e a sociedade. As falas do quadro acima, nos mostram que as práticas na natureza permitem que o educador consiga ter essa escuta atenta, além das propostas mais livres favorecerem a liberdade das crianças em se expressarem. Também observamos que os professores deram exemplos de que a fala das crianças demonstram os seus pensamentos. Elas sempre têm algo importante para compartilhar e têm o direito de serem ouvidas. Através da troca e do diálogo, as crianças podem ir em busca de respostas e estarem ativamente envolvidas no processo do seu desenvolvimento e da sua aprendizagem, se constituindo como um ser integral.

A fala a seguir nos indica para a reflexão do quanto as práticas pedagógicas na natureza podem auxiliar esse processo de desenvolvimento das crianças, a partir do protagonismo infantil:

Professora R- Desenvolvendo práticas que partam dos interesses das crianças, daquilo que lhes despertam a atenção. Eu acredito que as ações junto à natureza contribuem e muito para aguçar esses aspectos.

Professora M- A primeira alternativa é realmente mostrar os pontos positivos que trabalhar com a natureza pode favorecer e que esse contato trará novas aprendizagens e que as crianças se tornarão humanos melhores com certeza. Podem criar possibilidades

Encontramos nas falas acima o quanto as práticas com a natureza na educação infantil podem ampliar o repertório de conhecimentos de forma espontânea e natural, favorecendo o desenvolvimento infantil. Além de criar novas possibilidades de experiências, irá permitir novas aprendizagens e tornar as crianças seres humanos melhores, nos aspectos social, emocional e físico. Segundo Véra (2017, p. 40): “O trabalho com a área de Ciências da Natureza na Educação Infantil pode possibilitar para as crianças o desenvolvimento cognitivo, psíquico, relacional e emocional, favorecendo suas aprendizagens.” As orientações curriculares para a Educação reforçam que a aprendizagem acontece a partir das experiências que as crianças vivenciam, onde permitam que elas exerçam o seu papel de protagonista nesse processo:

As diferentes aprendizagens se dão por meio de sucessivas reorganizações do conhecimento, e este processo é protagonizado pelas crianças quando podem vivenciar experiências que lhes forneçam conteúdos apresentados de forma não simplificada e associados a práticas sociais reais. (BRASIL, 1998, p.48)

Considerar as curiosidades das crianças para favorecer o seu desenvolvimento integral é a confirmação de uma nova concepção de criança; é enxergá-la como um ser potente, pensante, que é capaz de criar, questionar, que tem as suas próprias opiniões e interesses, que produz cultura. Nessa visão de criança, ela deixa a posição de um ser passivo, que apenas recebe informações e passa a exercer um papel de um ser ativo, passa a ser protagonista no processo da sua aprendizagem e desenvolvimento. Segundo a DCNEI, a criança deve ser compreendida como:

Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona e constrói sentidos sobre a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2009, p.12)

Sendo assim, reconectar as crianças com a natureza é uma forma de promover experiências nas quais as crianças tenham liberdade para falar e ouvir, potencializando a sua participação e se constituindo ativamente como sujeito único, que constrói a sua identidade, que aprende, observa, questiona, cria novos sentidos e que pertence a uma sociedade – todos esses aspectos contribuindo para a construção da aprendizagem e o desenvolvimento global da criança na educação infantil.

7.3 Para criar novas oportunidades de aprendizado para crianças com necessidades específicas.

Nos conteúdos de fala encontramos esse outro motivo de “para que” reconectar criança e natureza. Os professores acreditam que as práticas com a natureza também podem ajudar no desenvolvimento das crianças com necessidades específicas.

Professor K- Um outro ambiente para aplicar é no foro clínico, nas crianças típicas ou atípicas, principalmente as que tem algum transtorno, fazem o uso muito acentuado do celular e as famílias ficam um pouco perdidas, querendo dicas de como tirar o celular, o que oferecer; vou tirar o celular e dar o que? Muitas pessoas que passam por mim não tem dinheiro para gastar com T.O. , às vezes nem um esporte, a pracinha mesmo é a aplicabilidade de muitas famílias. Então, de repente, eu saber algumas dicas em relação da criança com a natureza pode ajudar na questão clínica também.

Professor M- como falaram das crianças atípicas também, eu não tenho essa aproximação, no estágio já tive contato, mas não na natureza, mas eu acredito que é também muito benéfico.

O autor Richard Louv também acredita que o contato com a natureza pode ajudar no desenvolvimento das crianças com necessidades específicas, como tratamento e prevenção. Para o autor, a ausência e distanciamento da natureza tem resultado em muitas doenças na atualidade, principalmente o TDAH, transtorno de déficit de atenção e hiperatividade, um dos transtornos mentais mais comuns nos Estados Unidos.

Estudos sugerem que a natureza pode ser útil como ferramenta terapêutica para o TDAH, em paralelo com ou, quando apropriado, até substituindo medicamentos ou terapias comportamentais. Alguns pesquisadores hoje recomendam que pais e educadores propiciem mais experiências na natureza- em especial lugares onde haja verde – para crianças com TDAH, oferecendo, assim, suporte para a função de atenção e minimizando os sintomas. (LOUV, 2018, p. 120)

Para Louv a natureza promove o desenvolvimento infantil saudável, o contato com a natureza deve ser levado em consideração para a saúde assim como uma boa alimentação e um padrão adequado do sono. Nos conteúdos de fala acima, a professora K comenta que muitas famílias não têm condições financeiras para fazer um tratamento especializado para os seus filhos com necessidades especiais, mas ela acredita que a natureza pode ajudar muito no desenvolvimento dessas crianças. A natureza pode ser um recurso natural e sem custo para o tratamento de algumas doenças. Em suas pesquisas Louv (2018) percebeu que muitos pais notam mudanças significativas no nível de estresse e hiperatividade dos filhos quando passam

mais tempo ao ar livre, mesmo sem medicação. Em seu livro “A última criança da natureza”(2018), Louv cita um estudo feito pelos pesquisadores Taylor e Kuo onde eles descobriram que espaços verdes ao ar livre promovem brincadeiras criativas, melhoram o acesso a uma interação positiva com os adultos e aliviam sintomas do transtorno do deficit de atenção. Em contrapartida, os sintomas aumentavam nas crianças que vivenciavam atividades em lugares internos ou externas em áreas pavimentadas não verdes.

Com isso, percebemos a importância do desemparedar, das práticas pedagógicas não apenas ao ar livre, mas em contato com a natureza e área verde para contribuir positivamente no desenvolvimento integral das nossas crianças na educação infantil.

Não iremos aprofundar mais esta temática, no momento, pois seria um outro objeto de estudo em nossa pesquisa e precisaríamos de um referencial teórico especificamente destinado ao tema, mas achamos muito pertinente e importante pontuar esse conteúdo que os dados nos trouxeram para futuros estudos e aprofundamentos sobre o tema.

Sendo assim, a partir dos conteúdos de fala analisados sob a luz do referencial teórico dessa pesquisa, percebemos que realizar práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza contribui na educação infantil para: formar cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente, que se percebam como seres da natureza e valorizem toda a natureza ao seu redor, não apenas como recurso para produção e sim como uma forma de preservar a sua própria existência; para a construção do desenvolvimento integral da criança, essas práticas valorizam o protagonismo infantil, permitem experiências que favorecem uma escuta atenta do educador, de modo a propor vivências que atendam aos interesses das crianças e resultem em uma aprendizagem mais significativa. Ainda é importante ressaltar que a análise de dados, nessa seção, indicaram que a realização de tais práticas pedagógicas possivelmente criam novas oportunidades de aprendizado para crianças com necessidades específicas, o que pode sugerir um estudo futuro mais aprofundado sobre essa temática.

COMO REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

Figura 12: ilustração categoria como



Fonte: Isaac, 5 anos

A criança é feita de cem.

A criança tem cem mãos, cem pensamentos, cem modos de pensar, de jogar e de falar.

Cem, sempre cem modos de escutar as maravilhas de amar.

Cem alegrias para cantar e compreender.

Cem mundos para descobrir. Cem mundos para inventar.

Cem mundos para sonhar.

A criança tem cem linguagens (e depois, cem, cem, cem), mas roubaram-lhe noventa e nove.

A escola e a cultura separam-lhe a cabeça do corpo.

Dizem-lhe: de pensar sem as mãos, de fazer sem a cabeça, de escutar e de não falar,

De compreender sem alegrias, de amar e maravilhar-se só na Páscoa e no Natal.

Dizem-lhe: de descobrir o mundo que já existe e, de cem, roubaram-lhe noventa e nove.

Dizem-lhe: que o jogo e o trabalho, a realidade e a fantasia, a ciência e a imaginação,

O céu e a terra, a razão e o sonho, são coisas que não estão juntas.

Dizem-lhe: que as cem não existem. A criança diz: ao contrário, as cem existem.

Loris Malaguzzi

8. COMO REALIZAR PRÁTICAS PEDAGÓGICAS QUE RECONNECTAM CRIANÇAS E NATUREZA?

Nos capítulos anteriores discutimos as categorias “por que” e “para que” realizar práticas pedagógicas que reconnectam crianças e natureza e essas categorias fundamentarão a importância da construção do nosso produto educacional, pois a partir do diálogo entre os conteúdos de fala dos participantes da pesquisa e o referencial teórico compreendemos a relevância e a urgência dessas práticas junto à natureza para a educação infantil. Nesta próxima seção vamos debater sobre as próprias práticas e de que maneira devemos realizá-las, pois os resultados obtidos a partir dos conteúdos de fala desta categoria servirão de base para estruturar as sugestões de atividades que serão apresentadas no produto educacional relacionado a essa pesquisa.

8.1 Superando os impedimentos que aparecem.

Os dados nos mostraram que muitos educadores não investem nessas práticas pedagógicas com a natureza na educação infantil justamente pelos desafios que enfrentam, são eles: falta de espaço, violência no entorno da instituição, riscos, medo de alguns animais, sujeira, rotina engessada, currículo tradicional, falta de formação docente, desvalorização da família. Por isso, para realizar as práticas com a natureza, inicialmente, devemos superar os impedimentos que aparecem.

8.1.1 Rotina engessada

Um dos maiores desafios encontrado em comum nas falas dos professores foi a rotina engessada na educação infantil:

Professora M.O- As crianças precisam aproveitar mais os espaços externos das instituições escolares e para isso é preciso que as rotinas deixem de ser engessadas e o professor possibilite cada vez mais essa exploração livre das crianças com a natureza.

Professora R- A rotina na creche acaba privilegiando muito mais as práticas dentro da sala de aula, mas é possível mudar essa realidade, oportunizando momentos de vivências regulares no espaço externo, planejando ações nesses espaços (pintura na natureza, coleção de elementos naturais, observação da natureza, etc)

Professor RA: Creio que a rotina da creche se torna exaustiva para a criança, já trabalhei como professora em um colégio que tinha parte creche, e com o tempo pude ver como as crianças ficavam entediadas por ficar da parte da manhã até a noite ali, com o mesmo DVD de desenhos todos os dias, sem uma atividade diferenciada, e assistindo as crianças da escola com atividades extras. Na minha opinião isso interrompe o estímulo da criança, vai freando a criatividade dela. Já é cansativo ficar o tempo todo na creche, sem atividades extras e ao ar livre, deixa as crianças estressadas, irritadas e muita das vezes as “tias” não entendem o motivo, eles ficando ali o dia inteiro, todo dia, como se fosse em um looping, traz prejuízos a criança.

Professora M- Na verdade a rotina da Educação Infantil não somente na creche, mas agora estou trabalhando na pré-escola e percebo como essa rotina pode ser também prejudicial para as crianças e para nós professoras. Porque é tudo muito corrido, tudo muito cronometrado. Será que realmente a criança tem que ter aquele horário certo para dormir, para ir para aquele ambiente, tem que ser naquele hora, nas filas. E essa rotina tão fechada, principalmente da creche, na Educação Infantil, ela precisa ser repensada e é por isso que são tão importantes essas novas pesquisas. Como organizar essa rotina tendo a maior parte no espaço externo? Tem que partir da consciência de nós professores, educadores, porque a organização escolar em si vai sempre querer impor que se siga todas aquelas regras e rotinas, mas ao mesmo tempo vai caber a nós professores dar um novo olhar, ter uma nova postura e realmente sair demais dentro dessa sala de aula.

Os dados acima nos mostram que os professores sentem dificuldades em realizar as práticas com a natureza porque a rotina, os horários, o currículo tradicional e obrigações da creche não dão espaço para esse momento de liberdade no espaço externo, para o brincar livre na natureza. Para eles, a rotina da creche privilegia os momentos dentro de sala de aula e a menor parte do tempo em espaços externos. Eles relatam que essa rotina pode ser prejudicial tanto para as crianças quanto para os professores. As crianças ficam estressadas e entediadas confinadas dentro de uma sala fechada por horas; os momentos de assistir televisão, que acontecem em casa, também existem dentro da creche, tomando lugar de um momento que poderia ser mais produtivo para as crianças. Os professores por sua vez também ficam cansados em dar conta de uma rotina corrida, cheia de obrigações e horários cronometrados. Será que essa rotina engessada contempla a concepção de criança que as orientações para a educação infantil descrevem? Pode ser contraditório enxergar a criança como o centro das práticas na educação infantil, mas ter uma rotina padrão que não permite considerar o tempo da criança e as suas necessidades individuais.

O tempo entre paredes é o que predomina, que o cotidiano das crianças e adultos das creches está descolado do mundo natural. Os seres humanos muito cedo, são dela separados. E mesmo ao ar livre, o chão em que pisam é prioritariamente de cimento

e brita, a terra e a areia não são elementos de sua intimidade, a água não está ao alcance, nem o mundo à vista. (TIRIBA, 2005, p.147)

A autora Lea Tiriba traz uma crítica sobre a realidade das creches que não permitem que a criança tenha contato com a natureza. A maior parte do tempo elas ficam no espaço interno. Essa prática além de não respeitar os desejos das crianças, também as separa desde muito cedo do mundo natural. “As crianças gostam de se sujar, de se lambuzar, de se misturar com aquilo com o que brincam, no caso, os elementos do mundo natural. Entretanto, na contramão dessa atração, elas permanecem emparedadas na maior parte do tempo.” (TIRIBA, 2018, p.70)

Em geral, a rotina da creche é organizada de modo a evitar riscos, favorecer os cuidados excessivos para proteger as crianças e diminuir o trabalho dos funcionários. “As mães e as auxiliares de limpeza não querem que as crianças se sujeem porque elas querem reduzir as tarefas que, tradicionalmente, são de sua responsabilidade.” (TIRIBA, 2018, p.90). Essa organização justifica a falta de momentos no espaço em contato com a natureza.

O medo de doença, a reação dos pais, a dinâmica de funcionamento institucional, especialmente as rotinas de limpeza: tudo parece concorrer para que o contato com a água seja rarefeito. Assim, banhos de mangueira, brincadeiras de fazer comidinha, dar banho em boneca, fazer barquinho para colocar na correnteza das valas quando chove... nada disso é corriqueiro, ao contrário, é exceção! A água vale pela utilidade que tem: essa é a mensagem para as crianças! (op. cit., p.79)

Dessa forma, as práticas que permitem o brincar livre com elementos da natureza são evitados, no dia a dia da rotina de muitas creches, para minimizar a sujeira e o trabalho. Os professores pontuaram em suas falas, destacadas no quadro acima, que essa realidade precisa e pode ser transformada, a partir de um reposicionamento dos educadores e equipe pedagógica em rever, questionar e reorganizar a rotina na educação infantil, principalmente nas creches, de modo que permitam práticas mais livres, em que as vontades das crianças sejam respeitadas.

8.1.2. Desvalorização das famílias

Outro empecilho que os conteúdos de fala evidenciou para as práticas com a natureza é a aceitação e aprovação da família, de enxergar potência e valorizar essas propostas mais livres e também pelo medo dos possíveis riscos que elas possam causar. As falas abaixo relatam essas inquietações dos professores em relação às famílias:

Professor T- Uma coisa que tenho medo, não é a questão de sair e encarar a natureza, porque são riscos que corremos e eu acho que as famílias precisam ser parceiras da escola e educadoras para entender o que a gente propõe. Mas meu medo é de não ser valorizada pelas famílias pelo o que proponho...

Professor M- você tem os pais e você precisa fazer, tenho percebido que é muito difícil de lidar com os pais, que estão desse ápice de controle, que a criança não pode fazer um arranhão. Antigamente a gente corria na rua, brincava de bola e arrancava o tampão do dedo, hoje a criança não pode nada. O quanto a gente priva daquilo ali. Vejo tantos momentos de privação do parquinho que eu fico chocada e as vezes eu converso enquanto mãe, mas sei que na escola isso não é admissível. Então esse ponto é muito sensível dessa ponte da escola com a família que a gente tem perdido muito nas escolas. Ainda encontramos em poucas escolas e isso é muito benéfico, mas que precisa ser construído e trazer os pais não sei de que forma ou maneira, mas de trazer também o respeito por essa criança, para os pais entenderem que isso não é só preciso, mas necessário para o desenvolvimento.

Observamos no conteúdo de fala dos participantes uma questão bem interessante: uma professora relatou que o seu maior medo e impedimento em realizar as práticas com a natureza não é o medo dos animais, sujeira ou falta de espaço, mas a desvalorização das famílias em reconhecer esse trabalho como algo significativo para a aprendizagem e desenvolvimento das crianças. Outra professora aponta que as famílias estão com excesso de cuidados e por isso as crianças são privadas de momentos livres no espaço externo, para evitar que elas se machuquem e/ou fiquem doentes. Refletimos sobre esses dados a partir de Tiriba, quando afirma: “E, como a função das instituições é manter as crianças íntegras para devolvê-las aos pais, não importa que essa integridade se restrinja aos aspectos corporais, elas procuram evitar tudo o que, em sua maneira de entender, possa favorecer acidentes.” (TIRIBA, 2018, p. 93). Dessa forma essas práticas priorizam condições favoráveis para o adulto, todavia o ideal seria respeitar o desejo da criança e criar caminhos potentes para o seu aprendizado. Impedir que a criança tenha liberdade de vivenciar momentos na natureza pode limitar a potencialidade da criança e as importantes experiências que o espaço livre na educação infantil pode proporcionar.

Geralmente a vontade das famílias prevalece e molda o planejamento e o currículo pedagógico, por isso as propostas no ambiente externo e experiências com a natureza ficam

cada vez mais distantes da realidade da educação infantil, de modo a agradar as expectativas das famílias. É interessante que as famílias também acreditem e apoiem as práticas pedagógicas, compreendam a potência delas e as suas contribuições para o desenvolvimento e aprendizagem das crianças. Os professores pontuaram a importância dessa parceria entre escola e família:

Professor R.A- Acho que através de projetos na escola e trazer os pais para dentro do projeto, porque aí não termina na escola, eles acabam levando para casa também. Levar as propostas para família irá estender essa prática para a rotina dessa criança durante todo tempo, irá fazer muito mais significado para ela pois terá uma continuidade e todos irão compartilhar e acreditar na mesma ideia e convicção.

Professor M.O- Procurar conversar com os pais, para que eles levem essas crianças para passear e ter esse contato com a natureza. Por exemplo, eu sou professora na Maré, Piscinão de Ramos e eles têm esse espaço bem interessante de contato com a natureza, mas tem muitos pais que não levam os seus filhos, né. Prefere levar para a roda de samba, não que não seja interessante e que faça parte da cultura, mas levar também para conhecer o espaço dessa natureza que tem em torno da sua vivência, do seu cotidiano.

Professora K- Percebi que ainda falta para a gente além do que a gente já tem feito é colocar as famílias juntas nesse processo, muitas práticas a gente já tinha testemunhado e feito com as crianças, mas não com as famílias. Agora queremos incluir as famílias dentro da escola para também plantar e realizar as práticas junto com as crianças, também mexer com a terra, com o corpo.

Nas falas acima apontam algumas soluções para minimizar esse impedimento com a família: trazer as famílias para dentro da escola para vivenciar junto com as crianças as práticas com a natureza. Dessa forma elas não irão apenas ouvir sobre as propostas, mas irão também experimentar e vivenciar junto com as suas crianças, podem perceber o quanto as crianças ficam felizes e precisam dessas práticas para o seu bem-estar e o quanto esses momentos ao ar livre com a natureza trazem benefícios e favorecem o aprendizado e o desenvolvimento infantil. Percebendo a potência dessas práticas e estando envolvidas com o projeto da escola, as famílias irão incentivar e darão continuidade ao trabalho em casa também, fazendo muito mais sentido para as crianças e sendo uma forma de influenciar toda a

família, para que essa prática de se reconectar com a natureza faça parte do seu dia a dia não apenas na educação infantil, mas na vida, gerando mudanças de atitudes.

8.1.3 Problemas com a infraestrutura

Os professores também relataram que a falta de espaço é um grande problema para realizar as práticas com a natureza na educação infantil:

Professor V- Dentro do meu trabalho às vezes por não ter um espaço muito amplo a gente acaba não conseguindo criar maneiras para poder trabalhar nessa área.

Professor A- as crianças não tem quase contato nenhum com a natureza. Passam muito tempo dentro de sala de aula, de acordo com a minha prática, temos pouco espaço ao redor e eu não percebo hoje em dia o contato das crianças com a natureza.

Professor M- Infelizmente as creches municipais, em sua maioria, não tem um espaço externo adequado.

De acordo com as falas acima, algumas instituições de educação infantil são estruturadas com salas bem pequenas, além de não ter um espaço externo apropriado, com a natureza presente para as crianças interagirem. Nesse sentido, parece que quando se é pensado na construção de uma instituição, não consideram como uma exigência para a infraestrutura de uma educação infantil um espaço externo, a natureza presente na escola, pois esse ambiente não é valorizado e visto como um espaço importante para o desenvolvimento das crianças. Geralmente um ambiente pequeno com mesas e cadeiras já contempla um espaço para serem realizadas as aulas na Educação Infantil.

Mas outras razões, mais relacionadas às condições físicas e ao funcionamento das instituições de Educação Infantil também são apresentadas. Uma delas diz respeito à aridez dos espaços externos, devido ao calor excessivo do verão, acentuado pela capacidade de retenção da temperatura do cimento e da brita, ou pela falta de arborização. Há um espaço relativo às políticas públicas de ampliação do acesso à Educação Infantil, que também é bastante citado entre as razões de uma rotina cotidiana distanciada da natureza. Trata-se de um fenômeno que denominei como “ideologia do espaço construído”, que consiste em ocupar todos os espaços do terreno com edificação de salas. (TIRIBA, 2018, p. 146).

Nesse contexto, percebe-se o quanto as crianças ficam emparedadas, pois o espaço verde ao ar livre vai perdendo cada vez mais o seu lugar, todavia a prioridade é garantir o acesso de todas as crianças na escola mesmo que sejam confinadas em espaços fechados. Quando há um espaço externo normalmente é feito em cimento, pois favorece a limpeza e

evita a sujeira. A preferência está relacionada aos benefícios de funcionamento e infraestrutura sem considerar o que as crianças realmente precisam para o seu desenvolvimento pleno na educação infantil. “No processo de elaboração do projeto arquitetônico há pouca ou nenhuma participação de educadoras, crianças e suas famílias, aqueles que farão uso do prédio que está sendo construído.” (TIRIBA, 2018, p. 118). Talvez isso ocorra pelo fato dos profissionais de educação não estarem envolvidos no desenvolvimento da construção das instituições.

Professor V- nós temos uma horta lá atrás da creche, medo de estar indo na horta nós não temos, mas estamos em um local com alto índice de violência, então o medo é mais por isso porque quando a gente sai da sala, a gente cria um dia todo para eles estarem vendo a horta, estarmos brincando e acontece os confrontos, por ser um bairro perigoso, talvez essa seja uma trava pra gente poder estar indo, estar levando, até porque eles pedem muito isso, até porque a gente não tem muito espaço, mas eles conseguem ver o céu, os bichos, os galos, passarinhos, mas eles pedem muito para estar indo na horta, indo lá fora. Então esse talvez pra gente seja o medo que a gente tem.

Os professores relataram também que às vezes a instituição até tem um espaço externo, mas eles têm medo de levar as crianças para o lado de fora pois é um lugar de violência e confrontos contínuos. Na fala acima o educador relata que na sua creche existe uma horta do lado externo e mesmo assim as crianças tem pouco acesso, porque fica situado em um espaço que não é muito seguro para as crianças, necessitando de uma organização de um dia mais tranquilo para fazer esse passeio com eles. O conteúdo de fala nos mostra que mesmo as crianças conseguindo ver alguns elementos da natureza, como o céu e alguns animais, eles pedem para estar do lado externo, querem estar presente na horta, cuidar e experimentar e não apenas olhar e observar de longe.

8.1.4 Como lidar com os riscos e os desafios que as pessoas impõem sobre as propostas junto à natureza?

Encontramos conteúdos de falas em que os professores propõem alternativas de como lidar com os medos e riscos que possam surgir com as práticas que envolvem a natureza. Dessa forma os desafios deixam de ser impedimentos, mas passam a ser pontos de partida para a realização dessas propostas

*Professora R.A: Cada pessoa tem a sua maneira de pensar, mas no final das contas deve ganhar o lado em que a criança tem que crescer com a natureza, ver que existem **mais benefícios do que riscos**, e que se a **instituição abrir as portas para todo um novo olhar para a natureza** e como seus alunos podem se **beneficiar** com ela, seria bem melhor!*

*Professora M.O- A primeira alternativa é realmente **mostrar os pontos positivos** que trabalhar com a natureza pode favorecer e que esse contato **trará novas aprendizagens** e que as crianças se **tornaram humanos melhores** com certeza.*

*Professora R- "**Arriscando-se**". Há muito mais **possibilidades de trabalhos e vivências do que perigos**. Somos natureza e **necessitamos nos conectar** cada vez com ela, com nós*

As falas acima nos relatam que devemos considerar que os benefícios de realizar as práticas com a natureza são maiores do que os riscos, para isso os educadores e a instituição de educação infantil devem arriscar-se, acreditando na potência do trabalho no ambiente externo e a importância de reconectar as crianças com a natureza.

A fala do professor M foi muito interessante porque dentro de uma sala fechada também existem muitos riscos, como vimos na seção “Por que realizar pedagógicas que reconectam crianças e natureza?”, os ambientes internos são mais propícios à propagação de vírus do que o ambiente externo.

O que dizem as professoras é que o cotidiano de crianças e adultos é balizado pelo objetivo de proteção a tudo que possa ameaçar a saúde das crianças, o que faria todo o sentido, se não implicasse limitação exagerada aos seus movimentos ao ar livre. **Entretanto, ignorando que a propagação de micro-organismos é favorecida em ambientes abafados.** (TIRIBA, 2018, pág. 85, grifos nossos)

Outra questão nessa fala que é importante pontuar é o fato da criança reconhecer os riscos que podem surgir a sua volta, essa prática ajuda a criança a desenvolver mais atenção, autonomia, cuidado e responsabilidade. Antes da saída ao ambiente externo o educador pode conversar com as crianças, alertando para os desafios que podem surgir pelo caminho, essa ação fará com que as crianças fiquem mais atentas ao seu redor e possibilitará que elas saibam diferenciar e reconhecer uma situação de risco, que saibam como lidar com esses momentos e até mesmo como evitá-los, desenvolvendo assim mais segurança e propriedade do seu corpo,

movimento e suas ações. De acordo com Morin (2009, p. 85), “é necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são as raízes e causas” Por isso, é importante conversar abertamente com as crianças, sem subestimá-las, explicar sobre as propostas que serão realizadas, estabelecer regras e acordos, antes de ir às atividades ao ar livre. Criar uma parceria com as crianças é fundamental para diminuir os riscos e a resistência à natureza.

8.2 Investindo na formação docente

Para superar os impedimentos apontados na seção 3.1, o educador precisa acreditar nessa perspectiva de propostas mais livres e reconexão com a natureza e ter segurança na sua prática pedagógica, para isso é importante a formação docente. Observamos, nas falas dos professores, conteúdos que demonstram que a formação docente é imprescindível para uma qualidade no fazer pedagógico:

Professora M.O- Ainda bem que algumas práticas que aconteciam em algumas escolas de Educação infantil, as professoras estão mudando e isso só é possível com novos cursos e a capacitação dos professores e que pena que existem tão poucos, porque os professores podiam dar muito mais de si se nós tivéssemos essa oportunidade de trazer mudanças, com cursos e capacitações.

Professora M.- Eu fico muito feliz em ver essa quantidade de pessoas da rede procurando, porque só será através de nós essa mudança né (formação docente).

Professora T - Enquanto professora depois dessa minha formação e de estender todo esse percurso, eu procuro proporcionar esses momentos seja no brincar, trazendo esses elementos para não ter o brinquedo pronto; então através dos gravetos, da terra, das folhas, proporcionar um lúdico diferente do que eles estão habituados através dos brinquedos prontos.

Para esses professores é através da formação docente que é possível gerar mudanças nas práticas pedagógicas. Pontuaram também que a Educação Infantil carece de cursos e capacitações para professores, e os mesmos têm poucas oportunidades e tempo disponível para realizar essas formações. Encontram-se poucos cursos com a temática de criança e natureza e brincar livre na Educação Infantil. Os profissionais deste segmento de ensino muitas vezes não são valorizados e contemplados com formações pedagógicas; como vimos nos dados da seção anterior, a rotina engessada da Educação Infantil faz com que o professor

fique muitas horas dentro de sala de aula e essa realidade não permite que o professor tenha tempo disponível para realizar cursos e formações.

Nas falas abaixo os professores ressaltam sobre a importância dessa temática e o quanto esse conhecimento pode influenciar na sua prática docente.

*Professora A- Em primeiro lugar é um tema, é muito importante, quero aprender mais, porque o que eu **aprender aqui vou levar para a minha prática.***

*Professora R.A- O certo seria um treinamento para esses profissionais, com foco em atividades ao ar livre, projetos, pois mesmo **na creche a criança está em um ambiente de aprendizado**, absorvendo tudo ali, e melhor que elas seria absorver mais da natureza.*

*Professora V- Porque eu acredito que um trabalho envolvendo a natureza é um trabalho rico, só que às vezes a gente **precisa de meios, observar e aprender a trabalhar.** Porque a teoria a gente aprende na faculdade, a gente lê em livros mas a prática é muito diferente e quando a gente vai realmente para a prática e se joga como a gente viu aqui no curso algumas atividades apresentadas e eu pude também vivenciar esses momentos com as crianças, a gente vê o quão é rico e o quão a gente pode e consegue. Achei muito enriquecedor, gostei muito, é uma coisa que eu já acreditava, é uma prática que eu queria e agora ficou bem mais visível para mim que é isso que eu quero. **Então a partir daqui vou sempre em busca de mais** para eu poder levar um pouco disso para a minha nova turma e novas crianças*

A professora V relata o quanto participar do curso foi importante para ela pois conseguiu observar as propostas na prática além da teoria. Ela compartilha que sempre acreditou no trabalho envolvendo a natureza mas não sabia como realizá-los e a partir das experiências do curso encontrou alguns caminhos. E que o curso serviu como ponto de partida para buscar novos aprendizados. “O período da infância é muito importante por isso os professores necessitam de subsídios teóricos para intervir no processo ensino-aprendizagem, mantendo um equilíbrio entre as atividades cotidianas.” (CHAVES, CINTRA, SALMAZIO, LIMA, VEIGA, 2013, p. 3). A formação docente se torna urgente quando a gente entende que o ambiente da educação infantil também é um espaço de aprendizado e os educadores tem o papel fundamental para oportunizar o desenvolvimento das crianças. Através da formação

docente o professor pode aprofundar o conhecimento, o que traz segurança e propriedade para fazer e realizar suas práticas.

Não iremos aprofundar essa temática sobre a formação docente, pois não é o objetivo da nossa pesquisa, todavia, o curso para professores foi um meio para levantar dados para a pesquisa e contribuiu para a formação docente desses participantes. Além disso, consideramos extremamente importante apontar esses conteúdos de fala que ressaltam a importância da valorização da formação docente como uma etapa imprescindível para realizar as práticas pedagógicas que reconectam criança e natureza – objetivo primeiro da construção de nosso produto educacional.

8.3 Permitindo o brincar livre

A partir dos debates realizados nas aulas ao longo do curso, os participantes apresentaram conteúdos de fala em comum sobre o brincar livre. Nesse sentido, percebemos que realizar as práticas com a natureza através do brincar livre, ao invés de uma atividade dirigida, é muito proveitoso e é uma ótima estratégia para planejar essas propostas. Segue abaixo os conteúdos de fala dos professores sobre o brincar livre:

*Professora K- Fico muito feliz porque com uma escola simples e pobre a gente consegue passar a maior parte ali na natureza, **brincando** com água, terra de **forma livre**. Lá a gente faz muita atividade com tinta por exemplo: joga a bola com tinta na parede, aí ao invés de limpar, a gente toma logo um banho de borracha, aproveita que sujou e usa muito a borracha para dar banho. E aí tudo vira festa! Usamos muito as pedras para escrever no chão do estacionamento. Quando está sol, ainda mais no verão, a gente já fica por ali mesmo e já vira bolinha de sabão.*

*Professora M- A criança tem que se sentir parte do que é natural. **Brincar livremente**. E reconhecer a importância do meio ambiente desde cedo.*

*Professora M.A-O **brincar livre** favorece o desenvolvimento e aprendizagem das crianças e ao mesmo tempo elas se sentem mais felizes e compartilham experiências e vivências que ficarão guardadas para sempre em suas memórias.*

Nos conteúdos de fala acima percebemos que as práticas na natureza respeitam as vontades das crianças, oportunizando o brincar livre. Essa brincadeira livre aumenta o

repertório de experiências, como a professora K deu exemplo, de uma brincadeira surgem outras brincadeiras, o ambiente, o clima e os elementos naturais presentes no local também vão enriquecendo o contexto do brincar. Outro dado interessante, foi a fala da professora M.A que apresenta o brincar livre como oportunidade de vivências que ajudam as crianças a se desenvolverem e aprenderem com alegria e prazer. Além disso, o brincar livre também cria memórias afetivas e marca de forma positiva a história das crianças.

A natureza é, inegavelmente, um campo fértil para as crianças vivenciarem a alegria, o bem-estar, para descobrirem sobre si mesmas, sobre os outros e sobre as coisas que as rodeiam. O vínculo espontâneo com a natureza é uma das características do ser criança. É explícita sua preferência por movimentar-se amplamente e brincar em áreas verdes, por interagir com os animais e as plantas. Nesses ambientes, a sua inventividade e criatividade expandem-se diante de tantos estímulos, o corpo exercita a liberdade de movimentar-se segundo suas vontades, de brincar livremente e de aprender com as coisas da natureza, caracterizadas pela diversidade de cores, texturas, consistências, odores, que impulsionam outros modos interativos que se contrapõem aos padrões de brincar imposto pela mídia. (LIMA, 2020, p. 11)

Na citação acima, a autora LIMA (2020) pontua diversos aspectos interessantes que relacionam o brincar livre com a experiência na natureza. A riqueza dessa vivência além de favorecer o desenvolvimento infantil, cria vínculo com o meio ambiente e estimula as crianças de forma natural e prazerosa.

No debate sobre a prática do brincar livre na natureza uma professora pontuou sobre a dificuldade dos professores em permitir essa liberdade de propostas, porque eles estão acostumados a controlarem toda a situação nas atividades.

*Professor M- Mas uma coisa que acho que traz mais dificuldade para esse tipo de prática pedagógica é que enquanto professor, é que nós temos dentro de nós, porque nós fomos também, **podamos** ao longo da nossa vida, então a gente **já tenta controlar tudo automaticamente**. E mesmo quando você tem esse pensamento de desconstrução, de dizer para a sua criança, para as suas 20, 25 crianças que elas podem fazer aquilo dali, que elas podem e são capazes de fazer.*

Professor T- “Acho que a gente acaba podando essa criança, eu digo por mim também, por nós que fomos crianças curiosas e ligadas no 220v, mas o que acontece é aquele controle de corpos em que você vai podando e não vai incentivando essa curiosidade, os questionamentos, acho que o que acontece é isso.

Para ela, mesmo que os professores oportunizem esse brincar, seria uma desconstrução ao longo do tempo, porque em sua formação e ao longo da vida eles também foram educados de forma muito direcionada, onde não havia tanta liberdade e as suas vontades não eram

consideradas. A professora T também faz uma reflexão sobre o “podar” em sua fala, na primeira aula do curso quando debatemos o conceito de criança na educação infantil, ela comentou que as crianças são curiosas e os adultos acabam podando essa vontade de descobrir e essa animação com o controle de corpos, e os educadores acabam não permitindo que os questionamentos e curiosidades das crianças sejam respondidos, por isso elas acabam ficando cada vez mais passivas.

O autor Piorski (2016), nos traz uma reflexão do quanto o adulto reprime a criança quando não permite o brincar livre:

Quando ao corpo é imposta a impossibilidade, esta também é uma forma de abandono. E, todos os dias, os gestos de abandono, a imposição do silêncio sobre o corpo das crianças verificam-se em muitos cenários do brincar – na escola, em casa, no parque, na rua. As reprimendas ao fazer livre são muitas – dos pais aos higienismos pedagógicos e às regulações de segurança - e amputam a possibilidade do fazer real, especialmente o artesanal, com uso de ferramentas. Ocorre quando o anseio estrutural, ontogênico, recebe recalques profundos. A criança, obrigatoriamente, terá que readequar-se à percepção imposta. Aquilo que percebeu, inicialmente, por uma intuição da imaginação, será substituído por uma imposição. (PIORSKI, 2016, p.117)

Ele considera não permitir o brincar livre como uma forma de abandono, pois impor às vontades do adulto na criança é impedir que ela seja livre para expressar-se, interrompendo um corpo que fala, uma imaginação potente e a construção real do que de fato significa para a criança. Esse pensamento vai ao encontro das reflexões que as professoras fizeram sobre podar as crianças na educação infantil.

Podemos pensar também nas incertezas que o brincar livre pode proporcionar, são diferentes crianças brincando da sua própria maneira, o que permite diversas possibilidades de descobertas e aprendizagens e ao mesmo tempo o professor precisa lidar com essa diversidade, ele pode se surpreender de forma positiva ou negativa. O professor consegue ter muito mais domínio com uma atividade direcionada, pois já tem os seus objetivos e prevê o resultado esperado.

Para Morin, a incerteza sempre estará presente no nosso dia a dia, não deve ser considerada apenas como um impedimento, mas devemos reconhecer as incertezas e pensar nelas, enfrentando-as. “o pensamento deve, então, armar-se e aguerrir-se para enfrentar a incerteza” (MORIN, 2000b, p. 91).

As incertezas, os medos e inseguranças são enfrentados quando o professor tem convicção do trabalho que está exercendo. Reconhece a importância e a potência das propostas livres e compreende a necessidade de respeitar os interesses da criança, valorizando

as suas ações e as possibilidades que podem surgir através da brincadeira livre. De acordo com Morin (2009, p. 85), “é necessário também ensinar que o conhecimento comporta sempre riscos de erros e ilusões, e tentar mostrar quais são as raízes e causas”. Os riscos do brincar livre na natureza podem trazer muitos aprendizados desde que o educador converse com as crianças e ensine que os riscos existem e temos que lidar com eles; essa relação de diálogo irá proporcionar mais segurança e confiança entre o educador, as crianças e o espaço da natureza. Como a professora K destaca na sua fala, a atividade direcionada pode não apresentar muitas incertezas mas distancia o professor da criança, além de não permitir uma experiência mais profunda com a prática.

Professor K- O que eu observo é que as professoras e os pais que fazem mal e pouco uso dessas relações com o livre, a natureza, com a criança sendo o centro é porque tem um problema com o vínculo, com a relação entre eles; quando tem distância você pode perceber que não tem tanto essas experiências, porque isso também tem a ver com amor.

Algo bem interessante que encontramos nessa fala também é que a professora relaciona o brincar livre como um ato de amor, pois estreita a relação dos pares, criando vínculos. E o conceito de brincar é justamente criar vínculos: "Brincar" é derivado da palavra "brinco", que vem do latim "vinculo", e significa "fazer laços, ligar-se".

Brincar é o vínculo originário que a criança estabelece entre o mundo objetivo (até mesmo seu próprio corpo) e o mundo imaginal. O brincar tem inúmeras brincadeiras e brinquedos, os brinquedos são diversas formas de brincar e de fazer brincadeiras, as brincadeiras são brinquedos, são modos, gestos de brincar. (PIORSKI, 2016, pp. 61,62)

Nesse sentido, brincar é criar vínculos com os seus pares: crianças e educadores, com os objetos e com o ambiente. Brincar na natureza permite que a criança crie vínculos com o meio ambiente, com os animais e com os elementos que compõem esse espaço do brincar. Quanto mais diversos forem os elementos que as crianças se relacionam mais vínculos elas irão estabelecer com essa experiência.

Ao longo do debate durante o curso uma palavra intrigante que apareceu em diferentes falas dos professores foi: **confiança**.

*Professora K: Quando tem essas experiências libertárias, de ouvir a criança, de perceber o que ela está sentindo, tem relação, tem vínculo. Também tem a **confiança** porque a criança pequena **confia** no que a gente está mandando ela fazer, então olha que sério, eu dizer o que ela vai fazer.*

*Professora R.A- A pedagogia tem esse poder de **guiar** a criança e muita das vezes os profissionais esquecem e acabam se **guiando pelo que esperam dele e não pelo que as crianças realmente precisam** naquele momento da Educação Infantil.*

*Professor D – se a gente parar para pensar **o que a gente propõe para as crianças, para eles vão ser meio que verdade absoluta**, a “credibilidade” deles ainda não está tão desenvolvida assim para entenderem os porquês que a gente faz essa prática, por que **a gente coloca eles na natureza e eles simplesmente vão seguindo e fazendo de tudo uma brincadeira**. Só que a gente consegue observar que dentro da brincadeira, quando tem intencionalidade eles evoluem, eles crescem, eles aprendem.*

Podemos refletir a partir dos conteúdos de fala acima, como a relação do educador com a criança é importante para estabelecer a confiança. Os dados nos apontam que as crianças pequenas confiam em seus professores, isso significa que elas acreditam em suas orientações e sentem-se seguras para explorar o ambiente, pois se sentem protegidas. Esse sentimento de confiança ajuda a criança a tornar-se independente e segura.

Podemos dialogar a ideia de confiança que os dados nos apontaram com a perspectiva de dominação que a autora Tiriba (2005) nos faz refletir. Discutimos nos capítulos anteriores o quanto o ser humano exerce o papel de dominador da natureza, mas essa teia de relações entre o ser e o ter também se estabelece entre os seres humanos, e para o nosso contexto podemos destacar a relação de dominação entre o adulto e a criança.

“[...] a natureza aparece subordinada aos seres humanos, a mulher ao homem, a criança ao adulto, o consumo a produção, o local ao global, numa lógica em que uma parte acaba sempre sobrevivendo mediante a subordinação e apropriação da outra, movimento que pressupõe sempre competição e dominação” (TIRIBA, 2005, p. 53).

Nesse sentido, em uma sociedade em que prevalece a dominação e a competição, em que as crianças estão subordinadas aos adultos e não são ouvidas, o antagonismo de estabelecer uma relação de respeito e confiança é uma grande responsabilidade. Como a professora R.A destacou nos dados apontados acima, não podemos confundir essa confiança

que eles depositam nos adultos com atitudes de autoritarismo, mas estabelecer uma relação mútua em que o educador não imponha as suas próprias vontades e expectativas, mas tenha sensibilidade para compreender as necessidades das crianças e guiá-las para atender as suas especificidades.

Não permitir o brincar livre pode estar relacionado ao distanciamento na relação entre o educador e a criança, em que o professor se posiciona como superior à criança e direciona as suas ações, não dando liberdade para as mesmas se expressarem. Em contrapartida, quando o educador permite o brincar livre e considera como uma prática pedagógica, favorecendo a expressão livre das crianças, maior será o vínculo e a relação de confiança que a criança irá estabelecer com o adulto. Com isso, as crianças irão se sentir valorizadas, capazes, seguras e ativas nas suas próprias descobertas e conquistas.

Professor M- Eu acho que é uma questão de tratar com respeito, olhar para aquela criança e enxergar nele um ser humano que está em seu pleno desenvolvimento, **respeitar a vontade e o seu eu interior que diz para ele que ele é capaz de fazer aquilo.**

O brincar livre na natureza é um exemplo de prática em que o educador posiciona-se como o papel de observador e dá voz às crianças e às suas ações, que valoriza o ato do brincar, como uma ação imprescindível no desenvolvimento infantil, estabelecendo habilidades sociais, afetivas, psicomotoras e cognitivas, que estimula a criatividade, imaginação e autonomia. Através no brincar livre as crianças criam vínculos, expressam os seus sentimentos, exploram, descobrem, sentem, constroem, aprendem e se apropriam do mundo ao seu redor.

Os brinquedos feitos de flora refletem a vida delicada de frutos e pétalas. Já a flora, feita brinquedo e transmutada no imaginar, retrata na alma o vasto campo da beleza. Tantos animais são recriados dos frutos, das sementes e das flores! Boizinhos de palito do fruto da oitica do melão-de-são-caetano, das mangas verdes, dos maxixes, dos mangarás da bananeira, das cascas do melão e da melancia. [...] Hélices são feitas das ais diversas sementes e flores dos brinquedos do ar. [...] Generosamente, a imaginação mostra à criança que as formas da flora contêm as formas da vida e de todos os seres. [...] A morfologia do brincar tlérico cria senso de parentesco, similitude e unidade à existência. (PIORSKI,, 2016, p. 73)

O brincar livre permite que as crianças desde pequenas criem novos significados para os objetos, as suas ideias e criatividade dão asas ao faz de conta e à imaginação, guiando a sua própria brincadeira. Incentiva o protagonismo infantil e possibilita que as crianças criem, recriem , interajam, levantem hipóteses, façam pesquisas, aprendam e construam relações com o meio, consigo mesma e com o outro. Além de reconectarem-se com a natureza, com outros

seres vivos e com elas mesmas. Reconhecendo nos elementos da natureza a própria vida, associando a outros seres e formas de vida.

O brinquedo proveniente da experiência livre da criança em contato com a natureza é nossa porta de entrada rumo a essas reservas simbólicas da produção humana. [...] conecta-se no nosso entendimento do brinquedo com o lugar em que a criança encontra toda sua capacidade *originante* e criadora. (PIORSKI, 2016, p. 51)

A partir do diálogo sobre a temática do brincar livre, os participantes do curso fizeram as seguintes considerações:

Professora R.A- Enriquecem tanto as professoras com uma **vasta possibilidade de atividades**, quanto ao aluno com **habilidades novas** sendo desenvolvidas, **coordenação motora sendo treinada, sentimentos de cuidado e responsabilidade pelo espaço.**

Professora M.A - O brincar livre favorece o **desenvolvimento e aprendizagem** das crianças e ao mesmo tempo elas se **sentem mais felizes e compartilham experiências e vivências** que ficarão guardadas para sempre em suas **memórias**.

Professora R- Podem enriquecer despertando **experiências significativas** para as crianças, possibilitando que desenvolvam sua **imaginação e criatividade**.

Professora M- Desenvolve a **criatividade e a autonomia**, além de **conhecimento de mundo**.

Ideias que dialogam com as concepções de Piorski (2016) sobre a liberdade do brincar que revelam os interesses mais íntimos das crianças, estimulando ainda a sua imaginação e criatividade:

A materialidade do brincar [...] abre caminhos que desembocam na substancialidade do imaginar. As matérias da brincadeira alcançam os sentidos da criança como arco, as cordas do violino. Produz efeito esse encontro, um riquíssimo espectro de impressões e sentidos. Faz trabalhar uma imaginação vital. Uma imaginação que estabelece vínculo entre a criança e natureza e tem capacidades específicas e maior plasticidade: é transformadora, regeneradora. (PIORSKI, 2016, p. 19)

Nesse sentido, o brincar livre enriquece o repertório de práticas na educação infantil, pois permite que as crianças criem diversos tipos de brincadeiras de maneira prazerosa e proveitosa. Favorece a aprendizagem e o desenvolvimento da criança, estimulando a autonomia e a criatividade. Além de promover o conhecimento de mundo, a partir do brincar livre na natureza a criança pode se reconectar com o meio ambiente e os seus elementos.

8.4 Utilizando elementos da natureza

Observamos nos conteúdos de falas dos professores sobre as suas práticas que eles utilizam elementos da natureza, tais como: gravetos, folhas, flores, terra, sementes, entre outros, como recurso pedagógico para realizarem as propostas com as crianças.

Professora M- Explorar os elementos da natureza tão presentes no nosso ambiente educacional é um elemento facilitador e prazeroso na busca de novos aprendizados.

Professora K- Usamos muito as pedras para escrever no chão do estacionamento.

Professora T- Enquanto professora depois dessa minha formação e de estender todo esse percurso, eu procuro proporcionar esses momentos seja no brincar trazendo esses elementos para não ter o brinquedo pronto, então através dos gravetos, da terra, das folhas, proporcionar um lúdico diferente do que eles estão habituados através dos brinquedos prontos.

Professora K- A gente trabalha muito com a folha do chão, a gente explica quando a folha está verdinha na árvore não arrancar, mas tem muitas folhas no chão, o pessoal da limpeza tira muita folha do chão. Então a gente trabalha pintando, fazendo trabalhinhos de autoimagem, bonequinhos através das folhinhas e galhinhos que eles mesmos vão colhendo do chão. A gente não só joga fora, então a gente faz muitos trabalhinhos, usando como se fosse a folha de base, né.

Os professores citaram alguns exemplos de como utilizar os elementos naturais como recurso nas brincadeiras da educação infantil. Uma fala muito interessante da professora T foi a substituição do brinquedo pronto, para os elementos naturais, que são considerados objetos de largo alcance e podem se transformar em diversos brinquedos, de acordo com a imaginação e criatividade da criança. Os brinquedos prontos já estruturados geralmente são criados com uma função específica pré-estabelecida, o que limita a criança em sua criatividade.

Em suas brincadeiras “espontâneas”, com materiais não estruturados, as crianças constroem vínculos que se aprofundam na gênese das interações humanas. São formas lúdicas que nos surpreendem por sua originalidade e pela forma de habitar um mundo – às vezes – esquecidos pelas pessoas adultas. (HOYUELOS, ALFREDO, 2019, p. 169)

Os elementos da natureza têm variedades de formas e estruturas que permitem que a criança tenha autonomia para ressignificar os objetos e transformá-los em diferentes funções, ampliando a sua maneira de brincar. Os elementos da natureza não materiais não estruturados,

de largo alcance que permitem que as crianças deem novos significados para os objetos e espaços, explorando a sua criatividade.

O autor Piorski em seu livro “Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar”, nos faz refletir de forma poética como o chão da natureza é rico em materiais e possibilidades de brincar.

Materiais colhidos na natureza entram no campo da criança para brincadeiras. Assim, brincar é o veículo originário que a criança estabelece entre o mundo objetivo (até mesmo seu próprio corpo) e o mundo imaginal. O brincar tem inúmeras brincadeiras e brinquedos, os brinquedos são diversas formas de brincar e fazer brincadeiras, as brincadeiras são brinquedos, são modos, gestos de brincar (PIORSKI, 2016, p. 61).

A relação da criança, seu próprio corpo e os elementos da natureza materializam a imaginação, são meios pelos quais a brincadeira pode existir permitindo a criação de diferentes brinquedos e diversas formas de brincar.

No conteúdo de fala da professora K, ela demonstra como utiliza os elementos da natureza, como folhas que ficam no chão e iriam para o lixo, para fazer atividades de artes com as crianças substituindo as folhas de papel. É possível também produzir tintas com elementos naturais; essa prática, além de aproximar a criança da natureza, ajuda a proteger o meio ambiente e evita o consumo desnecessário de materiais diminuindo assim a sua produção. Além disso, não apenas as folhas, mas os elementos na natureza em geral, possuem diversidades de texturas, cheiros, cores, formatos, temperaturas, o que permite ampliar o repertório de experiências sensoriais das crianças.

Como espaço primeiro das brincadeiras, lugar onde nossa raça aprendeu a brincar e a inventar brinquedos, a natureza nos remete aos modos ancestrais de brincar. As brincadeiras mais orgânicas, nas quais as coisas da natureza se transformam em brinquedos diversos, e as condições de espaços e demais elementos naturais possibilitam experiências com uma ampla diversidade de formas, cores, texturas, odores, que em muito enriquecem os caminhos de aprendizagem infantil e favorecem a proteção da saúde (LIMA, 2015, p. 39).

Nesse sentido, podemos refletir que os primeiros brinquedos vieram do chão, através da natureza que a brincadeira surgiu. Nossos ancestrais nos ensinam sobre a essência do brincar, sobre estabelecer vínculos com os elementos da natureza e nos conectar com ela durante essa experiência.

Abaixo citamos mais conteúdos de fala em que os professores debatem sobre as possibilidades dos elementos da natureza para a construção de práticas pedagógicas na educação infantil:

Professora M.A- Podem criar possibilidades de **novas experiências** com a terra, com a água, com os animais, com o ar. As crianças **se sentirão parte de um ambiente que se renova a cada dia e aprenderão a cuidar e amar** esse ambiente cada dia mais.

Professora R- Através de diversas **experimentações**: ouvir os sons da natureza, observar o céu, as nuvens, a natureza ao seu redor como um todo. **Vivenciando experiências** com a Terra, com a água, com o ar...

Professora M- Através da natureza a criança pode **construir seus próprios brinquedos**: brincar com a areia, com as folhas, etc.

A professora M.A faz uma reflexão interessante: que a natureza se renova a cada dia. Nesse sentindo, podemos pensar que mesmo que as crianças visitem o mesmo espaço todos os dias, a natureza daquele local nunca será exatamente a mesma, ela sempre vai sofrer alguma mudança: a vegetação muda conforme as estações, o clima, os animais e os insetos que podem aparecer de forma espontânea. A natureza está sempre em movimento, isso faz com que cada vivência e experiência se torne única. Cada dia é um momento de novas descobertas, pois todos os dias o ambiente natural se apresenta em um contexto diferente. As crianças podem acompanhar as transformações das vegetações: a mudança das cores das folhas, depois elas caem, as flores que nascem e depois também caem, os frutos que nascem crescem, ficam verdes e maduros; elas podem encontrar uma lagarta e acompanhar a sua metamorfose; observar os animais e insetos que aparecem e desaparecem de acordo com o ecossistema, que quando o ambiente está mais florido encontramos mais borboletas e abelhas, por exemplo; ou simplesmente observar o céu e as suas transformações ao longo do dia e do clima; os diversos sons que a natureza pode nos oferecer. Quantas experiências conseguimos vivenciar através da inserção na natureza sem outros recursos; o meio ambiente já é recheado de oportunidade para aprendizagens, basta termos sensibilidade para aproveitar o melhor que a natureza pode nos proporcionar.

Dessa forma, podemos evidenciar mais uma maneira de como reconectar as crianças com a natureza através de práticas que utilizam os elementos naturais como recurso para as propostas pedagógicas na educação infantil.

8.5 Desemparedando

Por meio da discussão apresentada na seção anterior, percebemos o quanto os elementos da natureza devem estar presentes na educação infantil. Para isso, a melhor forma de proporcionar essa prática para as crianças é desemparedando, como afirma a autora Léa Tiriba (2018), é preciso desemparedar, no sentido de ir contra um sistema que aprisiona as

crianças em uma sala fechada na maior parte do tempo e levá-las para o ambiente externo, ao ar livre, em contato com a natureza.

O movimento de desemparedar pressupõe novas concepções de natureza, de ser humano, de conhecimento, de educação e de escola; aponta, portanto, para um novo paradigma civilizatório e implica desafio para a elaboração e implementação de políticas públicas, (...) em que a educação não se concentre em processos racionais, seja movimento de corpo inteiro; em que as aprendizagens não se restrinjam aos espaços entre paredes; em que a escola seja lugar de viver o que potencializa a existência. (TIRIBA, 2018, p.198)

Para a autora, as instituições de Educação Infantil não devem limitar-se ao espaço fechado, devem ser um ambiente de liberdade, que respeita os interesses das crianças, proporcionando momentos em ambientes externos com a interação de elementos naturais que potencializam a aprendizagem e o desenvolvimento das crianças. Nessa perspectiva, encontramos subcategorias no conteúdo de fala dos participantes de nossa pesquisa que apontam possibilidades para o desemparedar na educação infantil.

8.5.1 Proporcionar mais tempo fora de sala

Os conteúdos de fala dos professores participantes do curso valorizam os momentos no espaço externo da escola. Os dados nos mostram que alguns professores tentam realizar práticas ao ar livre envolvendo o contato com a natureza, mesmo com as dificuldades que as instituições impõem, inclusive debatemos essas questões dessa seção, pág. 100, mas esses educadores encontram formas para proporcionar algum momento ao ar livre.

*Professora M.A-Levar as crianças para conhecer, mesmo que seja um espaço pequeno que ela não tenha tanto contato com a natureza, mas que elas tenham para respirar o ar puro, um espacinho para abrir a janela da sala de aula e perceber o que está acontecendo lá fora. A partir do **olhar** do professor e do **olhar** da gestão escolar. Estar motivando novas práticas para a Educação infantil e ensino fundamental, porque a natureza tem que estar presente em todos os segmentos, mas principalmente na educação infantil.*

*Professora R.A- é **olhar** que existe um grande mundo de descobertas lá fora, e quando chegar a hora, ele crescer e tiver que encarar esse mundo de testes e provas escolares, algo de diferente vai estar nele, aquilo que foi plantado lá trás na Ed. Infantil, fazendo o aluno ver o mundo com um **olhar** diferente.*

Professora M.A- No EDI eles aprendem a parar e ouvir os cantos dos pássaros e os voos das borboletas, a não arrancarem as flores e só colherem as flores caídas no chão, a apreciarem as frutas que estão nos coqueiros, nas mangueiras dentre outras. Concordo que as crianças precisam aproveitar mais os espaços externos das instituições escolares.

*Professora K- A gente costuma também sempre reparar o que está em volta, estimulando eles a **olharem** pela janela, todo dia a gente vai **olhar** na janela: “vamos **olhar** na janela, o que que tem ao redor? Como está o tempo?” mas sempre vamos lá fora **olhar**, a gente vai de **propósito olhar**: “vocês já repararam como está o tempo, se está fresquinho ou se está sol?” A gente ouve muitos barulhos, essa é uma atividade quase que diária: “vamos parar para ouvir os barulhos que conseguimos, ouvimos mais buzinas ou bichinhos?” A gente não faz isso de vez em quando, a gente faz muito. Nem que seja para ficar sentadinhos, mas vão lá fora um pouquinho.*

Observamos, nos conteúdos de fala acima, que para os professores o contato com a natureza e os momentos no espaço externo são importantes em todos os segmentos de ensino, mas principalmente na educação infantil. Na educação infantil o currículo é um pouco mais livre, não é organizado por conteúdos, não tem a exigência de provas, por isso o sistema permite que o professor tenha mais liberdade de oferecer propostas ao ar livre. Infelizmente muitas instituições usam o momento da educação infantil como preparatório para o ensino fundamental e incluem em suas práticas muitas atividades dirigidas com o intuito de alfabetizar e preparar para as crianças para ingressarem no 1º ano, mesmo não sendo esta a orientação dos documentos da educação infantil. Segundo a BNCC a Educação Infantil deve ser compreendida como um espaço-tempo educativo e seu currículo deve ser único para atender as especificidades da faixa etária das crianças de 0 a 5 anos, sem a intenção de antecipar os conteúdos que serão trabalhados no Ensino Fundamental.

Essa síntese deve ser compreendida como elemento balizador e indicativo de objetivos a serem explorados em todo o segmento da Educação Infantil, e que serão ampliados e aprofundados no Ensino Fundamental, e não como condição ou pré-requisito para o acesso ao Ensino Fundamental. (BRASIL, 2017, p.53)

A *Professora R.A* traz uma reflexão em sua fala que o educador deve aproveitar a oportunidade da educação infantil para proporcionar os momentos com a natureza para as crianças e que essas experiências poderão contribuir para o olhar dessas crianças em relação ao mundo e afetar de forma positiva por toda a sua vida. Inclusive, quando a criança não puder mais ter esse contato com a natureza na escola, por causa do sistema do ensino fundamental, a sua conexão com o meio ambiente já estará estabelecida nas crianças desde a educação infantil, o amor e o zelo pela natureza já irá fazer parte das suas práticas diárias.

Sendo a principal função da educação infantil o desenvolvimento integral das crianças, são necessárias experiências que as conectem com o sentido de estética, com a infinidade de belezas que estão à sua volta, para que, gradualmente, possam exercitar a consciência reflexiva e sensível sobre as belezas que compõem a vida e assim conectar-se com a sua grandeza. (LIMA, 2020, p. 84)

Dialogando com a autora Lima (2020), podemos compreender a natureza também como um espaço estético que se apresenta como diferentes formas de beleza e devemos ensinar as crianças a apreciar essa riqueza de detalhes que a natureza dos proporciona.

Percebemos nos conteúdos de fala acima também que para os professores o ambiente externo é um espaço de descobertas e possibilidades. Observamos que palavra **olhar** aparece em diferentes momentos, incentivando nas práticas o olhar aguçado para com a natureza, um olhar sensível para perceber a grandeza que existe em volta, apreciando cada detalhe que a

natureza pode oferecer, como os sons, os cheiros, cores, belezas; uma maneira de aguçar os sentidos das crianças.

O estar na Natureza, além de possibilitar conhecimentos importantes sobre o mundo natural e social, oferece às crianças situações que as ajudam a ampliar sua percepção, desenvolver seus sentidos e aprender a olhar sensivelmente, a sentir sensorialmente as coisas da natureza, a admirar as belezas naturais e a dinâmica que origina e sustenta a vida. A ampliação da sensibilidade constitui-se como uma competência que pode em muito favorecer o modo como as crianças lidam com a vida em geral, integrando as dimensões imaginativa, emotiva e corpórea. (LIMA, 2020, p. 11)

A sensibilidade com que olhamos para a natureza vai influenciar na forma que a enxergamos. O olhar sensível nos aproxima, não apenas fisicamente, mas também emocionalmente fazendo com que nos reconectamos com ela.

Nesse sentido, podemos enxergar a natureza em duas perspectivas diferentes: uma natureza que traz riscos, um local que pode trazer muitos perigos e sujeiras e/ou um olhar da natureza como algo belo que queremos apreciar e transformar em uma obra de arte.

Professora R- Esse ano nós estávamos no projeto sobre fotos, porque que a foto é uma lembrança? E aí nos nossos estudos, a gente descobriu que antes de tirar fotos, as pessoas desenhavam, né, e pintavam animais. Aí nós fomos para o jardim da escola, um gramado grande, com um lago, e a proposta era pintar, eles escolheram um arbusto, uma árvore, uma flor que eles quisessem para representar pintando, aí levamos cavaletes e fomos nessa vivência. Foi muito legal! Cada um escolheu o que queria representar, então pintando com guache e pincel eles representaram o que estavam vendo na natureza. Então veio a questão deles perceberem que antes de tirarem fotos eles desenhavam; e olhar para uma flor, uma planta e registrar do jeitinho deles. Foi muito legal! Relembrando um outro projeto que a gente fez com um Jacu que aparecia na escola, eles tiveram a experiência de desenhar com as penas que ficavam no gramado.

A professora R compartilhou uma prática que ela fez na educação infantil em que eles foram para o ambiente externo e as crianças foram convidadas a enxergarem a beleza da natureza e depois que observaram, registraram através de fotografias e pintaram um quadro representando o que mais admiraram na paisagem, aguçando assim o seu olhar para com a natureza.

A Natureza, com sua infinidade de estímulos e expressões, atrai o interesse das crianças e oferece ricas possibilidades de apreciação e interação com o belo. Ao trazer relaxamento e potencializar a presença e a conexão das crianças com seu mundo interior e consequentemente com o que está ao seu redor, os campos naturais

as inspiram a criar e expressar, de diferentes modos, seus próprios sentidos de estética. (LIMA, 2020, pp. 84 e 85)

Esta vivência é um exemplo de como podemos nos reconectar com a natureza através das práticas pedagógicas com as crianças. Além de proporcionar momentos de contemplação e apreciação da natureza, podemos também proporcionar um momento de inspiração e relaxamento para as crianças de modo que elas se conectem com elas mesmas, percebendo que também são natureza e fazem parte do mundo natural. “O aprendizado do amor se dá na interação com o que está próximo, tanto do amor às pessoas quanto do amor à Natureza. Quando as crianças se afeiçoam à roseira, ao pé de acerola, vão constituindo recursos pessoais que podem levá-las a amar a Natureza e o planeta.” (LIMA, 2020, p. 123). Sendo assim, o amor pela natureza vai sendo construído e aperfeiçoado de acordo com as experiências que as crianças irão vivenciando ao longo da sua vida. Que a educação infantil seja um espaço para que essa aproximação aconteça de forma natural e espontânea, pois desde a tenra idade as crianças já estabelecem vínculos com a natureza e esse sentimento de amor e zelo é a base para a construção de um ser humano crítico e consciente com o meio ambiente no futuro.

8.5.2 Valorizar os espaços da natureza ao redor da creche

Observamos nos conteúdos de fala dos professores a importância de valorizar os espaços da natureza ao redor da creche como uma estratégia para desemparedar. Encontramos em comum falas que incentivam o convívio com a natureza do entorno, local mais próximo da comunidade onde as crianças moram.

*Professora M.A – Nós professoras podemos convidar as crianças a conhecerem melhor os seus espaços que tem a natureza, procurar conversar com os pais, para que eles levem essas crianças para passear e ter esse contato com a natureza. Por exemplo, eu sou professora na Maré, Piscinão de Ramos e eles têm esse espaço bem interessante de contato com a natureza, mas tem muitos pais que não levam os seus filhos, né. Preferem levar para a roda de samba, não que não seja interessante e que faça parte da cultura, mas levar também para conhecer o espaço dessa natureza que tem em torno da sua vivência do seu cotidiano. Aproveitar os espaços da natureza que realmente eles podem **usufruir não só a parte de praia da zona sul, mas valorizar o seu próprio ambiente**, a sua própria natureza que também é tão rica e bonita. A natureza não se modifica tanto porque está na zona norte e na zona sul. Às vezes eles saem da sua unidade e vão procurar outros espaços do ambiente, **quando na verdade deveriam estar valorizando a sua natureza, o seu lugar.***

*Professora M- As crianças de uma instituição privada há duas semanas ajudaram no projeto verdes mar a libertar uma tartaruga marinha e eu fiquei me perguntando o que a criança do colégio público de Realengo fez. Essa é a minha inquietação, ao mesmo tempo que a gente “critica” as hortas, porque a gente entende que meio ambiente não é só isso, não é horta ne, são muitas outras coisas, mas a gente também entende que é o que dá para fazer ali naquele espaço que não tem natureza, que não tem que a prefeitura não faz mais esse vínculo. Na minha época de educação eu tinha muitos passeios escolares, hoje a gente não tem quase nada. **Acho que a desigualdade social influencia muito.***

*Professora MG- **Infelizmente as creches municipais, em sua maioria, não tem um espaço externo adequado.***

A professora M.A traz uma reflexão sobre a nossa concepção de natureza. Muitas vezes consideramos natureza apenas em um lugar rural e/ou a praia e/ou algum lugar turístico, mas não percebemos a natureza que existe ao nosso redor, no caminho que fazemos durante o dia. “Os ambientes de aprendizagem devem, portanto, incluir lugares com os quais as crianças possam se vincular afetivamente.”(Lima, 2020, p.64) Valorizar a sua própria cultura e ambiente é enxergar beleza ao seu redor. Com um olhar sensível e aguçado conseguimos perceber a natureza em todo lugar, encontramos animais, insetos, vegetações, o próprio céu, as nuvens, o sol, o clima... Por vezes passamos pelo mesmo ambiente e não percebemos a plantinha que está brotando no meio do concreto da calçada, as flores brotando nas árvores, as folhas mudando de cor, depois caindo e nascendo novamente, as diferentes cores do céu, os formatos das nuvens... Essa fala da professora foi muito importante para pensarmos o quanto é possível nos reconectarmos com a natureza ao nosso redor sem precisar ir para longe ou para uma natureza fantasiosa, intocável, bem distante da nossa realidade urbana.

Como as escolas se localizam em diferentes contextos e recebem crianças com suas próprias especificidades culturais, os espaços de aprendizagem podem ser os mais variados possíveis, não havendo modelo único. Os lugares importantes para cada comunidade devem ser valorizados como ambientes nos quais as crianças podem vivenciar experiências pedagógicas significativas para elas e as façam avançar na compreensão de si mesmas e do mundo que as cerca. (LIMA, 2020, p. 63)

Nesse contexto, devemos valorizar o local e a comunidade em que cada criança mora mostrando que nesse lugar existe história, cultura e que podemos encontrar a natureza bem próximo de nós, dessa forma a percepção de mundo da criança será mais significativa para ela pois fará parte do seu cotidiano.

Os conteúdos de falas acima também relacionam a “falta da natureza” com a desigualdade social. A professora M.G ressalta que nas creches municipais, na maioria das vezes, não tem espaço externo adequado. A Professora M questiona as oportunidades que as crianças que estudam em escolas particulares têm em relação às experiências e vivências em comparação às crianças da escola pública. Questiona que mesmo o professor fazendo o possível para proporcionar contato com a natureza, mesmo que seja pelo menos através da horta, as crianças precisam e têm direito a mais oportunidades. Lembra que na sua infância as escolas públicas realizavam mais passeios e que atualmente é difícil ter essa programação.

Para o autor Louv (2016) , as escolas devem ampliar o conhecimento e a relação das crianças com o mundo, proporcionando mais saídas pedagógicas, através de parcerias:

As escolas poderiam construir vínculos mais fortes e mais significativos com associações de agricultura, centros de natureza, organizações

ambientais e refúgios de aves, em vez de usá-los para visitas pontuais. [...] essas organizações poderiam se unir para contratar educadores ambientais para trabalhar nas salas de aula, organizar atividades com os pais, professores e alunos e ajudar os professores a aprenderem a integrar ao currículo básico o território da escola, parques, florestas, campos, cânions próximos. Em última instância, esses esforços levam a uma educação mais eficaz. (LOUV, 2016, p. 237).

A autora Tiriba (2018) também defende que os direitos das crianças são desrespeitados, pois na maioria das instituições de Educação Infantil, até mesmo nas públicas, não possuem ambientes externos para as crianças brincarem, e quando existem são ambientes com chão de brita que não ofertam elementos da natureza, como: vegetações, terra, areia, flores, gramado. A estrutura da escola não permite que as crianças tenham o contato com a natureza. A DCNEI em 2009 orienta o espaço externo como um espaço educativo e de possibilidades, sendo direito de todas as crianças vivenciarem esse ambiente. “A interação com a natureza é um direito humano.” (TIRIBA, 2014, p.82). A natureza é um direito da criança; independente da sua classe social ou do local onde habita, toda criança tem direito de vivenciar a natureza. “A natureza é o local onde historicamente os seres humanos interagem e brincam. Tomando a escola como lugar fundamental na organização das sociedades urbanas, é urgente desemparedar. O convívio não pode ser uma opção de cada professora, mas **um direito.**” (TIRIBA 2018, p.198). É um direito da criança que ela tenha contato com uma diversidade de ambientes e vivências para expressar-se de forma livre e desenvolver-se.

Sendo assim, através dos conteúdos de fala analisados nessa seção pudemos elencar algumas possibilidades de como realizar as práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza: superando os impedimentos que aparecem; repensando as práticas da rotina engessada nas instituições de educação infantil, permitindo mais tempo livre com a natureza; envolvendo as famílias nas práticas pedagógicas e propostas da escola, promovendo a potência das práticas pedagógicas através da natureza; criando estratégias para contornar os problemas com a infraestrutura, falta de espaço e perigos ao redor, trazendo a natureza também para dentro de sala; valorizando as propostas junto à natureza, contrapondo os riscos e os desafios que as pessoas impõem; investindo na formação docente; permitindo o brincar livre, utilizando elementos da natureza; desemparedando, valorizando os espaços da natureza ao redor da creche e da comunidade; permitindo que o brincar na natureza seja um direito da criança.

Nessa categoria denominada “Como realizar as práticas pedagógicas que reconectam crianças e natureza” conseguimos agrupar as falas dos professores que nos direcionam para a

construção de práticas que nos possibilitem realizar um trabalho pedagógico com as crianças através da natureza – e esse é o objetivo maior da construção de nosso produto educacional.

9. PRODUTO EDUCACIONAL

Essa pesquisa resultou, como produto final, um Caderno de Orientações Pedagógicas para os professores com propostas de experiências junto à natureza para a Educação Infantil e com orientações e reflexões. Esse caderno foi elaborado a partir das atividades propostas e realizadas no curso online com professores, durante a pesquisa, mas nele também estão os registros e contribuições dos debates e das trocas que ocorreram durante todo o curso, bem como parte dos resultados da pesquisa. Além das atividades aplicadas no curso, apresentamos, no produto educacional, outras propostas pedagógicas que proporcionam a interação da criança com a natureza; propostas estas que já foram desenvolvidas em turmas de Educação Infantil com as quais a professora-pesquisadora já trabalhou, ao longo de sua trajetória docente.

Dessa forma, o objetivo do produto educacional, construído junto a essa pesquisa, é o de partilhar conhecimentos, reflexões e experiências pedagógicas junto aos professores para que, a partir desse compartilhamento, eles possam utilizar esse material como inspiração na elaboração das suas práticas pedagógicas na Educação Infantil; além de possibilitar uma reflexão docente sobre as suas práticas, convidando-os a se permitirem vivenciar práticas libertadoras e prazerosas, respeitando o interesse das crianças e interagindo com a natureza.

Seguem abaixo alguns relatos de experiência que ilustram os tipos de atividades apresentadas no produto educacional, que tem como título “RECONNECTAR CRIANÇA E NATUREZA: por que, para que e como? Ideias de Práticas Pedagógicas para a Educação Infantil”.

Relato 1: Explorar o ambiente externo e brincar com elementos da natureza

As crianças foram levadas ao espaço externo da escola e tiveram a oportunidade de explorar o ambiente natural de maneira livre. Poderiam escolher com o que e onde brincar. Encontraram diversas possibilidades de brincadeiras com os elementos naturais que estavam no ambiente. Correram em busca de novidades, se sentiram livres e felizes.

Figura 13 : Brincadeira livre no espaço verde, denominado pelas crianças de “Florestinha”



Fonte: Imagem de autoria da pesquisadora.

Recolheram gravetos e criaram brincadeiras com eles, os gravetos de transformaram em espadas e varinhas. Houve um grupo que amontoou os gravetas e arrumaram em formato de uma fogueira. As crianças observaram e apontaram diferentes tipos de folhas e vegetações. Encontraram em uma delas uma joaninha bem pequena.

Figura 14: Brincando com elementos da natureza



Fonte: Imagem de autoria da pesquisadora.

Figura 15: Descobertas na natureza



Fonte: Imagem de autoria da pesquisadora.

Na Educação Infantil, a criança deve ser livre para explorar o meio à sua volta e desenvolver-se sensorialmente. Deve ter a oportunidade de fazer investigações e descobertas, ampliando a sua visão de mundo.

Relato 2: Conhecer, sentir e brincar com diferentes tipos de materiais

Nessa proposta as crianças conheceram diversas texturas de materiais: o barro, a areia, a terra preta e a serragem. Primeiro observaram cada um, compararam e sinalizaram as semelhanças e diferenças entre eles. Depois, fizeram um percurso sentindo as texturas das terras e da serragem com os pés e no final com os pés sujos de barro, carimbaram o papel, como forma de registro da atividade.

Figura 16 : Sentindo as diferentes texturas



Fonte: Imagens de autoria da pesquisadora.

Sentiram as texturas com as mãos e brincaram livremente com os materiais. Um aluno descobriu que a serragem era leve e ela voava facilmente se assoprasse na direção do vento. As crianças brincaram de fazer comidinhas, modelaram, construíram um bolo e cantaram parabéns.

Figura 17: Brincando de comidinha



Fonte: Imagens de autoria da pesquisadora.

Figura 18: Modelando com o barro



Fonte: Imagens de autoria da pesquisadora.

Relato 3: A arte da natureza

Nesta proposta, as crianças fizeram arte com elementos da natureza. Produziram tintas orgânicas com café e urucum. Recolheram gravetos e flores do chão para fazer pincéis naturais. Apanharam também folhas secas e as utilizaram para fazer diversas pinturas, desenhos e máscaras.

Figura 19: A arte da natureza



Fonte: Imagem de autoria da pesquisadora.

Este trabalho teve como culminância uma exposição de Artes. Os responsáveis foram prestigiar as obras produzidas pelas crianças e tiveram a oportunidade de fazer Arte junto com os seus filhos. Sentados embaixo de uma árvore, eles produziram tintas de café e pintaram quadros no pedaço de papelão, também usaram gravetos, folhas e outros elementos da natureza para decorar. Foi uma experiência de conexão com a natureza como forma de expressão, explorando e aguçando a criatividade e os sentidos.

10. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esse estudo emergiu de algumas inquietações da pesquisadora sobre as atividades e as práticas pedagógicas realizadas na Educação Infantil, tais como: as crianças têm o contato direto com a natureza, liberdade para brincar no espaço ao ar livre, oportunidades de observar e explorar os elementos naturais? A maior parte do tempo as crianças ficam em espaços fechados ou abertos na escola? As suas curiosidades e questões são respondidas com os modelos de atividades que são propostas em sala de aula? O que os documentos da Educação Infantil orientam sobre as práticas pedagógicas nesse segmento de ensino? Partindo desse pressuposto, a questão norteadora dessa pesquisa, buscou observar: Como as práticas pedagógicas que propiciam a interação da criança com a natureza podem criar novas possibilidades para a Educação Infantil? O estudo buscou investigar se as práticas pedagógicas que preconizam a interação da criança com os elementos da natureza, de forma livre e espontânea, mobilizam o cuidado com o meio ambiente, propiciam experiências prazerosas e criam possibilidades para a Educação Infantil.

Para responder a essas questões, a princípio, iríamos construir os dados da pesquisa através da aplicação das práticas pedagógicas, junto às crianças, pela pesquisadora. Porém, com a pandemia da Covid-19, que surgiu durante a pesquisa, tivemos que mudar nossos sujeitos de pesquisa, que não poderiam mais ser as crianças, e passaram a ser os professores. Por isso, levantamos os dados da pesquisa através de um curso online para professores da Educação Infantil. Por mais que o curso tenha sido em caráter de formação, a pesquisa não foi com o objetivo de formação docente; permanecemos com o mesmo objeto de estudo que eram as práticas pedagógicas realizadas junto à natureza. Dentro desta perspectiva, os professores nos ajudaram a analisar e refletir sobre as práticas pedagógicas que envolvessem o contato da criança com a natureza na Educação Infantil.

Como a coleta de dados foi realizada ao longo de um curso online, a maioria dos professores inscritos no curso apreciava a temática e muitos já faziam o uso dela nas suas práticas em sala e outros, ainda, estavam em busca de mais conhecimento sobre o assunto. Com isso, percebemos que a maioria dos participantes já acreditava na potência das práticas pedagógicas com a natureza, mas alguns ainda não sabiam como aplicá-las. Essa questão foi fundamental para o resultado que obtivemos na pesquisa, pois os participantes também

estavam interessados em buscar um maior aprofundamento sobre a temática de reconectar as crianças com a natureza na Educação Infantil. Esse resultado poderia ter sido diferente se o curso fosse oferecido presencialmente para professores de uma instituição específica; por exemplo, poderíamos encontrar um cenário de professores que não acreditassem ou concordassem com a concepção de criança e natureza apresentada nesse estudo.

A proposta inicial do curso era que os professores aplicassem, com as crianças da sua turma, as práticas pedagógicas que envolvessem a natureza; porém, nem todos conseguiram realizar as tarefas, pois estavam finalizando o ano letivo e/ou muitos ainda estavam realizando o trabalho remoto. Com isso, a maior parte da construção dos dados foi realizada através da entrevista, dos debates ao longo das aulas do curso e da análise das práticas pedagógicas que a pesquisadora exemplificava, ao longo das aulas. Os professores também compartilharam as suas experiências de práticas já realizadas nas escolas e partilharam vivências que tiveram com as suas crianças, junto à natureza, na Educação Infantil.

Esta pesquisa nos proporcionou vivências e experiências que, refletidas junto com os cursistas, mostraram que as práticas junto à natureza na Educação Infantil podem reconectar as crianças pequenas com a natureza e contribuir com muitas possibilidades de práticas pedagógicas em prol do desenvolvimento integral da criança, além de ajudar a formar cidadãos conscientes e cuidadosos com o meio ambiente.

A partir da análise dos dados, foi possível verificarmos que basear as práticas pedagógicas apenas pelos documentos de orientações curriculares para educação infantil (como RCNEI, DCNEI E BNCC), não era suficiente para embasar todas as questões que as propostas junto à natureza envolvem; inclusive, não encontramos nos documentos orientações sobre o brincar livre, a utilização de elementos naturais, o uso de materiais de largo alcance, a valorização das propostas no ambiente externo e das vivências e experiências na natureza. Os documentos incentivam a preservação ambiental e o contato com a natureza, mas de forma superficial. Por isso, foi preciso que aprofundássemos o nosso referencial teórico para podermos dialogar com os dados que a pesquisa nos apresentou, a partir de autores que defendem o território do brincar e as experiências com a terra e a natureza.

Através da discussão realizada no capítulo onde apresentamos a análise dos dados, pudemos observar três categorias principais que envolvem a problemática desse estudo: por que, para que e como realizar práticas que reconectam crianças e natureza na Educação Infantil. Essa análise nos trouxe muitos resultados positivos que responderam às questões dos

objetivos levantados na pesquisa e ainda foram além, nos oferecendo muitas possibilidades que as práticas junto à natureza podem oferecer para essa fase da Educação Básica. Além de ter evidenciado a importância dessas práticas pedagógicas com a natureza e o quanto elas são urgentes, atualmente, os resultados demonstraram para que devemos realizá-las e como devemos aplicá-las nas nossas práticas pedagógicas junto às crianças. Esses resultados também deram embasamento para a construção do produto educacional que poderá orientar muitos professores durante as suas práticas pedagógicas na educação infantil, trazendo reflexões e sugestões de propostas para serem realizadas com as crianças.

Através da análise dos dados, percebemos na categoria “Por que” o quanto é urgente essa reconexão das crianças com a natureza por causa das consequências que a pandemia nos deixou. Se antes, a tecnologia já estava muito presente na vida das crianças, desde bebês e o distanciamento da natureza era grande, durante a pandemia essa realidade ficou ainda mais evidenciada, pois as crianças não podiam sair de casa e na maioria das vezes o acesso à tecnologia foi o único recurso que essas crianças tiveram oportunidade de experimentar. As crianças da faixa etária da Educação Infantil, principalmente as das creches, foram muito afetadas pelo isolamento social, elas pouco conheceram e vivenciaram o mundo que as cercam; no seu pouco tempo de vida elas se desenvolveram trancadas dentro de casa, sem acesso à convivência com outras pessoas e com a natureza.

Só iremos ter certeza das consequências desse momento histórico depois de um tempo, mas de antemão os professores já notaram muita diferença entre as crianças que eram assistidas antes da pandemia em comparação às crianças que chegaram após a pandemia. Por isso, apontaram que nesse momento pós-pandemia as escolas, principalmente de educação infantil, devem ser um lugar que permita que essas crianças restituam o tempo que se perdeu e que elas tenham o máximo de vivências com a natureza e uns com os outros; devem ter oportunidade para que os seus corpos se expressem com liberdade, que as suas curiosidades sejam respondidas e que elas aprendam sobre o mundo a sua volta através das experiências diretas com ele.

A Educação Infantil deve ser um lugar que aconteça o desemparedar, que o acesso à natureza (que é um lugar de muitas descobertas e estímulos sensoriais) faça parte da rotina diária das creches e pré-escolas e onde o ambiente externo seja considerado como um ambiente potente para a aprendizagem, trazendo prazer e bem estar para o desenvolvimento integral das crianças, evidenciando a biofilia, o amor à vida, que está presente nas crianças pequenas de modo que a biofobia e o medo da natureza não influenciem essas crianças.

Na categoria “para que”, os resultados nos mostraram quais são as possibilidades que as práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza podem oferecer para a Educação Infantil. Essas práticas pedagógicas na natureza favorecem o protagonismo infantil, pois permitem que as crianças tenham liberdade para criar com os elementos naturais (materiais de largo alcance) e aguçar a sua criatividade. Essas práticas também possibilitam a observação do educador que, através de uma escuta atenta, consegue perceber os interesses das crianças, utilizando-os como ponto de partida para propor novas vivências que fazem mais sentido para elas, respondendo as suas curiosidades e inquietações, proporcionando assim uma aprendizagem mais significativa. Dessa forma, as práticas pedagógicas que envolvem a criança e a natureza favorecem o desenvolvimento integral da criança, principal objetivo da Educação Infantil. Além disso, os dados evidenciaram que essas práticas também contribuem para a ampliação do conhecimento de mundo, ajudam a formar cidadãos conscientes com zelo e respeito pelo meio ambiente, que apreciem a natureza ao seu redor – não apenas como estética ou recurso para produção material – mas compreenda que ele faz parte dela e valorize a natureza como um lugar de pertencimento e bem estar, sentindo assim a necessidade de cuidá-la, como forma também de preservar a sua própria existência.

Na categoria “como” os resultados demonstraram de que forma as propostas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza devem ser realizadas na prática e esses resultados serviram de subsídio para uma revisão das atividades que faziam parte do protótipo de nosso produto educacional, contribuindo para a sua versão final, apresentada junto a essa dissertação. Primordialmente, o educador deve acreditar na potência das práticas pedagógicas com a natureza e valorizá-las. Deve repensar as práticas de uma rotina engessada nas instituições de Educação Infantil, quando se limitam a trabalhar o tema meio ambiente apenas nas datas comemorativas, quando passam a maior parte do tempo em ambientes fechados e não oferecem os elementos da natureza para as crianças experimentarem. Sendo assim, os professores podem incentivar o desemparedar e criar propostas em que as crianças passem mais tempo ao ar livre; podem valorizar os espaços da natureza ao redor da comunidade escolar; levar também a natureza para dentro da sala; permitir o brincar livre com elementos naturais, como: diferentes texturas de terras, tintas naturais, gravetos, folhas, flores, sementes, brincar com a água, com o vento, sentir a brisa, o calor do sol, brincar com a sombra, entre outros elementos naturais que as crianças podem explorar e criar suas próprias brincadeiras. Para isso, os docentes precisam superar os impedimentos que aparecem, criando

estratégias para contornar os problemas com a infraestrutura, a falta de espaço e o medo dos perigos ao redor; garantindo assim que o brincar na natureza seja um direito da criança.

Como já abordado anteriormente, apesar de o foco desta pesquisa não ser a formação docente, é importante elucidar que através dos resultados observamos que o professor tem um papel primordial no desenvolvimento das práticas pedagógicas e que a forma como ele conduz essas propostas influencia no quanto as crianças irão aproveitar as possibilidades que esse tipo de prática pedagógica oferece. O professor pode criar condições favoráveis para a aprendizagem, dando liberdade para as crianças se expressarem a partir do brincar livre, pode permitir novas experiências e vivências oferecendo ambientes estéticos naturais atrativos para aflorar ainda mais a curiosidade infantil. Todavia, ele também pode ser um professor que limita o senso criativo das crianças, quando quer interferir a todo tempo na proposta para que as suas expectativas sobre a atividade sejam alcançadas em detrimento aos interesses das crianças; dessa forma, o professor acaba podando a criança e modelando-a do seu jeito, sem considerar os seus interesses, sua bagagem cultural familiar e sem permitir que a criança seja um ser ativo em sua aprendizagem. Os resultados nos apontaram questões muito interessantes sobre a qualidade do fazer das práticas pedagógicas; além do professor possibilitar o brincar na natureza ele também deve dar liberdade para esse brincar, mas estar por perto sempre com um olhar e uma escuta atenta para compreender as ações das crianças, já que a observação é muito importante para o processo do desenvolvimento infantil. Podemos também destacar que, conviver e brincar na natureza é um direito de todas as crianças e não deve ser uma escolha do professor; todas as crianças, independente de sua classe social ou faixa etária, desde a mais tenra idade, devem ter acesso ao contato com a natureza e à liberdade para brincarem com os elementos naturais. Sendo assim, a formação docente – aspecto encontrado nos resultados desta pesquisa – se mostra fundamental para que as práticas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza sejam proveitosas para o desenvolvimento pleno das crianças e para a criação de muitas possibilidades para a Educação Infantil.

A partir dos resultados apresentados nesta pesquisa, também foi possível verificarmos que os riscos e o medo da natureza existem, mas não são maiores do que os benefícios que essas práticas pedagógicas oferecem para as crianças; quando o professor tem a convicção e acredita nessas propostas, os riscos também podem ser favoráveis para a construção do desenvolvimento integral da criança, como permitir que ela tenha mais autonomia e seja mais segura de suas ações. Além disso, os dados apontaram que as crianças pequenas se sentem seguras com o professor que está sensível a ouvir os seus interesses, estabelecendo uma

relação de afeto e confiança. O brincar livre na natureza também permite que as crianças criem vínculos com os elementos naturais e transforme-os em brinquedos, recriando novos sentidos e significados para eles, aguçando assim a sua criatividade. Essas práticas pedagógicas também proporcionam à criança uma maior proximidade com a natureza e podem gerar um sentimento de afeto, amor e cuidado para com o meio ambiente. Dessa forma, o brincar livre na natureza também estreita o vínculo entre os pares, favorecendo trocas entre as crianças e os professores, trabalhando as relações sociais e interpessoais.

Além disso, o que ficou evidente na análise dos dados foi a dificuldade que os educadores encontram na aprovação das famílias com esse modelo de práticas pedagógicas mais liberais. As famílias estão acostumadas com o modelo tradicional de ensino e acham que os filhos só vão aprender dessa forma, e por vezes avaliam que o brincar livre pode não ser considerado uma proposta potente para o desenvolvimento infantil. Concluímos que isso acontece, muitas vezes, por falta de informação e/ou falta de oportunidade de as famílias vivenciarem essas práticas. Por isso, os professores sugeriram que as famílias precisam estar inseridas nos projetos das práticas pedagógicas escolares, dando oportunidades a elas de vivenciarem na escola, junto com as crianças, a realização de algumas propostas do brincar junto com a natureza para poderem observá-las de perto, experimentá-las e serem contagiadas pelo olhar e escuta atenta das crianças nesse brincar, e constatarem os benefícios para o desenvolvimento infantil e as possibilidades de aprendizagem que as práticas pedagógicas na natureza permitem.

A análise dos dados também nos despertou para uma possibilidade que não prevíamos nos objetivos da pesquisa: de que as práticas pedagógicas que reconectam a criança com a natureza podem ajudar e favorecer o desenvolvimento das crianças com necessidades específicas. Encontramos estudos que constatarem que a natureza é muito benéfica para o tratamento de algumas doenças atuais como: o TDAH (transtorno do déficit de atenção e hiperatividade), estresse, ansiedade, depressão, por exemplo; e ainda encontramos hipóteses de que esses comprometimentos podem ter sido acarretados pela falta da natureza na sociedade contemporânea. Por isso, além de ajudar no tratamento, o contato com a natureza também pode ser usado como prevenção para evitar que esses comprometimentos ocorram. O contato com a natureza, principalmente no pós-pandemia, tem sido prescrito pelos pediatras e indicado pelos agentes da saúde como elemento fundamental para o desenvolvimento saudável das crianças, assim como manter uma boa alimentação e rotina de sono. Essa questão não foi aprofundada teoricamente nessa pesquisa, mas consideramos fundamental

destacar este aspecto encontrado em nossos resultados e indicá-lo como hipótese para pesquisas futuras.

Ao concluirmos esse estudo, espera-se que a partir dessa pesquisa as propostas de práticas pedagógicas que re conectam as crianças com a natureza venham contribuir para criar novas experiências na Educação Infantil, incentivando o desamparado, proporcionando liberdade para as crianças se expressarem, aguçarem a sua criatividade e se desenvolverem integralmente de forma natural, de modo que as atividades pedagógicas atendam aos interesses da criança, estimulem a sua curiosidade e o prazer nas vivências dentro do contexto da Educação Infantil; mobilizando também o sentimento de respeito e o cuidado com o meio ambiente.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARCE, A., SILVA, D. A. S. M., VAROTTO, M. **Ensinando ciências na educação infantil**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2011.

ASINELLI-LUZ, Araci. **Educação e prevenção ao abuso de drogas: limites e possibilidades**. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo: edição revista e ampliada**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. **Referencial curricular nacional para a educação infantil**. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: 1998. V.1 e 3.

BRASIL. **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil**. Brasília, DF. Conselho Nacional de Educação; Câmara da Educação Básica, 2009. BRASIL 1998.

BRASIL. Ministério da Educação. **Base Nacional Comum Curricular: Educação é a base**. Disponível em: http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_publicacao.pdf . Acessado em junho/2019.

BUITONI, Dulcília Schroeder. **De volta ao quintal mágico: a educação infantil na Te-Arte**. São Paulo: Ágora, 2006.

CALDEIRA, A, M e BASTOS, F, **Alfabetização científica**, in VALE (org), *Escola pública e sociedade*, São Paulo, Editora Unesp, 2002.

CHASSOT, A. **Alfabetização científica: questões e desafios para a educação**. Ijuí, Unijúí, 2003.

ELALI, Gleice Azambuja. **O Ambiente da Escola - o Ambiente na Escola : Uma Discussão sobre a Relação Escola-Natureza Educação Infantil** . *Estud. psicol.* (Natal) 2003, vol.8, n.2. Disponível em: <[http:// www.scielo.org/](http://www.scielo.org/)> Acesso em: 20 julho 2013.

FREIRE, Heike. **Educação verde crianças saudáveis: ideias e práticas para incentivar o contato de meninos e meninas com a natureza**. 1. Ed. São Paulo. Cultrix, 2013.

FREIRE, Paulo. **Educação como prática da liberdade**. Rio de Janeiro/ São Paulo: Paz e Terra, 1976.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed.- São Paulo: Atlas, 2010.

GOMES DE OLIVEIRA, Cátia Cirlene. **Políticas Curriculares para a primeira infância: o uso de cadernos de atividades na Educação Infantil da rede pública municipal da cidade do Rio de Janeiro**. UFRJ, Rio de Janeiro, 2015.

GÓMEZ, A. I. Pérez. **Ensino para a compreensão**. In: SACRISTÁN, J. Gimeno e GÓMEZ, A. I. Pérez. **Compreender e Transformar o Ensino**. 4 ed. Porto Alegre: Artmed, 1998.

GOODSON, I. **Currículo: teoria e história**; tradução de Atílio Brunetta; revisão da tradução: Hamilton Francischetti; apresentação de Tomaz Tadeu da Silva. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995´

KRAMER,S. **Com a Pré-Escola nas mãos: uma alternativa curricular para a Educação Infantil**, São Paulo, Àtica, 2002.

LEGRAND, Louis. **Célestin Freinet** .Recife: Fundação Joaquim Nabuco, Editora Massangana, 2010.

LIMA, Izenildes Bernardina de. **A criança e a natureza: experi-ências educativas nas áreas verdes como caminhos humanizadores**. Curitiba. Appris. 2020.

LOUV, R. **A última criança na natureza: resgatando nossas crianças do transtorno do déficit de natureza**. Tradução Alyne Azuma, Cláudia Belhassof. 1ª ed. - São Paulo: Aquariana, 2016.

MORIN, E. **Educação e complexidade: os sete saberes e outros ensaios**. Tradução e organização de Edgar de Assis Carvalho e Maria da Conceição de Almeida. São Paulo: Cortez, 2009.

OLIVEIRA G.C.S. e TONIOSSO J.P. **Educação ambiental: práticas pedagógicas na educação infantil**; São Paulo, 2014

OLIVEIRA, Zilma Ramos de Oliveira. **Educação Infantil Métodos**. São Paulo, 2002.

PASCHOAL, Jaqueline Delgado; MACHADO, Maria Cristina Gomes. **A História da educação infantil no Brasil: avanços, retrocessos e desafios dessa modalidade educacional.** Revista HISTERDBR On-line. Campinas, n.33, mar. 2009.

PEARCE, Joseph Chilton. **À Criança mágica: a redescoberta do plano da natureza para nossas crianças;** Rio de Janeiro: F. Alves, 1987.

PIORSKI, Gandhy. **Brinquedos do chão: a natureza, o imaginário e o brincar.** São Paulo. Peirópolis. 2016.

RIO DE JANEIRO: SME, 2010. **Orientações Curriculares para a Educação Infantil.**

Disponível

em:<http://www.rio.rj.gov.br/dlstatic/10112/4246634/4104953/orientacoesCurricularesEdInfantil.pdf> Acesso: setembro 2020.

RIZZO, Gilda. **Creche: organização, currículo, montagem e funcionamento.** 3. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

SACRISTÁN GIMENO, J. **O currículo: uma reflexão sobre a prática.** 3. ed. Porto Alegre, RS: Artmed, 2000.

_____. **Aproximação ao conceito de currículo.** In: _____. O currículo: uma reflexão sobre a prática. Porto Alegre: ArtMed, 1998.

_____. **A cultura para os sujeitos ou os sujeitos para a cultura? O mapa mutante dos conteúdos na escolaridade.** In: _____. Poderes instáveis em educação. Porto Alegre: ArtMed, 1999.

SAVIANI, D. **Pedagogia Histórico-Crítica: Primeira Aproximações.** São Paulo, Autores Associados, 1992.

SILVA, R,R O. **O Ensino de Ciências na Educação Infantil.** Dissertação de Mestrado apresentada no programa de Pós-Graduação em Ensino de Ciências da Unesp ,Bauru, 2002.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: Uma Introdução às Teorias de Currículo.**3º Edição. Editora Autêntica. 2010.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa** - ação. 2. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

TIRIBA, Léa. **Crianças, Natureza e Educação Infantil**. Tese de doutorado. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro: PUC-RJ, 2005.

_____. **Crianças na natureza**. Anais do I Seminário Nacional: currículo em movimento – Perspectivas Atuais. Belo Horizonte, novembro de 2010.

_____. **Educação Infantil como direito e alegria**. 1ªed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

VÉRA, Ariélla Ferreira **Ciências da Natureza na Educação Infantil: um estudo sobre a prática docente**. / Ariélla Ferreira Véra. – Curitiba, 2017.

ZUQUIERI, R. C. B. **O ensino de ciências na educação infantil: análise de práticas docentes na abordagem metodológica da pedagogia histórico-crítica** / Bauru, 2007.

APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO PARA OS PROFESSORES

- 1- Qual é a sua área de atuação e formação? Em qual instituição se formou? Há quanto tempo?
- 2- O que significa para você trabalhar na Educação Infantil?
- 3- As crianças na creche em que você trabalha ficam mais tempo dentro ou fora de sala de aula? Quanto tempo elas ficam no parquinho ou espaço aberto?
- 4- Você acha que o espaço externo e o ambiente com árvores, terra, gramado, gravetos são lugares que trazem riscos para as crianças? De que forma?
- 5- Como é organizado o planejamento da creche onde você trabalha? Por quem é elaborado, as crianças contribuem para a construção desse planejamento?
- 6- Com qual frequência as atividades são realizadas no espaço externo da escola?
- 7- Na creche onde você trabalha as crianças costumam ter contato com a natureza? De que forma é essa relação?
- 8- Cite algumas atividades que você já tenha feito com as crianças que permitiram a interação da criança com a natureza.
- 9- O currículo da sua instituição permite o brincar livre? De que forma ele acontece? Geralmente acontecem no espaço interno ou externo da escola? Quais os materiais são oferecidos para esse brincar livre? Como são feitos os registros dessa brincadeira livre?

APÊNDICE B – ROTEIRO DE PERGUNTAS PARA ENTREVISTA SEMI-ESTRUTURADA

- 1- Como nós, professores, podemos despertar o maior interesse, a curiosidade e o prazer dos alunos nas práticas da Educação Infantil? Você avalia que as atividades que permitam experiências das crianças junto à natureza podem colaborar nesses aspectos?
- 2- Você concorda com o termo “desemparedar”? Em sua opinião, a rotina da creche possibilita o maior tempo da criança dentro ou fora de sala de aula? Como reorganizar essa rotina para permitir o maior tempo no espaço externo?
- 3- As propostas pedagógicas que reconectam as crianças com a natureza mobilizam o desenvolvimento da admiração, do zelo e do respeito pelo meio ambiente? De que forma?
- 4- Em sua opinião, reconectar as crianças com a natureza é preciso? Por quê?
- 5- Como o brincar livre com elementos naturais no espaço externo podem enriquecer as práticas pedagógicas na Educação Infantil?
- 6- Como lidar com os riscos e os desafios que as pessoas impõem sobre as propostas junto à natureza?
- 7- Como as práticas pedagógicas junto à natureza podem criar novas possibilidades e contribuir para as experiências da Educação Infantil?

APÊNDICE C- ATIVIDADES DO CURSO

Aula 1 - Quem são as crianças da Educação Infantil?

Atividade 1: Vamos plantar batata-doce?

"Batatinha quando nasce espalha rama pelo chão..."

Coloque uma batata-doce em um recipiente de vidro com água, pode ser de qualquer formato e tamanho, de acordo com o tamanho da batata-doce e disponibilidade de pote que tiver em casa.

Muitas dúvidas devem surgir: como plantar? Como cuidar? Como manter? Ao invés de ir à busca de respostas prontas, aproveite para fazer das suas incertezas um processo investigativo. Vamos observar, levantar hipóteses e pesquisar. Observe a vida pulsando através do crescimento da batata-doce, de modo a conectar-se com ela para perceber o seu tempo, o seu desenvolvimento e as suas necessidades.

Faça um registro diário das suas observações e as mudanças que vão acontecendo ao longo do tempo, seja minucioso e se encante com toda transformação que irá acontecer.

Compartilhe conosco semanalmente fotos e relatos desse processo. Inicialmente, poste aqui a primeira foto da sua batata-doce, nos conte como foi a sua experiência na plantação e quais as inquietações que surgiram.

Aula 2 - Como aproveitar a curiosidade natural das crianças para favorecer a construção do conhecimento na Educação Infantil?

Atividade 2: experiências com a terra

Elabore um espaço convidativo para o brincar com a terra, ofereça diferentes tipos de terras para as crianças explorarem, algumas sugestões: barro, areia, terra preta, argila, argila colorida, argila em pó. Além das terras você pode oferecer também temperos, café, urucum, açafrão, tintas orgânicas, irão enriquecer ainda mais a brincadeira.

Ofereça elementos para as crianças interagirem com as terras, como: recipientes, colheres, peneiras, funis, frutas secas, coco seco, panelinhas. Você pode colocar também um cartaz para quem quiser se expressar através da arte e desenhos.

Deixe que as crianças explorem livremente os materiais, sintam as diferentes texturas com as mãos, os pés, pintem o corpo, brinquem de comidinhas e criem as suas próprias brincadeiras. Observe com um olhar sensível e atento para as potencialidades das crianças e as possibilidades que essa proposta pode oferecer.

Registre esse momento com fotos, vídeos, escreva as ações e falas das crianças.

Aula 3 - É preciso reconectar crianças e natureza.

Atividade 3: Caça ao tesouro

Essa atividade é um convite para você e seus alunos observarem a natureza à sua volta, dentro de casa e da escola, durante o caminho, no pátio...

Como enxergo a natureza ao meu redor? Vamos aguçar o olhar investigativo e zeloso. Olhar ao redor em busca de natureza. Olhar com afeto e sensibilidade para o que é comum. Quantas vezes passamos por uma árvore sem observá-la ou perceber que ela está ali? A natureza está em toda parte, basta um olhar sensível para prestigiá-la.

Faça um passeio com as crianças ao redor da escola e incentive que eles procurem a natureza e os seus elementos. Anote ou grave suas falas e observações.

Se eles quiserem coletar algum elemento da natureza, flores, pedrinhas, folhas, gravetos, por exemplo, guarde esses elementos em uma caixinha e construa com eles a caixa dos tesouros, com a sua coleção da natureza. Converse sobre o que eles sentem quando estão perto da natureza, ressalte a sua beleza e como devemos ter zelo por ela.

Permita que eles brinquem livremente pelo espaço ao ar livre, corram, explorem e interajam com o ambiente e os seus elementos. Observe com um olhar sensível e atento para a potencialidade das crianças e as possibilidades que essa proposta pode oferecer. Registre esse momento com fotos, vídeos, escreva as ações e falas das crianças.

Aula 4 - Desemparedar: possibilidades para descobertas além da sala de aula

Atividade 4: Brincadeira com água ao ar livre

Elabore um ambiente convidativo para o brincar com propostas com água e permita que a criança explore o espaço livremente. Seja criativo(a)!

Segue algumas sugestões de propostas que podem compor esse ambiente brincante com água:

*Gelo da natureza- em um recipiente, congele água e elementos da natureza (flores, folhas, gravetos, temperos..)

*Borrifadores com água colorida, água morna e água gelada.

*Bolinha de sabão

* Espuma colorida (bater no liquidificador ou batedeira água + sabão + corante)

*Bacias com água.

Disponibilize materiais para as crianças interagirem com a água: baldes, copos, bacias vazias, elementos da natureza, colheres, conchas, peneiras, funis, entre outros.

Dê preferência ao ambiente ao ar livre e permita que a criança tenha liberdade para se expressar, molhar e explorar.

Observe com um olhar sensível e atento para a potencialidade das crianças e as possibilidades que essa proposta pode oferecer.

Registre esse momento com fotos, vídeos, escreva as ações e falas das crianças.

Aula 5 - O meio ambiente como fonte de possibilidades para a Educação Infantil

Atividade 5: Elabore uma prática pedagógica na natureza de acordo com os estudos realizados durante as aulas no curso.

Agora é com você! Elabore uma prática pedagógica que possibilite a interação das crianças com a natureza. Descreva a proposta e registre as suas observações.

ANEXO A – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO – MAIORES DE IDADE

Você está sendo convidado (a) a participar como voluntário (a) da pesquisa denominada **RECONECTAR CRIANÇAS E NATUREZA**: possibilidades para a educação infantil, realizada no âmbito do Programa de Mestrado Profissional em Práticas de Educação Básica, vinculado à Pró-Reitoria de Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura do Colégio Pedro II e que diz respeito a uma dissertação de mestrado.

1. OBJETIVO: O objetivo do estudo é compreender como as práticas pedagógicas que envolvem o contato com os elementos naturais e o ambiente externo podem reconectar a criança da natureza e criar novas possibilidades para a Educação Infantil.

2. PROCEDIMENTOS: a sua participação consistirá em participar de um curso online, de cinco encontros com 2h de duração cada, onde ocorrerão momentos de interações e estudos. O primeiro encontro do curso será de apresentação dos participantes, da pesquisadora e da pesquisa, bem como solicitaremos o preenchimento de um questionário; iremos iniciar, também, o estudo de alguns temas do referencial teórico da pesquisa. Do 2º ao 4º encontro, o curso abordará, temas do referencial teórico da pesquisa vinculados às práticas pedagógicas da Educação Infantil, que contemplem os assuntos discutidos. Você poderá realizar as atividades apresentadas nos encontros, e retornar no encontro seguinte com o registro de como foi a atividade para compartilhar com a pesquisadora e os demais integrantes do curso. E no 5º e último encontro iremos finalizar com uma autoavaliação escrita e um debate sobre os temas abordados e as perspectivas dos participantes sobre a aplicação das práticas apresentadas e realizadas durante o curso. Ao final do curso você poderá participar de uma entrevista semiestruturada, por via remota. Todo material produzido e suas contribuições durante os debates realizados ao longo do curso serão utilizados como dados para a pesquisa e colaborarão para a construção do produto final – um caderno de práticas pedagógicas com propostas de atividades que irão orientar professores interessados em trabalhar com uma perspectiva de interação da criança com a natureza na Educação Infantil. Os registros serão feitos por fotografias, vídeo e/ou áudiogravações e por documentos escritos.

3. POTENCIAIS RISCOS E BENEFÍCIOS:

Toda pesquisa oferece algum tipo de risco. Nesta pesquisa, o risco pode ser avaliado como mínimo isto é, por ser um curso online, o participante pode apresentar problemas na conexão com a internet, ter dificuldade para manusear a plataforma digital; não conseguir realizar as atividades propostas durante o curso. A participação ao vivo durante o curso, a realização da entrevista e as

gravações podem causar algum tipo de constrangimento e/ou desconforto em certos participantes em alguns momentos, por estarem em grupo com outras pessoas, por estar sendo gravado e/ ou não conseguirem responder determinadas perguntas.

Objetivando minimizar esses riscos, o participante tem a possibilidade de consultar o material escrito do curso para leitura em off-line; caso o participante não consiga estar online no dia, terá auxílio para o manuseio da plataforma digital e flexibilização de tempo/espço para a execução das atividades. É importante ressaltar que não existem respostas certas ou erradas, toda a nossa troca será importante para debatermos os assuntos e toda opinião e crítica é relevante para o debate de reflexão sobre as nossas práticas na Educação Infantil. As identidades dos participantes serão mantidas em sigilo.

Por outro lado, são esperados os seguintes benefícios da participação na pesquisa: ampliar o conhecimento sobre os temas Criança, Natureza e Educação Infantil; enriquecer suas práticas pedagógicas com atividades e vivências de experimentação da natureza, que buscam pela liberdade e desenvolvimento pleno da criança da Educação Infantil; reconectar-se com a natureza juntamente com as crianças; contribuir na formação de cidadãos conscientes com o cuidado e preservação do meio ambiente.

4. GARANTIA DE SIGILO: os dados da pesquisa serão publicados/divulgados em livros e revistas científicas. Asseguramos que a sua privacidade será respeitada e o seu nome ou qualquer informação que possa, de alguma forma, o (a) identificar, será mantida em sigilo. O (a) pesquisador (a) responsável se compromete a manter os dados da pesquisa em arquivo, sob sua guarda e responsabilidade, por um período mínimo de 5 (cinco) anos após o término da pesquisa.

5. LIBERDADE DE RECUSA: a sua participação neste estudo é voluntária e não é obrigatória. Você poderá se recusar a participar do estudo ou retirar seu consentimento a qualquer momento, sem precisar justificar. Se desejar sair da pesquisa você não sofrerá qualquer prejuízo.

6. CUSTOS, REMUNERAÇÃO E INDENIZAÇÃO: a participação neste estudo não terá custos adicionais para você. Também não haverá qualquer tipo de pagamento devido a sua participação no estudo. Fica garantida indenização em casos de danos, comprovadamente decorrentes da participação na pesquisa, nos termos da Lei.

7. ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS, CRÍTICAS, SUGESTÕES E RECLAMAÇÕES: você receberá uma via deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) e a outra ficará com o(a) pesquisador(a). Caso você concorde em participar, as páginas serão rubricadas e a última página será assinada por você e pelo(a) pesquisador(a). O(a) pesquisador(a) garante a você livre acesso a todas as informações e esclarecimentos adicionais sobre o estudo e suas consequências. Você poderá ter acesso ao(a) pesquisador(a) Katiany Khristiny Coutinho Silva de Souza pelo telefone (21)987826441 ou pelo email: prof.katiany@gmail.com. Se você tiver alguma consideração ou dúvida sobre a ética da pesquisa, poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa do Colégio Pedro II (CEP/CPII), situado no Endereço: Campo de São Cristóvão nº 177, prédio da Pró-Reitoria de

Pós-Graduação, Pesquisa, Extensão e Cultura (PROPGPEC), sala 202-B – São Cristóvão – Rio de Janeiro, CEP 29921-903, pelo telefone: 21 3891-0020 ou pelo e-mail: cep@cp2.g12.br

CONSENTIMENTO

Eu, _____ li e concordo em participar da pesquisa.

Assinatura do(a) participante	Data: ___/___/___
-------------------------------	-------------------

Eu, _____ obtive de forma apropriada e voluntária o Consentimento Livre e Esclarecido do(a) participante da pesquisa.

Assinatura do(a) pesquisador(a)	Data: ___/___/___
---------------------------------	-------------------

ANEXO B - PARECER CONSUBSTANCIADO DA PLATAFORMA BRASIL



COLÉGIO PEDRO II



PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: RECONNECTAR CRIANÇAS E NATUREZA: POSSIBILIDADES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL

Pesquisador: KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA

Área Temática:

Versão: 2

CAAE: 48540521.2.0000.9047

Instituição Proponente: Colégio Pedro II

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 4.973.487

Apresentação do Projeto:

As informações colocadas nos campos denominados "Apresentação do Projeto", "Objetivo da Pesquisa" e "Avaliação dos Riscos e Benefícios" foram retiradas do documento intitulado



COLÉGIO PEDRO II



Continuação do Parecer: 4.973.487

Outros	TERMO_DE_CONFIDENCIALIDADE.pdf	26/05/2021 18:22:22	COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito
Outros	DECLARACAO_ISENCAO_de_CUSTO S.pdf	26/05/2021 18:21:10	KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito
Declaração de Instituição e Infraestrutura	Declaracao_de_Anuencia.pdf	26/05/2021 18:20:18	KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TCLE.pdf	26/05/2021 18:08:16	KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito
Orçamento	Orçamento.pdf	26/05/2021 17:46:04	KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito
Folha de Rosto	folhaDeRosto.pdf	26/05/2021 17:42:09	KATIANY KHRISTINY COUTINHO SILVA DE SOUZA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

RIO DE JANEIRO, 14 de Setembro de 2021

Assinado por:
Kátia Regina Xavier da Silva
(Coordenador(a))